

Cláudio Donizett Silva
Orquídea Moreira Ribeiro
Fernando Torres Moreira

Narrativas de Resistência

Cultura e Democracia em
PEPETELA
(Ensaios)



Narrativas de Resistência
Cultura e Democracia em Pepetela

(Ensaaios)

**Cláudio Donizett Silva
Orquídea Moreira Ribeiro
Fernando Torres Moreira**

**Narrativas de Resistência
Cultura e Democracia em Pepetela**

(Ensaaios)

Copyright © Autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos dos autores.

Cláudio Donizett Silva; Orquídea Moreira Ribeiro; Fernando Torres Moreira

Narrativas de Resistência: Cultura e Democracia em Pepetela (*Ensaio*). São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 173p. 16 x23 cm.

ISBN: 978-65-265-1583-9 [Digital]

DOI: 10.51795/9786526515839

1. Cultura. 2. Democracia. 3. Memória. 4. Angola. 5. Pepetela. I. Título.

CDD – 370

Capa: Marcos Della Porta

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

Sumário

I Apresentação	7
II Pepetela: Cultura, democracia e representações	13
III Angola, História e Representações	39
IV Representações culturais e de democracia em Pepetela	69
V Considerações Finais	155
Referências	163
Sobre os autores	173

I

Apresentação

A literatura tem o poder de transcender fronteiras, desvendando histórias, culturas e identidades que moldam as sociedades ao longo do tempo. *Narrativas de Resistência: Cultura e Democracia em Pepetela* é um convite para uma viagem pelo imaginário angolano, guiada por um dos mais proeminentes escritores de Angola: Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, conhecido pelo pseudônimo Pepetela.

Pepetela nasceu em Benguela, Angola, em 1941. Ao longo de sua vida, ele se destacou não só como autor de uma vasta e diversificada obra literária, mas também como sociólogo, professor universitário e participante ativo na luta pela libertação de Angola. Seu engajamento político e social é refletido em sua escrita, que aborda de forma crítica as complexidades e desafios da sociedade angolana. Sua literatura não só entretém, mas também provoca reflexões profundas sobre a realidade angolana, oferecendo ao leitor uma perspectiva essencial da cultura e da política do país. Pepetela é autor de 25 obras de ficção e vencedor de inúmeros prêmios, dos quais se destaca o Prémio Camões em 1997.

Este livro é uma adaptação da dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Cultura da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Portugal, orientada pela Professora Doutora Orquídea Moreira Ribeiro e pelo Professor Doutor Fernando Moreira. A pesquisa teve como objetivo analisar as representações culturais e exemplos de

democracia em quatro obras significativas de Pepetela: *A Geração da Utopia* (1992), *O Desejo de Kianda* (1995), *A Montanha da Água Lilás* (2000) e *Sua Excelência de Corpo Presente* (2018). A escolha feita é justificada pelo fato de os textos em questão abordarem elementos biopsicossociais que extrapolam os seus respectivos universos diegéticos e dialogam com os contextos histórico, cultural, ideológico, social, econômico e político, internos e externos de Angola, em diferentes períodos, mantendo viva a sua memória.

A Geração da Utopia é uma narrativa que se destaca pela crítica aberta aos diferentes regimes totalitários e corruptos que Angola enfrentou desde o período colonial até o pós-colonialismo. Através da história de jovens revolucionários, Pepetela expõe as ilusões e desilusões que marcaram a luta pela independência, mostrando como os sonhos de uma sociedade justa foram traídos pela realidade da corrupção e do autoritarismo. Este romance é uma reflexão sobre os sacrifícios e os ideais que impulsionaram a luta de libertação, ao mesmo tempo que critica a nova elite emergente que se beneficiou do processo revolucionário.

O Desejo de Kianda aborda a complexidade do pós-colonialismo em Angola por meio de uma narrativa que mistura o real e o fantástico. A história se passa em Luanda, onde prédios modernos começam a afundar misteriosamente. Este evento é interpretado como a vingança de Kianda, o espírito das águas, contra a destruição causada pelo desenvolvimento urbano desordenado e pela corrupção. Pepetela utiliza essa fábula moderna para criticar a forma como as tradições culturais são negligenciadas em favor do progresso material, destacando a necessidade de uma harmonia entre a modernidade e a ancestralidade.

A Montanha da Água Lilás é uma fábula alegórica que se passa em um mundo imaginário onde diferentes grupos de animais lutam pelo controle de um recurso precioso – a água lilás. Através da história, Pepetela explora temas universais como a ganância, a exploração e a destruição do meio ambiente. Embora ambientada em um contexto fictício, a narrativa faz alusão direta aos desafios enfrentados por Angola, particularmente em relação à gestão dos

recursos naturais e à preservação da cultura diante das pressões econômicas.

Já a obra *Sua Excelência de Corpo Presente* é uma crítica mordaz aos regimes ditatoriais que ainda persistem em vários países africanos. O romance é ambientado em um país fictício onde o corpo do ditador, morto mas ainda consciente e influente, permanece no palácio presidencial, ouvindo e observando tudo ao seu redor. Pepetela utiliza o humor e a ironia para explorar as consequências do autoritarismo e da corrupção, mostrando como o poder absoluto corrompe. Por meio da narrativa, o autor oferece uma reflexão sobre a necessidade de uma verdadeira democracia e de líderes comprometidos com o bem-estar do povo.

A construção das personagens, nas quatro obras de Pepetela analisadas neste livro, alegoricamente, simbolizam dois arquétipos: 1) a nova burguesia e elite do país, bem como o dilaceramento da nação, que teve a estabilidade de seus valores éticos e morais fragilizados no período histórico de pós-independência de Angola, marcado por alianças de poder que geraram um contexto propício à corrupção no país; e 2) personagens relacionadas a um universo maravilhoso, ligadas à ancestralidade mágica, que ressaltam a sabedoria, as tradições culturais de Angola e a mitologia nacional.

Justifica-se a proposta temática deste livro não só devido à relevância do conjunto da obra de Pepetela e, em particular, das aqui selecionadas, mas também porque os tópicos selecionados apresentam inúmeras características que possibilitam considerá-los como verosímeis, permitindo, assim, a reflexão sobre temas universais abordados, como a transformação de paradigmas culturais, suas causas e consequências, e assuntos como “cultura” e “democracia”, a partir de trabalhos inseridos nas áreas dos estudos culturais e pós-coloniais. Além disso, o assunto também se justifica uma vez que uma pesquisa mais aprofundada em repositórios científicos de Portugal e nas plataformas digitais internacionais *Scientific Electronic Library Online* e *Science Direct*

evidenciou a inexistência de documentos que investiguem representações de cultura e democracia nos textos selecionados.

Os repositórios referidos são plataformas de pesquisa de renome internacional e altamente especializadas na divulgação de trabalhos acadêmicos de diversas áreas temáticas. Sua relevância se dá não apenas pela vasta gama de documentos disponíveis, mas também pelo rigoroso processo de avaliação e revisão pelo qual passam os estudos ali publicados. Além disso, a escolha destes repositórios deve-se à sua abrangência temática, à facilidade de acesso a pesquisas de diferentes países e à garantia de que o conteúdo consultado é de alta qualidade acadêmica, o que confere maior precisão e confiabilidade à investigação desenvolvida. No entanto, é importante ressaltar que a pesquisa não se limitou exclusivamente a estas plataformas digitais. Houve um extenso trabalho de busca de outros documentos bibliográficos pertinentes, consultas em bibliotecas e livrarias, em uma tentativa de abarcar todas as possíveis fontes que pudessem contribuir para um entendimento aprofundado do tema em questão. Optou-se por focalizar inicialmente nos repositórios mencionados devido à sua especialização e abrangência, mas, com a consciência da amplitude e complexidade do tema, outras fontes foram essenciais para enriquecer e complementar o escopo da pesquisa.

A Geração da Utopia e *O Desejo de Kianda* são exemplos de como Pepetela critica abertamente os regimes totalitários e corruptos que prejudicaram Angola, desde o período colonial até o pós-colonialismo. Em *A Montanha da Água Lilás* e *Sua Excelência de Corpo Presente*, embora não haja referências explícitas a Angola, o contexto histórico e as críticas veladas aos regimes ditatoriais são evidentes. Essas obras utilizam a ficção para explorar e denunciar as injustiças e os desafios enfrentados pelo povo angolano, proporcionando uma visão crítica da evolução política e social do país.

Este livro considerou uma abordagem qualitativa de análise de conteúdo para tentar perceber como Pepetela representa a cultura e a democracia no imaginário angolano. O processo hermenêutico utilizado valorizou fragmentos textuais que ilustram

as diversas formas de resistência e resiliência do povo angolano, entre as quais se destaca a importância da ancestralidade e da sabedoria tradicional, frequentemente representadas por personagens ligadas a um universo mágico e mitológico. De um modo evidente, as narrativas em estudo conectam-se à rica diversidade cultural de Angola, evidenciando a luta contínua pela preservação e valorização das tradições culturais em face das adversidades políticas e sociais.

A análise proposta se ancora principalmente em referenciais teóricos dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais, dois campos intrinsecamente interligados quando se trata do exame das narrativas angolanas. Dentro dos estudos culturais, a obra de Stuart Hall é essencial para compreender as complexidades das identidades culturais em contextos pós-coloniais e a forma como as narrativas podem atuar na construção e reconstrução dessas identidades. Hall (2006) defende que a identidade cultural é um processo de produção contínua e não algo fixo, o que permite analisar as obras de Pepetela como parte dessa produção e reconfiguração da identidade angolana. Paralelamente, Homi K. Bhabha (1990), nos estudos pós-coloniais, introduz a interseção entre o colonizador e o colonizado, que se manifesta no hibridismo cultural. Esta noção é vital para entender como a cultura angolana, em sua resistência e adaptação, moldou-se em resposta ao legado colonial, aspecto notório nas narrativas de Pepetela.

Através das páginas deste livro, espera-se proporcionar uma compreensão mais ampla da obra de Pepetela, destacando a sua relevância não só para a literatura angolana, mas também para os estudos culturais e pós-coloniais. Espera-se que esta obra inspire leitores de diversas áreas – não só pesquisadores da área de Ciências da Cultura, público-alvo inicial da dissertação de mestrado que lhe deu origem, mas também, a partir desta adaptação, amantes da literatura africana, professores e pesquisadores de outras áreas – a valorizar e refletir sobre a rica e complexa cultura de Angola. Ao explorar as narrativas de Pepetela, os leitores serão convidados a considerar as implicações mais

amplas da cultura e da democracia na formação das identidades coletivas, reconhecendo a importância da resistência e da resiliência na construção de uma nação.

II

Pepetela: Cultura, democracia e representações

A literatura angolana ocupa um lugar de destaque no panorama cultural pós-colonial, sendo uma ferramenta essencial para a reflexão e a reconstrução da identidade nacional. Em um contexto marcado por um passado colonial e um presente ainda em transição, os escritores angolanos, particularmente Pepetela, utilizam a literatura como um meio de expressar as complexas realidades culturais, sociais e políticas do país. Através de suas narrativas, é possível explorar as nuances da identidade angolana, questionar as estruturas de poder estabelecidas e promover uma compreensão mais profunda das dinâmicas internas que moldam a nação.

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma revisão de literatura sobre a obra de Pepetela sob a ótica da cultura, democracia e suas representações, expondo discussões sobre as contribuições dessa literatura. Discute-se, por exemplo, como o autor aborda a construção da identidade nacional angolana, as tensões políticas e sociais, e os desafios enfrentados no período pós-independência. Destaca-se, aqui, a relevância de Pepetela como um dos principais agentes da história e da cultura angolanas, cujas narrativas oferecem uma visão sobre a diversidade da nação.

Segundo Inocência Mata, em *Ficção e história na literatura angolana: o caso de Pepetela* (2008), a imagem de Angola continua a “construir-se com o subsídio da literatura, e esta continua a desempenhar papel que vai além de seus significados/estética simbólica” (2008, p. 15). A observação da professora e investigadora são-tomense sobre a literatura angolana destaca uma

realidade significativa: em muitas sociedades pós-coloniais, a literatura não é apenas um meio de expressão artística, mas também uma ferramenta fundamental para a formação e representação da identidade nacional e cultural. No caso de Angola, um país que passou por séculos de domínio colonial seguido por uma guerra civil intensamente prolongada, a literatura desempenha um papel vital não apenas na representação da história e da cultura, mas também na reimaginação e redefinição da identidade nacional.

Mata afirma que a literatura é uma força ativa e contínua na construção da identidade nacional. Mais do que simplesmente refletir a realidade, a literatura molda a percepção dessa realidade. Ela tem o poder de influenciar como os angolanos veem a si mesmos, sua história e seu lugar no mundo, bem como como são vistos por outros. Ao ler obras literárias angolanas, mergulha-se em complexidades, tensões e esperanças de uma nação (2008, pp. 15-20).

Em reforço destas afirmações, Inocência Mata dá conta que, em 1992, dois romances angolanos foram lançados em Portugal: *O Signo do Fogo*, de Boaventura Cardoso, e *A Geração da Utopia*, de Pepetela, ambos abordando a luta pela independência de Angola e a desilusão subsequente, mas sob perspectivas diferentes. *A Geração da Utopia* de Pepetela segue um grupo de jovens angolanos em Lisboa nos anos 1960, expondo as mudanças ideológicas acontecidas até 1991, quando Angola começou a abraçar políticas neoliberais. Por outro lado, *O Signo do Fogo* foca na resistência anticolonial dentro de Luanda, destacando os desafios internos e as divisões dentro do Movimento Popular para a Libertação de Angola/MPLA (2008, p. 43).

A singularidade destes romances não se baseia apenas nas suas narrativas, mas também na maneira como se relacionam intertextualmente, sugerindo uma evolução na literatura angolana. Ambos se baseiam em uma perspectiva memorialista que reflete sobre experiências passadas dissonantes, contrapondo-se ao idealismo das narrativas anteriores da época colonial. As obras provocam questionamentos sobre a literatura consagrada, que foi

fundacional para a identidade angolana, como os trabalhos de António Jacinto e Agostinho Neto. Em vez de reforçar a ideia de uma nação unificada, ambas desafiam essa noção, apresentando uma história mais complexa e diversificada. A literatura angolana, como indicado por estas obras, começou a desafiar a grande narrativa da nação, introduzindo temas anteriormente evitados como desconfianças internas e motivações ocultas no movimento nacionalista (Mata, 2008, p. 45).

Ademais, Mata destaca que a literatura em Angola, particularmente as obras de Pepetela, se faz notar pela maneira única como aborda a relação entre história e ficção, especialmente em contextos conflituosos de autonomização. Este foco é especialmente evidente em situações políticas, culturais e sociais de Angola. Pepetela, conforme salienta Mata, oferece, em obras como *Muana Puó*, *Mayombe* e *A Geração da Utopia*, uma perspectiva crítica sobre a história de Angola e como a memória individual desempenha um papel na formação da narrativa histórica nacional (2008, p. 47).

Os romances de Pepetela, para Mata, evidenciam a complexidade da identidade angolana, questionando narrativas utópicas de coesão e harmonia nacionais que muitas vezes suprimem as diversidades culturais e históricas do país. Em suas histórias, ele demonstra a necessidade de reconhecer a multiplicidade e a diversidade cultural de Angola, em contraste com uma visão unificadora que poderia ignorar as distintas realidades do país. Além disso, temas como etnia, raça, classe e gênero são frequentemente explorados nas obras do autor. Pepetela destaca que esses conceitos, muitas vezes usados de maneira simplista ou binária, precisam ser revisados e questionados. Há também uma ênfase na relação entre a terra e a identidade nacional em sua literatura. Pepetela destaca a importância da “transterralização”, o processo pelo qual a terra é reconhecida e reivindicada como parte integrante da identidade nacional angolana (Mata, 2008, pp. 52-53).

No estudo “Produção pós-colonial: uma análise de a ‘geração da utopia’ de Pepetela” (2017), Daynara Lorena Aragão Côrtes revela que as narrativas escritas no período colonial de Angola são atravessadas pela forte imposição imperialista da metrópole. Deste modo, as produções de Pepetela, como *A geração da utopia*, podem ser classificadas como literatura de resistência, na medida em que romperam fronteiras antes postas. Nessa conjuntura, “as produções de Pepetela, já no período de pós-independência, recebem um reconhecimento notório, sobretudo, pelo engajamento estético, do fazer literário, bem como, da postura política de combate presente em seus livros, especificamente, *A Geração da Utopia*” (Côrtes, 2017, p. 18). Nesse cenário, verifica-se que o exame de Côrtes contribui para a discussão na medida em que evidencia como as exposições de Pepetela possibilitam a investigação do passado e a possível reconstrução de memórias coletivas. Explica Côrtes:

É muito frequente na produção pepeteliana encontrar elementos que retomam as posições antagônicas entre o colonizador *versus* colonizado, construindo o que poderíamos chamar de uma “literatura de combate”. Todavia, o que se apresenta como inovador, dentro dessa busca pela construção das identidades angolanas que o autor se insere, será as múltiplas vozes trazidas no texto e as diferentes visões dadas à colonização, bem como, ao processo de independência (2017, p. 18).

De modo convergente, Tatiane Reghini Mattos (2013), em *As vozes narrativas de Pepetela: A geração da utopia e Predadores* (2013), demonstra o potencial na descrição de *A Geração da Utopia* enquanto uma forma de investigação de desdobramentos históricos, culturais e sociais do período colonial em Angola, mas com foco na construção do narrador. De acordo com a autora, a investigação histórica de Angola, circunscrita ao romance de Pepetela, demonstra que o condicionamento das estratégias de focalização em *A Geração da Utopia* é estreitamente ligado ao movimento de aproximação ou de distanciamento dos eventos históricos, ou seja, quanto mais distante na apresentação do período que marca a memória dos angolanos da época da guerra

de libertação, a época das lutas, maior a carga negativa no ato de narrar; já a proximidade temporal a esta mesma época, na narrativa, imprime às estratégias de focalização de Pepetela maior carga de positividade nas escolhas lexicais utilizadas no tocante a narrar os fatos (Mattos, 2013, p. 106).

Considerando o espaço temporal que compreende o período da guerra de libertação até às primeiras negociações da guerra civil, por exemplo, nota-se que o narrador que observa os fatos vê com entusiasmo as possibilidades no que respeita o futuro da nação, de forma utópica e, no final da exposição, se torna mais letárgico diante da perplexidade provocada pelos acontecimentos no período de pós-independência. A arguição de Mattos, ao analisar a postura da exposição assumida no tocante às personagens, também explicita a perspectiva ideológica de Pepetela, que é de oposição à dominante na época: opõe-se tanto ao colonialismo quanto à elite que se estabelece em Angola na pós-independência (2013, p. 107).

Em “O desafio do ‘outro’ africano: formação da identidade e invenção da(s) África(s) a partir do romance ‘A geração da utopia’ de Pepetela” (2016), João Matias de Oliveira-Neto baseia-se na narrativa *A Geração da Utopia* para explicar como “múltiplas identidades foram sendo construídas, em parte como herança de uma visão nacionalista sobre a África, e de que maneira os escritores africanos, à sua maneira, representam-na dentro de contextos específicos” (2016, p. 246). O autor destaca que a postura de algumas exposições em optar pelo hibridismo ou mestiçagem na descrição da identidade de povos africanos, como ocorre em algumas obras portuguesas, engessa e simplifica concepções mais plurais a respeito da identidade angolana, de modo a legitimar a presença europeia em Angola, aceitando-a, sem questionamentos com relação às consequências das assimetrias de poder impostas pelos colonizadores ao povo colonizado.

Diferentemente dessas narrativas, a obra de Pepetela tensiona e ressignifica o paradigma da identidade angolana nas personagens. Desse modo, o contributo de Oliveira-Neto para a análise neste trabalho está em demonstrar que a recepção

influencia na criação das personagens em *A Geração da Utopia*, o que significa que

eles têm algo a nos dizer, e mais do que a mera criação ficcional pode representar – representação que já tem muito a nos dizer; ou ainda, que o escritor não se furta de abordar personagens dentro de um determinado paradigma para não romper ou, em outra via, ir de encontro a uma tradição de cânone, algo que somente uma análise mais profunda deste campo tende a nos dizer (2016, p. 262).

O artigo “A melancolia de resistência como identidade: um estudo sobre as personagens Sem Medo e Aníbal das obras *Mayombe* e *A Geração da Utopia*, de Pepetela” (2019), de Cibele Verrangia Correa da Silva, possibilita reflexões a respeito da relação entre a literatura e os processos de (re)construção identitária em Angola, considerando não só o projeto de desenvolvimento nacional, que extrapola o universo diegético *A Geração da Utopia*, mas também subjetividades individuais naquela circunstância histórica e ideológica, que é atravessada pelo pós-colonialismo. A autora infere que há uma preocupação em utilizar um “discurso engajado ao desencanto e a apatia de um tempo desesperançado, mas nem por isso letárgico ou apático, o que chamamos de melancolia de resistência” (Silva, 2012, p. 96):

A Geração da Utopia tratando sobre os anseios da juventude angolana e da ideologia revolucionária, que ao longo da guerra civil e da dura realidade que tiveram de enfrentar, foram se afastando de seus objetivos iniciais, também fala das diferenças tribais, da problemática étnico-racial, do projeto da angolanidade como desafio a invenção da identidade nacional, e da melancolia que atinge os discursos, práticas e visões de mundo dessa nação em projeto. Longe de construir uma crítica moralista ou apática sobre o fim da luta revolucionária em Angola (e por que não dizer em África?), Pepetela mostra através das personagens representativas desta geração suas falhas concretas, o despreparo intelectual, o deslumbramento com o poder e seus privilégios, a força com que o mercado global invadiu a África no pós-Guerra Fria (Silva, 2019, p. 117).

O trabalho de Silva demonstra como Pepetela retrata as falhas e deficiências da geração atual por meio de suas personagens, abordando temas como o despreparo intelectual, o fascínio pelo poder e seus privilégios, e a influência avassaladora do mercado global na África pós-Guerra Fria. O autor menciona ainda o renascimento e a reinvenção do imperialismo estadunidense, que afeta profundamente o projeto emancipatório das jovens nações africanas. Essas forças externas têm um impacto significativo nas aspirações e lutas das pessoas na África, mas, apesar disso, as jovens nações africanas não se retraem, e sim se reinventam e resistem. Existe uma melancolia presente nesse processo, uma sensação de tristeza e desilusão diante dos obstáculos enfrentados. No entanto, essa melancolia é hibridizada com o engajamento, ou seja, as pessoas se envolvem ativamente na luta por um futuro melhor.

Essa perspectiva destaca a complexidade das experiências vividas pelas personagens de Pepetela e da própria geração que ele retrata, e revela as contradições entre os desafios enfrentados e a persistência em buscar esperança e anseios por um futuro mais promissor. Através de sua escrita, o autor expõe as contradições e desafios sociais, políticos e econômicos enfrentados pela África contemporânea, ao mesmo tempo em que mostra a resistência e a capacidade de recriação das pessoas diante dessas circunstâncias adversas. Nota-se que a inquirição de Silva fornece subsídios teóricos e amplos contributos no tocante a este exame, uma vez que auxiliam na compreensão de como os temas da cultura e da democracia são representados na produção de Pepetela e como atravessam a construção de personagens.

Já o trabalho “A Construção Axiológica do Herói: Aníbal d’A Geração da Utopia, de Pepetela” (2018), de Aníbal Daniel de Carvalho, versa sobre os processos axiológicos utilizados por Pepetela na construção das personagens heroicas em *A Geração da Utopia*, afirmando o seguinte:

A Geração da Utopia, de Pepetela, relevou o aspecto ético-político que a reflexão em torno desta categoria narrativa transmite. Ou seja, mais do que

uma afeição pela competência narratológica na construção de Aníbal, protagonista do referido romance, foram as lições patrióticas suscitadas a partir deste e que, de acordo com a nossa visão, devem (ou deveriam) imperar numa Angola mergulhada em graves dificuldades sociopolíticas, não obstante a sua grandeza económica dentro do contexto africano e mundial, que chamaram a nossa atenção (Carvalho, 2018, p. 93).

Verifica-se que as observações do autor convergem com os argumentos a respeito de Pepetela anteriormente apresentados, uma vez que apontam a importância da exposição enquanto uma maneira de recuperar uma memória coletiva, de forma humanizada, de um período histórico de resistência em Angola.

Carvalho ilustra como as estratégias retóricas, em nível linguístico, evidenciam o posicionamento de Pepetela em sua própria narrativa. A título de exemplificação, o autor destaca as escolhas lexicais de modalizações deonticas e epistêmicas, não só evidenciando a subjetividade do articulista, mas também direcionando os leitores do romance a concordarem com o direcionamento do autor no que concerne à construção da imagem do herói. Diante da constatação dessas estratégias, conclui:

tendo em conta que todos os processos axiológicos analisados em torno da personagem Aníbal d' *A Geração da Utopia* contribuem para a sua valoração e, através disto, para a sua heroicidade, acreditamos ser intencional o uso dos mecanismos que tendem para a construção do protagonista pepeteliano. (...) Por outro lado, a consciência de que existe uma intencionalidade na construção de Aníbal ajudou-nos a compreender a postura ético-política e filosófica de um dos mais renomados escritores da lusofonia, o que reflete, levando em consideração a mensagem veiculada através do conjunto das suas obras e, particularmente *A Geração da Utopia*, o desejo de ainda ver a sua pátria a refletir sobre os caminhos desastrosos tomados (Carvalho, 2018, p. 93).

Ainda em busca de elementos que fundamentem as investigações sobre *A Geração da Utopia*, foi encontrada a pesquisa "Los conflictos de identidad angolana em *A Geração da Utopia* de Pepetela" (2020), de Gonzalo Retamal-Sánchez. Sugere o autor que *A Geração da Utopia* é uma apresentação simbólica, pois foi publicada no ano em que a prolongada guerra civil angolana terminou (1992),

devido à ativa participação na guerra por parte dos movimentos nacionalistas, após a ruptura do acordo de paz entre o Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA). Considera Retamal-Sánchez que o trabalho do escritor angolano reflete acerca do início da ação dos diferentes movimentos políticos em Angola desde 1961 até a dispersão de seus ideais e projetos nacionais, em 1991, concentrando-se em uma Angola decadente, em busca de novas concepções no tocante a dar uma definição sempre conflituosa da identidade nacional (Retamal-Sánchez, 2020, p. 90). Acrescenta o autor que a composição faz parte de produções literárias pós-coloniais, em que a ênfase está na crítica da construção fracassada do estado-nação com base marxista, e que há, nesta narrativa pepeteliana, uma tentativa de despertar nos leitores uma consciência crítica a respeito do período histórico, que ultrapasse divisões étnicas e valorize todos os grupos que compõem o vasto território angolano e as diferentes formas de resistência.

A exposição dessas obras tenta despertar nos leitores uma consciência crítica a respeito do período histórico, superando divisões étnicas e valorizando todos os grupos que compõem o vasto território angolano e as diferentes formas de resistência. No que concerne à identidade angolana, Retamal-Sánchez (2020, p. 97) verifica que é central e intrinsecamente relacionada com a questão racial na construção das personagens.

A angolanidade é um conceito em constante definição, cuja pluralidade é determinada pelo contexto e por quem o expressa. Percebe-se a ideia de expulsão do colonizador sem uma definição clara da angolanidade. Aníbal, personagem negro conhecido como o Sábio, descreve a situação como uma tendência para uma guerra racial em Angola, com uma repressão seletiva que provocava reflexos em Lisboa. Ele questiona se a raça seria mais relevante do que a origem geográfica. O sujeito racializado ganha importância apenas quando o outro impõe a diferença, revelando como a raça e a imagem do negro estão entrelaçadas no imaginário das sociedades europeias.

Observa-se que Pepetela apresenta, na narrativa, diálogos que se conectam com a realidade identitária plural angolana, sem elogiar ou fazer apologia ao nacionalismo. As personagens apresentadas não pertencem a nenhum movimento político que as identifique explicitamente, mas olham para as suas próprias realidades dentro do sistema colonial e, a partir dessa posição, decidem suas ações, adesões e rejeições pertinentes às próprias histórias, o que evidencia uma forma crítica e singular de construção de uma identidade nacional angolana que extrapola ideologias estrangeiras e prioriza as necessidades locais.

Na ótica de Retamal-Sánchez, a obra de Pepetela demonstra que a angolanidade pode ser objeto de uma série de interpretações pertinentes que vão desde a reflexão sobre a identidade pós-colonial, passando pelas nuances das relações raciais, até à evolução socioeconômica do país. Pepetela, através de sua narrativa, captura as múltiplas facetas de ser angolano em diferentes contextos e épocas, enfrentando tanto os desafios da colonização quanto os da independência e da construção nacional. Cada personagem, seja ela branco ou negro, apresenta uma visão única de angolanidade, influenciada pelo seu contexto pessoal e histórico. Assim, a angolanidade, segundo a obra de Pepetela, não é uma identidade monolítica, mas sim um mosaico de experiências, aspirações e lutas. É neste cenário multifacetado que Pepetela se torna um crítico/contador da história de Angola, transcendendo a percepção individual e representando as necessidades e anseios de um grupo em uma determinada conjuntura histórica (Retamal-Sánchez, 2020, p. 98).

Retamal-Sánchez (2020, p. 102) destaca ainda que Pepetela considera que a angolanidade é uma ideia impossível de conceber, fornecendo uma visão detalhada dos impulsos que diferentes personagens, independentemente da cor da pele, tiveram ao tentar defini-la. Ele observa que o colonizador era o único sujeito que os definia como "outros", tentando dar uma suposta homogeneidade aos sujeitos para uma luta comum. Na visão de Pepetela, a questão racial vai perdendo força ao longo da narrativa, culminando com

os influxos econômicos como diretrizes sociais. Finalmente, a literatura africana, vista a partir da perspectiva da branquitude, instiga a aprofundar ainda mais as relações de poder que se problematizaram nas diferentes conjunturas históricas. Isso permite determinar com maior clareza quais foram os papéis da branquitude africana dentro do contexto social, destacando os racismos, as negações de diversos sujeitos sociais e a exploração econômica e humana que surgiram.

Em relação a *O Desejo de Kianda* (1995), foram selecionados os seguintes documentos, pertinentes para a pesquisa aqui desenvolvida: 1) “O desejo de Kianda: crônica e efabulação” (1997), de Maria Theresa Abelha Alves; 2) “A luta de Kianda pela manutenção dos costumes ancestrais” (2003), artigo de Beatriz Alicia Weintraub; 3) *Construção da identidade na ficção de Luandino, Pepetela e Agualusa* (2011), tese de doutorado de Maria Agripina Ferreira Carriço Lopes Vieira; e 4) *Calados por Deus ou de como Angola foi arrasada pela história: os tons do silêncio no processo de construção da identidade angolana e sua representação na ficção de Pepetela* (2009), tese de doutorado de Daniel Conte.

Por um lado, na opinião formulada em “O desejo de Kianda: crônica e efabulação” (1997), de Maria Theresa Abelha Alves, a narrativa *O desejo de Kianda* oferece aos seus leitores um painel da realidade em Angola, no final do século XX, por meio de duas metáforas: uma de conjunção e outra de disjunção, sendo que a primeira trata de alianças e a segunda de caos e catástrofes; a apresentação textual, segundo Alves, é construída de modo a tornar nítida a causalidade deficiente que coloca a disjunção como resultado da conjunção (1997, p. 237). Assim, o narrador utiliza dois estilos de narração que se entrelaçam sem se confundirem, sendo representados por diferentes tipos de marcas linguísticas ao longo do texto narrativo:

Em um deles assume o papel de cronista que, diante de um quadro de referências, elabora o material proveniente de muitos *shifters* de escuta, de muitos mujimbos, para tornar significativo o cotidiano historiador que é em

busca de “centelhas de esperança”. No outro, assume a voz do tradicional contador de estórias que cria o mundo através do registro lendário com que animiza os quatro elementos naturais. A perplexidade diante do real, que é captada pela crônica, encontra sua explicação no surreal que a efabulação edifica. Na matéria lendária, Kianda, o espírito das águas, libera seu canto que fora soterrado pelo colonialismo, com o intuito de restaurar a antiga geografia do Kinaxixi. Kianda redesenha o mapa que o Império Português alterou, devolvendo à Praça seu antigo estatuto de lagoa, desenvolvendo a ilha de Luanda, que em península fora transformada, sua insular configuração (Alves, 1997, p. 238).

Alves contribui para o desenvolvimento desta análise, principalmente quanto às representações da cultura angolana. Verifica-se que o período imediato à independência em Angola mobilizou a busca pela identidade cultural desse povo e, entre as representações, ressalta-se a busca e a valorização da ancestralidade mágica na exposição de Pepetela, expressa na figura de Kianda. Por meio do ensaio de Alves, constata-se que a identidade expoente em Angola, na contemporaneidade, perpassa pelo encontro entre a ancestralidade, que foi soterrada, mas que agora ressurge, e a modernidade, herança portuguesa – encontro responsável pela criação de uma nova identidade.

Da mesma forma, em “A luta de Kianda pela manutenção dos costumes ancestrais” (2003), Beatriz Alicia Weintraub salienta “a luta de Kianda pela manutenção dos costumes ancestrais, contra os valores da modernidade, contrários à mundividência tradicional, e o modo como se exprime o imaginário social, entretecendo os fios da sociedade angolana contemporânea” (Weintraub, 2003, p. 263). A autora afirma ainda que “só as tradições podem trazer um bálsamo para os seres humanos, ajudando-os a lidar com o mundo contemporâneo, cujo funcionamento é baseado, principalmente, em brigas de poder e desenvolvimento material” (Weintraub, 2003, p. 270).

No que diz respeito às contribuições desse ensaio acerca da presente proposição, destaca-se o olhar atento de Weintraub quanto ao estilo de Pepetela e as inúmeras figuras de linguagem exploradas pelo autor em *O desejo de Kianda*, porque significam e

ressignificam a conjuntura histórica do período pós-colonial em Angola. Também a argumentação de Maria Agripina Ferreira Carriço Lopes Vieira, desenvolvida em a *Construção da identidade na ficção de Luandino, Pepetela e Agualusa* (2011), discute a demanda identitária de Angola a partir da alegoria dos desalojados dos prédios do Kinaxixi:

A demanda identitária é, em *O Desejo de Kianda*, empreendida por todo um colectivo, os desalojados dos prédios do Kinaxixi, que busca o conhecimento de si, quando confrontado com uma situação de exílio interno e interior. Expulsos do espaço de conforto e segurança dos seus apartamentos, expropriados dos seus bens, os desalojados procuram o reencontro com as tradições libertando-se das influências europeias. (...) é sobretudo João Evangelista que dá voz a alguma interrogação interior, mesmo se relativizada por um completo alheamento do mundo que o rodeia, que substituiu por um universo paralelo e virtual nascido das teclas do seu computador (2011, p. 45).

Ademais, Vieira (2011) destaca que, apesar de ter se afastado voluntariamente das discussões políticas e de ter renunciado a qualquer tipo de intervenção social ou doméstica, a personagem João mantém um espírito crítico e uma visão perspicaz que lhe permitem, em raras ocasiões em que se afasta dos jogos no computador, apontar os problemas que afetam a sociedade de Luanda. Em seu discurso, expressa apreço pelos valores tradicionais da cultura angolana, contrastando-os com a influência prejudicial da herança colonial, evidenciada, por exemplo, em sua crítica à configuração urbanística de Luanda. Além disso, João demonstra interesse e emoção ao ouvir a história de Kianda (Pepetela, 1995, p. 56). Verifica-se que a personagem João, mesmo se mantendo distante da esfera política e das questões sociais, ainda possui um senso crítico aguçado. Através da figura de João, Pepetela destaca a consciência crítica e a percepção das contradições presentes na sociedade luandense.

Para Vieira, mesmo distanciado das esferas de poder e das discussões políticas, João não se isenta de apontar as problemáticas sociais e de expressar seu descontentamento com a influência

cultural e estrutural deixada pelo período colonial. A sua apreciação pelos valores tradicionais da cultura angolana evidencia uma busca pela preservação e valorização da identidade cultural do país, revelando uma sensibilidade da personagem em relação aos desafios enfrentados e uma consciência cultural e social bem desenvolvida.

Nesse cenário, revela-se, na apresentação, muito mais do que a construção imagética identitária de personagens individuais; há uma construção coletiva, realizada, principalmente, pelos moradores de Kinaxixi, mas também por parte de outras personagens do livro. Na opinião de Vieira, Pepetela denuncia a “acutilante da diferença entre os dois grupos de angolanos, dando voz a uma consciência crítica que põe a nu – à semelhança dos seus próprios corpos que desnudam como forma de protesto – as incongruências e as injustiças da sociedade angolana” (Vieira, 2011, p. 71).

Já na sua tese de doutorado, intitulada *Calados por Deus ou de como Angola foi arrasada pela história: os tons do silêncio no processo de construção da identidade angolana e sua representação na ficção de Pepetela* (2009), Daniel Conte vê, em *O desejo de Kianda*, uma crítica direta às modificações proporcionadas pelo novo regime em Angola que, ao invés de beneficiar a população, apenas reproduz os vícios administrativos herdados pela administração do período colonial. Deduz o autor, no romance, “a degradação física vem refletir a erosão psico-ideológica. (...) É uma obra de desmoronamentos – físico e moral. Os prédios da cidade vão desaparecendo, consoantes ao surgimento da corrupção e da tentativa frustrada de recuperação de valores tradicionais que foram perdidos” (Conte, 2009, p. 15).

Conte, atento às escolhas lexicais de Pepetela acerca de compor a focalização da produção textual, nota que a ironia é uma estratégia fundamental de Pepetela ao abordar as ações “revolucionárias” dos políticos angolanos no período de pós-independência. A ironia também é utilizada quando o autor demonstra a farsa de alguns políticos que utilizam as tradições

africanas, mas somente quando são apropriadas às suas práticas; quando não, esfacelam-nas, invertendo códigos tradicionais.

Sobre *A Montanha da água lilás* (2000) foram encontrados dois registros científicos, fundamentais para as reflexões deste livro: 1) *Utopia e distopia: testemunhar o mundo em Pepetela (estórias de cães, montanhas e predadores)* (2014), dissertação de mestrado de Fernanda Gonçalves de Castro, e 2) “Lupis e Jacalupis (Pepeptela em topoi agônicos)” (2021), artigo de Isabel Ponce de Leão. Para Fernanda Gonçalves de Castro, a narrativa *A Montanha da água lilás*, ao mesmo tempo em que exalta a sabedoria ancestral africana, é uma fábula que discute temas universais, sendo uma mensagem destinada a todos os povos:

a narrativa é contada por um narrador ancião, o avô Bento, fumando cachimbo em torno de uma fogueira, que representa a sabedoria do saber oral e popular, destacando-se a personagem do ancião como figura de grande relevância nas sociedades africanas em geral. Esta narrativa pepeteliana gira em torno das pequenas e grandes quezílias entre habitantes de uma montanha fantasiosa, na qual existe uma sociedade estratificada com as diferenças físicas, psicológicas e comportamentais dos seus habitantes: os lupis, lupões e jacalupis. Trata-se de uma estória que, segundo o narrador, poderia ter ocorrido em qualquer lugar do continente africano ou do mundo, o que nos leva a deduzir que a lição ou mensagem moralizante subliminar na fábula tem como destinatário não só o continente africano, como também o resto do mundo, tornando-a uma mensagem universal e atemporal (Castro, 2014, p. 68).

Castro vê os lupis como habitantes pacíficos e sociáveis da montanha, enquanto os jacalupis são não só ociosos e antipáticos, mas também os que consomem excessivamente. Na descrição, a normalidade é interrompida diante da descoberta de um líquido perfumado de cor lilás na montanha, cujas propriedades medicinais são cobiçadas e disputadas entre lupis e jacalupis.

Diante da violência dos jacalupis, com o tempo, os lupis se tornam escravos de “uma economia de mercado, consumista e de exploração de mão-de-obra, em que a venda de água lilás dará lucros exorbitantes e desencadeia a ganância de todos os animais

da montanha, levando-os a elaborar planos depredatórios e maquiavélicos contra a comunidade” (Castro, 2014, p. 68), até o esgotamento do produto, que gera caos na planície e na montanha. Na perspectiva de Castro, a metáfora representa uma alegoria quanto ao dia em que, no futuro, o petróleo acabará, sendo esta apresentação uma estratégia na opinião de despertar entre os angolanos uma visão crítica a respeito da necessidade de Angola investir em recursos energéticos sustentáveis além do petróleo. Castro assinala:

Os males que descreve nos seus livros, especialmente a corrupção, a burocracia, a prevaricação, a ambição extravagante, a traição, entre outros, mergulham Angola num cenário pós-revolucionário apocalíptico, no entanto, estes males acabam por ser os males da Humanidade em geral. Por conseguinte, *A Montanha de Água Lilás: uma fábula para todas as idades* é, a nosso ver, um hino universal de uma montanha sem lugar geográfico fixo ou específico, corrompida pela ambição desmedida e pelo holocausto moral de ‘ícaros’, seres decadentes (2014, p. 68).

Salienta-se que Castro acrescenta muito a este ensaio, uma vez que debate as alegorias da composição de Pepetela com olhar orientado também para representações de cultura e democracia (ou a falta dela, como é o caso da obra *A Montanha da água lilás*).

Da mesma forma, o artigo de Isabel Ponce de Leão acima referido, também fundamenta teoricamente os propósitos da presente investigação, quando observa que a exposição “com a simplicidade de um fabulário, é, antes de tudo, uma alegoria política e social condenatória da destruição dos recursos naturais e da exploração do homem pelo homem fruto de uma economia de mercado pautada pela ambição e o materialismo” (Leão, 2021, p. 125). Citando trechos do próprio Pepetela, Leão salienta:

Espaços e personagens insinuam o ambiente pós-revolucionário angolano – por isso acima aludi ao locus pepeteliano – contando com alguma ironia, a história de um país, digo do mundo, por metonímia. *A Montanha da Água Lilás* é, antes demais, uma fábula moralizadora “para todas as idades” (Pepetela, 2019, p. 3), um grito de alerta à forma como o ser humano

desconstrói e destrói os produtos naturais pois “Se virmos bem, em muitos lados pode ter uma montanha semelhante” (Pepetela, 2019, p. 11). Ontem, como hoje – “Eu só escrevi aquilo que o avô nos contou, não inventei nada” (Pepetela, 2019, p. 11) – o saber vem de uma ancestralidade cauta e conhecedora dos desmandos da humanidade e demonstra como uma sociedade funcional – a funcionalidade possível aos terráqueos –, naturalmente respeitadora de idiosincrasias porque as há, se torna disfuncional quando descobre e desconstrói, por via de um consumismo e de uma destruição cegos, o que podia ser o garante de uma vida melhor (2021, p. 132).

No que se refere a *Sua Excelência de Corpo Presente* (2018), nos Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal, foi encontrado apenas o tópico *Representação alegórica de Angola em Pepetela: Estudo comparativo de O Cão e os Caluandas e Sua Excelência, de Corpo Presente* (2021), dissertação de mestrado desenvolvida por Ambrósio Bento Calembela Nachilala, na Universidade da Beira Interior.

Na opinião de Nachilala, na produção textual da *Sua Excelência de Corpo Presente*, Pepetela mescla elementos mágicos, de notória referência à mitologia africana, a críticas sociais acerca da política e à elite dominante em Angola. Verifica-se que o ensaio fornece contributos válidos, uma vez que auxilia na compreensão dos efeitos de sentido das alegorias quanto à democracia e à cultura. Segundo o autor,

Pepetela apresenta-nos um cenário completamente insólito em que um ditador africano morto dentro de um caixão num salão presidencial não só consegue ouvir e ver tudo à sua volta, como chega a adivinhar os pensamentos de outras pessoas e até mesmo a ter conversas telepáticas com o seu antigo servo mais fiel. Ao construir *Sua Excelência, de Corpo Presente*, Pepetela, de forma irónica e sarcástica, tece críticas aos vários países africanos cujo sistema governamental é o da ditadura, onde reinam a corrupção e o nepotismo (Nachilala, 2021, p. 49).

Tal como em *A Montanha da água lilás*, também em *Sua Excelência de Corpo Presente* as críticas são veladas e apresentadas por meio de alegorias e metáforas. Para Nachilala, não é possível

afirmar, por exemplo, que o produto é uma crítica direta à situação histórica de Angola, uma vez que o universo ficcional da criação se desenrola em um país africano, sem menção explícita de qual é, ainda que os indícios apontem para a realidade angolana. Desta maneira, estes dois últimos livros diferem de *A geração da Utopia* e *O Desejo de Kianda*, em que facilmente se identifica a quem as críticas são destinadas.

Nachilala apresenta, em sua dissertação, duas possíveis hipóteses acerca da ambiguidade adotada na escrita de Pepetela em *Sua Excelência de Corpo Presente*. A primeira seria o medo da censura “devido às implicações políticas que eventualmente surgiriam e que acabariam por censurar o seu livro no país” (Nachilala, 2021, p. 50); a segunda, mais plausível, na perspectiva do autor, é a de que “ao não nomear o país nesta obra e de generalizar como sendo um país qualquer de África, terá sido uma estratégia do autor para poder abordar face a um problema que com muito pesar é vivido em África no geral e não só” (Nachilala, 2021, p. 50). O autor ainda destaca que

Em *Sua Excelência, de Corpo Presente* a corrupção é um dos temas com maior destaque, podendo representar um estado totalitário, deste modo, o tema da corrupção não poderia deixar de estar de lado já que ambos andam de mãos dadas, como se diz coloquialmente, principalmente nos estados totalitários disfarçados de democráticos. Aqui encontra-se a descrição da corrupção a que mais estamos habituados a ouvir falar, ou seja, pelo facto de ser um texto em que se foca fundamentalmente numa classe social média-alta, isto é, dos que dirigem diretamente a estrutura capitalista do país, a corrupção aqui descrita é aquela com a que mais estamos familiarizados, como por exemplo, o fisiologismo, o nepotismo, o clientelismo, a extorsão, o suborno e o peculato (Nachilala, 2021, p. 53).

Uma procura mais alargada identificou o artigo de Ana Belén García Benito, intitulado “*Sua excelência de corpo presente: novela de dictador del Pepetela más distópico*” (2021), que oferece uma profunda análise desta obra de Pepetela. Segundo a autora, o romance, através da perspectiva do líder morto, oferece uma crítica mordaz aos sistemas totalitários que se mascaram de democracias

e, ao fazê-lo, Pepetela nos dá uma visão única sobre as consequências e o legado das ditaduras em África.

A autora ressalta que a obra de Pepetela funciona em múltiplas camadas. No nível mais imediato, pode ser vista como uma representação arquetípica do regime ditatorial que prevaleceu em muitos países africanos. No entanto, a ambiguidade geográfica do romance – a ausência de uma localização específica – significa que sua crítica é universal, aplicável a qualquer nação africana sob uma ditadura opressiva. A autora argumenta que Pepetela usa esta técnica de indeterminação espacial para desfocar as linhas entre ficção e realidade, permitindo que a história sirva como uma alegoria dos regimes reconhecíveis, enquanto se protege da especificidade geográfica. Assim, o romance se torna não só uma crítica às ditaduras, mas também uma reflexão sobre a relação entre ficção, realidade e memória (Benito, 2021, p. 117).

Benito identifica um propósito mais amplo na obra de Pepetela: educar e conscientizar. Através da sua literatura, Pepetela não se limita a narrar histórias; ele desafia seus leitores a refletir profundamente sobre os impactos e legados de regimes autoritários. Esta não é apenas uma jornada através da história recente de África, mas um chamado para compreender o passado a fim de moldar um futuro mais promissor. A atual relevância do romance é acentuada pelo ressurgimento do autoritarismo em muitos lugares do mundo, tornando sua mensagem tanto um aviso quanto um lembrete da resistência contínua contra a opressão (2021, pp. 133-134).

Após a etapa de levantamento de tópicos que podem contribuir para as discussões sobre os exemplares selecionados, procedeu-se a pesquisa documental para identificar trabalhos com foco em Pepetela e em Angola. Foram identificadas duas fontes: 1) “City Profile Luanda” (2002), artigo de Paul Jenkins, Paul Robson e Allan Cain, e 2) “The 2008 Angolan parliamentary elections” (2010), artigo de Paula do Espírito Santo.

Jenkins, Robson e Cain argumentam que Luanda, a capital de Angola, enfrenta desafios extremos de desenvolvimento urbano,

devido à turbulenta história do país, e ao papel periférico da cidade na economia global, resultando em altas taxas de crescimento urbano e pobreza generalizada. Desta forma, os pesquisadores analisaram o histórico e a política e economia de Angola no início do Século XXI, considerando também as bases física e demográfica e a situação socioeconômica como pano de fundo para entender os sucessos e fracassos de atividades de desenvolvimento urbano nos últimos anos (2002, p. 139). Nesse sentido, verifica-se que o principal contributo no que tange ao presente exame está em fornecer subsídios históricos acerca da compreensão da conjuntura em que Pepetela produziu suas descrições, além dos aspectos extralinguísticos, que perpassam essas diegeses, e denunciam elementos históricos de Angola, como os séculos de apagamento da cultura local durante o período de colonização.

Também a reflexão de Espírito Santo sobre as eleições de 2008 fornece subsídios teóricos no que concerne a história de Angola, o que amplia a concepção dos efeitos de sentido dos livros de Pepetela. A autora refere que as eleições parlamentares de 2008 foram as segundas desde que Angola declarou independência de Portugal em 1975. Em 1979, José Eduardo dos Santos, do Movimento Popular de Libertação de Angola, foi eleito Presidente, permanecendo no poder por quase quarenta anos. As primeiras eleições parlamentares, após a independência, foram em 1992 e ocorreram em um período altamente instável e sangrenta situação política, resultado de uma profunda guerra civil entrincheirada. O conflito iniciou em 1975 e acabou apenas em 2002, com a morte de Jonas Savimbi, líder da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA). Espírito Santo aponta as estimativas da *Organization for Economic Cooperation and Development* (2005), no final da guerra, em 2002, havia cerca de 1,8 milhões de pessoas deslocadas, cerca de quatro milhões de desabrigados e entre cinco e sete milhões de minas terrestres por desativar. Mais de dois em cada três angolanos (68%) viviam abaixo da linha de pobreza com US\$ 1,7 por dia (Organization for Economic Cooperation and Development, 2005), e Luanda, em particular, tinha se tornado uma

capital superlotada e perigosa, com o mínimo de infraestruturas, para a maioria de sua população (Espírito Santo, 2010, p. 746).

O artigo de Espírito Santo contribui para a compreensão da circunstância política de Angola. De acordo com a autora, Angola é, atualmente, um estado relativamente pacífico. No entanto, a democracia no país ainda é um trabalho em andamento, senão em permanente construção. Em termos parlamentares, a falta de equilíbrio continua a existir. Ressalta-se que estas informações se referem ao período de escrita deste livro (2023, julho).

Também foram localizados os seguintes registros: 1) “A construção do poder em Angola nos romances de Pepetela: os novos ricos e a apropriação do Estado no pós-independência” (2021), da autoria de Carolina Bezerra Machado, 2) “Recensão: Angola Imaginada: Nação, Guerra e Utopia na Ficção de Pepetela” (2021), artigo da autoria de Ramon Sarró. Machado constatou que, na construção de suas obras,

Pepetela vai buscando encontrar novas formas de participação política, menos atreladas ao modelo clássico do fazer política. Volta-se, nesse sentido, para a sociedade civil e para o alcance que as organizações cívicas podem ter no espaço político. Reflete as desilusões de um projeto político que não se concretizou como ele esperava, o que tem relação com a burocratização do político e com a emergência de homens descomprometidos com as causas sociais (2021, pp. 177-178).

Nesse sentido, o artigo de Machado demonstra, em um primeiro momento, como a estrutura política de Angola é responsável pela distribuição de benefícios e privilégios a uma parcela da elite do país, fortalecendo um sistema autoritário e antidemocrático durante muitos anos. Nesse cenário, os livros de Pepetela despontam como exposições em que as personagens dialogam de forma crítica com o projeto político angolano. Já Sarró salienta que “Pepetela tem uma trajetória, uma evolução, não só literária, mas também política e ideológica” (Sarró, 2021, pp. 191-192), e acrescenta:

A leitura dos romances de Pepetela é uma das melhores introduções à história de Angola como país africano independente, bem como, de certa forma, à história anterior à Independência, ou pelo menos à relevância que ela tem para a história pós-colonial propriamente ditas. (...) A análise das obras de Pepetela, marcando diferentes tempos (e diferentes relações entre narrativa e temporalidade), é exemplar do ponto de vista da teoria literária e na forma como nos ajuda a compreender a história de Angola e o papel que a literatura tem tido ao oferecer uma narrativa unificadora e aceitável para o público (Sarró, 2021, p. 192).

Daniel Conte e Paula Terra Nassr, no estudo intitulado “A ficção de Pepetela e a resignificação do discurso da revolução no pós-independência” (2016), constatam que o que fez emergir o patrimônio cultural da África colonizada, organizando a materialidade cultural desses territórios, “foram as artes, os processos e as manifestações culturais, em especial a literatura produzida ao largo dos anos de luta anticolonial e do pós-independência” (Conte e Nassr, 2016, p. 2). Nesse cenário, os pesquisadores ressaltam a importância de

Escritores como Agostinho Neto, Luandino Vieira, Paulina Chiziane e Pepetela sedimentaram os alicerces do que seria, a partir do último quartel do século XX, uma literatura que romperia com o olhar “deslocador” que a lançava em um gueto imaginário. Nessa ordem, o trajeto percorrido pelas literaturas da África colonizada por Portugal é, em parte, o caminho da construção de suas nações. (...) É uma senda pensada em nível simbólico e prático. Uma edificação referencial de nações emergentes que se erguem depois de séculos de um sistema colonialista devastador. Isso significa que a literatura da África, que a oficialidade histórica sempre pretendeu portuguesa, é uma escritura que exerceu uma função importante para a organização de uma sociedade que se sonhou mais justa, solidária e fraterna e que, sob a égide da igualdade, conquistou sua liberdade – alheia, em tempos, à rede simbólica que lhe foi imposta durante os anos de gesta colonial (Conte e Nassr, 2016, p. 2).

Para os autores, a produção literária africana eleva a população negra a um patamar de audibilidade dentro de uma materialidade literária. As narrativas são influenciadas não só pelo movimento neorrealista de Portugal, mas também pelo romance

social do Brasil, principalmente as produções nordestinas, que enfocavam realidades mais próximas às da África, denunciando injustiças sociais. Além disso, não se pode deixar de considerar a influência do contexto histórico de 1960, com o início das Guerras de Libertação para os africanos e Guerra Colonial para Portugal, e o período pós-independência, momento em que a literatura de Angola “sofre violentas mudanças, como violentas são as modificações da ossatura social” (Conte e Nassr, 2016, p. 3).

A título de síntese conclusiva deste primeiro capítulo, pode-se afirmar que a literatura angolana desempenha um papel fundamental na construção e na representação da identidade nacional e cultural. Em um país marcado por um longo período de domínio colonial e uma guerra civil devastadora, a literatura transcende sua função estética e simbólica, tornando-se um instrumento ativo na reimaginação e redefinição da identidade nacional. Pepetela, através de suas obras, não só reflete sobre a realidade angolana, mas também molda a percepção dessa realidade, influenciando como os angolanos veem a si mesmos e como são vistos pelos outros.

A literatura de Pepetela questiona as narrativas utópicas de coesão nacional que frequentemente suprimem as diversidades culturais e históricas de Angola. Em obras como *A Geração da Utopia* e *O Desejo de Kianda*, Pepetela expõe as falhas da construção do estado-nação com base marxista, revelando as divisões internas e as motivações ocultas no movimento nacionalista. Essas obras desafiam a grande narrativa da nação, apresentando uma história mais complexa e diversificada. O autor utiliza personagens e cenários para explorar a relação entre história e ficção, oferecendo uma perspectiva crítica sobre a história de Angola e a importância da memória individual na formação da narrativa histórica nacional.

A angolanidade torna-se um conceito em constante definição, profundamente ligado à questão racial. A identidade angolana é moldada tanto pela expulsão do colonizador quanto pelas relações internas de poder e resistência. A obra de Pepetela destaca como a

questão racial perde força ao longo da narrativa, dando lugar às diretrizes econômicas como principais influenciadoras das dinâmicas sociais. A partir dessa perspectiva, Pepetela não apenas narra a história de Angola, mas também contribui para a compreensão crítica das relações de poder e das identidades sociais no contexto pós-colonial.

A partir das reflexões teóricas discutidas neste primeiro capítulo, verifica-se que a literatura de Pepetela é uma forma de resistência que rompe fronteiras e possibilita a reconstrução de memórias coletivas. As múltiplas vozes e perspectivas presentes em suas obras oferecem uma visão ampla da identidade angolana, explorando temas como etnia, raça, classe e gênero. Pepetela utiliza essas narrativas para criticar tanto o colonialismo quanto a elite pós-independência, evidenciando a complexidade das experiências vividas pelo povo angolano. Além disso, verifica-se que Pepetela utiliza suas personagens para abordar as tensões entre o idealismo revolucionário e a dura realidade do pós-independência. A melancolia de resistência presente nas suas narrativas reflete a desilusão com os resultados da luta pela independência, mas também a persistência em buscar um futuro melhor. Essa abordagem crítica permite que os leitores compreendam as contradições e desafios enfrentados pela Angola contemporânea, ao mesmo tempo em que reconhecem a resistência e a capacidade de recriação das pessoas diante das adversidades.

No contexto das obras analisadas, Pepetela demonstra que a angolanidade não é uma identidade monolítica, mas um mosaico de experiências, aspirações e lutas. Através de suas narrativas, ele captura as múltiplas facetas de ser angolano em diferentes contextos e épocas, enfrentando tanto os desafios da colonização quanto os da independência e da construção nacional. Cada personagem, seja branco ou negro, apresenta uma visão única de angolanidade, influenciada pelo seu contexto pessoal e histórico. Dessa forma, Pepetela transcende a percepção individual e representa as necessidades e anseios de um grupo em uma determinada conjuntura histórica. Ao concluir este capítulo, é

importante reconhecer a contribuição significativa de Pepetela para a literatura angolana e para os estudos culturais e pós-coloniais. Suas obras não apenas refletem a realidade angolana, mas também desafiam os leitores a reconsiderar suas percepções sobre identidade, cultura e democracia.

III

Angola, História e Representações

Neste capítulo, propõem-se reflexões sobre a história e as representações culturais de Angola, com o objetivo de contextualizar e aprofundar a compreensão das narrativas de Pepetela selecionadas. Através de uma revisão crítica da literatura e dos estudos históricos, busca-se delinear os principais eventos e processos que moldaram a trajetória do país desde o período colonial até a contemporaneidade. Para tanto, são exploradas as influências do período colonial e o legado das instituições políticas herdadas pelos governos independentes, destacando como essas estruturas impactaram o desenvolvimento social e econômico de Angola. Também se examina as dinâmicas de resistência e luta pela independência, abordando a formação dos movimentos de libertação e os desafios enfrentados durante a guerra civil.

São consideradas as interseções entre cultura, identidade e memória coletiva, com ênfase na valorização da tradição cultural africana e na crítica ao colonialismo presente nas literaturas africanas de língua portuguesa. A análise das obras de Pepetela é situada neste contexto, evidenciando como suas narrativas refletem e dialogam com as complexidades históricas e culturais de Angola. Também, neste capítulo, aborda-se o conceito de democracia e suas interpretações diversas, considerando a importância de uma contestação estratégica dos significados atribuídos ao termo. Através das lentes de teóricos como Stuart Hall e Homi K. Bhabha são

exploradas as questões de identidade cultural híbrida e os desafios contemporâneos enfrentados pelas sociedades pós-coloniais.

De acordo com Benito (2021), a complicada história do continente africano influencia profundamente o seu presente. A governação colonial criou um conjunto de instituições políticas com pouco controle sobre o poder executivo e essas instituições foram herdadas por governos independentes. Os controles institucionais do poder são mecanismos que levam anos para serem desenvolvidos. Por outro lado, é impossível analisar a África sem considerar as características da colonização europeia. Durante séculos, as instituições que foram criadas por governos coloniais e tinham o objetivo de garantir o acesso das metrópoles aos recursos naturais dos territórios africanos. Além disso, a maioria das nações africanas alcançou sua independência a partir da década de 1960. Angola, por exemplo, terra do autor das obras estudadas nesta pesquisa, alcançou a sua independência de Portugal apenas em 1975 (2021, p. 119).

Segundo Daniel Ribant, no estudo intitulado "*L'Angola de A à Z: Nouvelle édition revue et augmentée*" (2015), foi em um território na África Central, tão grande quanto França, Espanha e Portugal juntos, constituído por vários reinos, com ricas culturas e povos orgulhosos de suas prerrogativas e muitas vezes ferozes oponentes que exploradores portugueses chegaram no final do século XV (2015, p. 15). O reino do Kongo era o mais importante e foi com ele que os portugueses desenvolveram as primeiras relações. Uma soberana desse reino, Nzinga Mbandi de Ndongo e Matamba, até se converteu ao catolicismo (assumiu o nome português de Ana de Sousa), permitindo assim a cristianização de alguns de seus súbditos. Segundo Rob Staeger, no estudo "*Angola*" (2007), além do reino de Kongo, havia vários outros reinos menores na região, sendo que a maioria deles prometia lealdade ao Kongo. Um desses reinos era Ndongo, localizado no que hoje é o norte de Angola. Assim como os Bakongo, o povo Mbundu de Ndongo falava uma língua Bantu.

A partir da década de 1420, governantes portugueses começaram a enviar expedições para mapear a costa atlântica da África, com a esperança de encontrar uma rota marítima que contornasse o continente e permitisse a Portugal fácil acesso aos ricos mercados da Ásia (2007, p. 20). Com o tempo, os portugueses decidiram explorar regiões mais ao sul ao longo da costa atlântica, fundando, no entorno do forte de S. Paulo, a cidade de Luanda, que se tornou uma localidade próspera devido à expansão do comércio atlântico de escravos. Segundo Ribant, a população de Angola foi embarcada ao longo dos séculos por mais de três milhões de habitantes, sendo a maioria como escravos rumo ao Brasil, outro território de domínio português, que sempre exigiu mais escravizados para o cultivo da cana-de-açúcar (Ribant, 2015, p. 15). Este número integrou os vários milhões de escravizados, oriundos de diferentes partes da África subsaariana, que rumaram às Américas, transportados em embarcações superlotadas e insalubres, o que conduziu à morte de muitos deles (Staeger, 2007, p. 21).

Jean-Paul Sartre, no prefácio da obra *The Wretched of the Earth* (2004) de Frantz Fanon, descreve como as forças militares coloniais recebiam ordens para transformar a certeza abstrata da superioridade europeia em realidade, reduzindo os habitantes dos territórios ocupados ao nível de animais inferiores para justificar o tratamento colonial. A violência colonial tinha como objetivo não apenas manter esses homens escravizados à distância, mas também desumanizá-los. Esforços eram feitos para demolir suas tradições, substituir sua língua pela dos colonizadores e destruir sua cultura sem lhes oferecer a cultura europeia. Eles eram exauridos até um estado de inconsciência. Mal alimentados e doentes, se resistissem, o medo completaria o trabalho: armas eram apontadas para os camponeses; civis ocupavam suas terras e os forçavam a trabalhar sob o chicote. Se resistissem, os soldados atiravam a matar; se cedessem e se degradavam, não eram mais homens. A vergonha e o medo deformavam seu caráter e desestruturavam sua personalidade. Esse processo era conduzido rapidamente por especialistas: a guerra psicológica e a lavagem cerebral não eram

novidades. A simples violência não era suficiente; era necessário subnutri-los. Esse era o problema da servidão: ao domesticar um membro da espécie humana, sua produtividade diminuía e, por menor que fosse a alimentação, um ser domesticado acabava custando mais do que valia. Por essa razão, os colonos eram forçados a interromper o processo de domesticação pela metade. O resultado era um ser que não era nem homem nem animal, mas o nativo: espancado, subnutrido, doente e amedrontado, mas apenas até certo ponto, e sempre apresentando os mesmos traços de caráter – preguiçoso, astuto e ladrão, que vivia de quase nada e só compreendia a linguagem da violência (Sartre em Fanon, 2004, p. 1).

A descrição de Jean-Paul Sartre oferece uma visão brutal e profundamente perturbadora do processo de desumanização imposto pelo colonialismo. Sartre destaca como a violência colonial não se limitava à opressão física, mas incluía uma tentativa sistemática de aniquilar a cultura, a identidade e a dignidade dos povos colonizados. Esta desumanização visava justificar o tratamento desumano, reduzindo os nativos a meros instrumentos de trabalho, desprovidos de qualquer traço de humanidade aos olhos dos colonizadores. A estratégia colonial de destruir tradições, impor a língua dos colonizadores e usar a fome e a violência como ferramentas de controle evidencia uma forma extrema de dominação que buscava não apenas explorar economicamente os territórios ocupados, mas também reconfigurar profundamente as identidades dos povos subjugados. A abordagem de Sartre problematiza a lógica do colonialismo ao mostrar que, ao tentar transformar seres humanos em bestas de carga, os colonizadores criaram um ciclo vicioso de violência e resistência, onde a degradação e a brutalidade acabavam por definir as relações coloniais. Este processo não apenas desumanizou os colonizados, mas também revelou a desumanidade intrínseca ao próprio projeto colonial, que se baseava na manutenção do poder através do terror e da subjugação total. Ao discutir essas dinâmicas, Sartre nos força a confrontar as profundas injustiças e os legados traumáticos

deixados pelo colonialismo, que continuam a ecoar nas sociedades contemporâneas.

Entre os primeiros portugueses que se fixaram no território africano foram os condenados em decorrência de sentenças de prisão. Solteiros ou não, a convivência com mulheres africanas deu origem a filhos mestiços, às vezes reconhecidos, os quais gradativamente ganharam destaque na sociedade colonial. Até cerca de 1885, os portugueses colonizaram apenas a zona costeira do país. Após esse período, Portugal iniciou a colonização do interior, o que não foi tão simples como se esperava devido à resistência de algumas populações locais (Ribant, 2015, p. 15). Segundo Staeger, a expansão no processo de colonização se deve ao fato de que potências europeias como Grã-Bretanha, França, Alemanha e Bélgica exploraram e reivindicaram território no interior da África. Em resposta, Portugal ampliou seus esforços para expandir a colônia (2007, p. 23).

Com base na *História de Angola* (2009), de Douglas Wheeler e René Pélissier, é possível destacar três principais pontos relacionados aos objetivos da colonização de Angola. Em primeiro lugar, a expansão territorial, uma vez que a colonização de Angola por Portugal visava a expansão do domínio territorial português; em segundo lugar, a exploração econômica, já que a presença portuguesa em Angola estava relacionada à exploração dos recursos naturais disponíveis na região, como o algodão; em terceiro lugar, a consolidação do império colonial, pois a colonização de Angola também fazia parte da estratégia de Portugal para consolidar e fortalecer seu império colonial (2009, pp. 89-104). Wheeler e Pélissier mencionam o esforço para definir a “mística do Império”, que buscava associar o destino de Portugal ao das colônias africanas. Ademais, foi também um objetivo o controle político e cultural dos territórios colonizados (2009, pp. 41-42).

Em 1926, na sequência de um golpe militar, Portugal tornou-se uma ditadura. O ano de 1933 dita o início do Estado Novo, proclamado pelo então presidente do Conselho de Ministros, António Oliveira Salazar que tinha grandes projetos para os

territórios ultramarinos. Intensificou-se a colonização de Angola, que recebeu milhares de portugueses, muitas vezes sem habilitações formais, indivíduos que rapidamente foram colocados em postos de trabalho nas cidades até aí ocupados pela população nativa (Ribant, 2015, p. 16). Segundo Staeger, para aliviar o descontentamento, o governo de Salazar relaxou algumas de suas leis mais discriminatórias. Salazar também incentivou os portugueses a se mudarem para Angola, oferecendo incentivos como terras agrícolas a baixo custo. No entanto, o plano teve um efeito contrário. Muitos dos novos colonos se revelaram agricultores incompetentes e logo partiram para as cidades, onde passaram a competir com mestiços e assimilados por empregos. Isso aumentou ainda mais o descontentamento racial e político (2007, pp. 26-27).

O descontentamento começou a se manifestar na população e, na década de cinquenta, os dois primeiros movimentos de libertação foram criados: um era de natureza étnica baseada nos Bakongo, do norte do país, em 1954, com a designação de União das Populações do Norte de Angola (UPNA), passando, em 1958, a assumir a designação de União das Populações de Angola (UPA) e em 1962 constitui-se a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA); o segundo, o Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA) foi fundado em 1956, com tendências marxistas, integrando na sua liderança intelectuais mestiços, recrutados principalmente na etnia Mbundu. O ano de 1961 viu despoletar as primeiras manifestações de resistência anticolonial desses movimentos (Ribant, 2015, p. 16).

O ano de 1961 foi significativo para o início das manifestações dos movimentos de libertação em Angola por várias razões: 1) Contexto histórico: Durante a década de 1950, muitos países africanos obtiveram a sua independência do colonialismo europeu. Esse movimento de descolonização inspirou e influenciou grupos e líderes em várias colônias africanas, incluindo Angola, especialmente após a independência do Comgo Belga em meados de 1960; 2) Influência dos acontecimentos globais: A década de 1960

foi marcada por mudanças significativas na política mundial, incluindo a disseminação das ideias marxistas e a Guerra Fria entre os Estados Unidos e a União Soviética. Esses eventos tiveram influência na formação dos movimentos de libertação em Angola;

3) A repressão colonial: A população angolana sofria com a opressão e a exploração do regime colonial português. O descontentamento crescente em relação à discriminação racial, exploração econômica e restrição de direitos políticos e sociais levou ao aumento das tensões e à busca por formas de resistência.

4) Mobilização dos movimentos: A 4 janeiro de 1961, ocorreu o levantamento da Baixa de Cassanje; a 4 de fevereiro de 1961, ocorreram os incidentes em Luanda, a capital de Angola, evento que ficou conhecido como o “4 de Fevereiro” e marcou o início oficial da luta armada pela independência do país.

5) Preparação e organização: Até 1961, os movimentos de libertação estavam se organizando internamente, recrutando membros, estabelecendo redes de apoio e buscando apoio internacional. O início da guerra colonial/guerra de libertação nacional em 1961 deveu-se à alteração do contexto político em África, nomeadamente ao apoio proporcionado pelo República do Congo a partir de Léopoldville, e aos massacres de 15 de março de 1961 no norte de Angola patrocinados pela UPA (Ribant, 2015, pp.15-20), (Wheeler e Pélissier, 2009, pp. 41-104), (Staeger, 2007, pp. 20-28) e (Fanon, 2004, pp. 51-85).

Frantz Fanon, em *The Wretched of the Earth* (2004), descreve a situação em Angola em 1961, destacando que o instinto básico de sobrevivência exigia uma resposta mais flexível e ágil. Essa adaptação na técnica de combate foi característica dos primeiros meses da guerra de libertação pelo povo angolano. A 15 de março de 1961 as fazendas e propriedades no norte de Angola, propriedade de colonos portugueses, foram atacadas por homens da UPA, que levaram a cabo uma matança violenta e indiscriminada de homens, mulheres e crianças, portugueses e trabalhadores rurais de outras etnias, nomeadamente Ovimbundu, das zonas mais a sul do país, resultando em milhares de mortos de

ambas as facções, com os números mais elevados a serem os de angolanos dizimados pelos militares portugueses deslocados para a região para proteger a restante população de vilas e retaliar contra os atacantes apoiados pela UPA (2004, p. 85).

A ditadura que governara Portugal foi derrubada em 1974. A Revolução dos Cravos não apenas libertou a nação europeia, mas também permitiu o acesso à independência das colônias africanas. Três movimentos de libertação angolanos foram convidados para a mesa de negociações para decidir sobre a transferência de poder: a FNLA, o MPLA e uma terceira organização, a UNITA, que tinha sido fundada por um dissidente da FNLA, Jonas Savimbi que, ao longo do tempo, contou com a etnia majoritária – os Ovimbundu (Ribant, 2015, p. 16).

Na década de 1970, a luta ideológica Leste-Oeste ainda era uma realidade em Angola. A guerra colonial ou guerra de libertação nacional terminou mal e a guerra civil tornou-se uma realidade logo após a independência de Angola. Muitos atores da política internacional influenciaram o conflito: África do Sul, Cuba, Estados Unidos da América, União Soviética, com possível interesse nas receitas significativas geradas pela venda de petróleo e diamantes. A FNLA teve pouca intervenção na guerra civil, deixando o MPLA e a UNITA em conflito. A Angola independente pôde experimentar a paz pela primeira vez só em 2002, com o fim da guerra civil após a morte do líder carismático da UNITA, Jonas Savimbi (Ribant, 2015, p. 17).

Em 2017, João Gonçalves Lourenço foi eleito presidente, terminando o longo governo de José Eduardo dos Santos. Vindo do mesmo partido de seu antecessor, muito rapidamente demonstrou suas intenções diferentes tentando reformar o país em profundidade, sem hesitar em enfrentar um dos principais flagelos de Angola: a corrupção (Ribant, 2015, p. 17). Para Benito, a maioria dos países em África introduziu sistemas multipartidários, mas sem reformar as instituições do Estado para ajustá-las ao novo modelo político. Outra constante que deve ser considerada é a influência política decisiva das Forças Armadas, em que o exército

aparece como vetor de mudança de regimes através de golpes de estado (Benito, 2021, p. 119). Sobre a constituição cultural de Angola, Andreia Marzano, no artigo intitulado “Cruzes e feitiços: Identidades e trocas culturais nas práticas fúnebres em Angola” (2016) e tomando como exemplo a capital do país, afirma que a característica central da sociedade luandense é o hibridismo:

O hibridismo cultural é característica central da sociedade luandense. Resultante do contato entre portugueses e populações predominantemente abundas da região de Luanda desde o final do século XVI, tal hibridismo não foi originário das relações entre dois povos e culturas entendidos em termos de pureza e autenticidade. Muitos elementos tidos como portugueses foram levados a Luanda por traficantes brasileiros, portadores, também eles, de culturas híbridas - com traços indígenas, europeus e africanos cuja segmentação já se tornara, naquela altura, muito difícil. Os abundos, falantes do quimbundo, sofriam fortes influências de outros grupos etnolinguísticos atraídos para a órbita de Luanda: os bacongos, do norte, os lundas, do leste e os ovimbundos, do sul (2016, p. 473).

Também Orquídea Maria Moreira Ribeiro e Fernando Alberto Torres Moreira, no estudo intitulado “Luanda: dinâmicas urbanas e representações culturais” (2018), ressaltam que Luanda é, na atualidade, a “cidade símbolo da angolanidade, da identidade cultural angolana, de diversidade e dinamismo em que os espaços do poder político, económico, cultural e simbólico se cruzam, permitindo vários olhares sobre a cidade” (2018, pp. 198-199). Além disso, de acordo com os autores, a cidade é um “mosaico de culturas, uma representação da diversidade multicultural do país” (Ribeiro e Moreira, 2018, p. 199).

No contexto histórico, social e cultural mencionado, a obra de Pepetela se destaca. Os romances *A Geração da Utopia*, *O Desejo de Kianda* e *A Montanha da Água Lilás* abrangem um período que Benito classificou como anterior, que abarca desde o período pré-independência até os 38 anos de governo do Presidente José Eduardo dos Santos, que iniciou funções em 1979. Durante esse período, José Eduardo dos Santos aboliu a separação entre os três poderes e a posição de Primeiro-Ministro, transferindo estas

funções para a presidência. Além disso, também dirigiu as Forças Armadas e o Supremo Tribunal Federal, e as eleições presidenciais foram abolidas (Benito, 2021, p. 120).

Diferentemente das outras três obras, *Sua Excelência de Corpo Presente* (2018) é uma narrativa escrita no novo ciclo da África que, em Angola, de acordo com Benito, coincide com a chegada do Presidente João Lourenço, considerado moderado e a favor da democracia, em um novo contexto social e político, em 2017 (2021, p. 120). De acordo com Orquídea Moreira Ribeiro, Fernando Moreira e Susana Pimenta, no estudo intitulado “Nzinga Mbandi: From Story to Myth” (2019), Pepetela, autor das obras analisadas nesta pesquisa, assim como Pacavira e José Eduardo Agualusa, cada um à sua maneira, aproxima-se no caminho de enfrentar o passado colonial de Angola (2019, p. 58).

Cultura, identidade cultural e democracia

Para Stuart Hall, na obra intitulada *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2003), há uma íntima relação entre a questão multicultural e o fenômeno do pós-colonial. Hall ressalta que o termo "pós-colonial" não indica uma simples sucessão cronológica, como um antes e depois. Ele explica que a transição da colonização para os tempos pós-coloniais não significa que os problemas do colonialismo foram resolvidos ou que se entrou em uma era sem conflitos. Pelo contrário, o pós-colonialismo marca a mudança de uma configuração histórica de poder para outra. Problemas de dependência, subdesenvolvimento e marginalização, comuns durante o período colonial, continuam a existir no pós-colonialismo. No entanto, essas relações agora se manifestam de novas formas. No passado, eram articuladas como relações desiguais de poder e exploração entre as sociedades colonizadoras e as colonizadas. Atualmente, essas relações são transformadas em lutas entre forças sociais locais, com contradições internas e fontes de instabilidade dentro da sociedade descolonizada, ou entre essa sociedade e o sistema global como um todo (Hall, 2003).

A análise de Hall sobre o pós-colonialismo é crucial para entender que os impactos do colonialismo não se dissipam com a descolonização formal. Em vez disso, os legados coloniais continuam a moldar as dinâmicas de poder e conflito nas sociedades pós-coloniais. A persistência de problemas como dependência e marginalização evidencia que a descolonização é um processo contínuo, repleto de desafios e reconfigurações de poder. A compreensão dessas novas configurações é essencial para analisar as complexidades das sociedades pós-coloniais e suas interações com o sistema global, proporcionando uma visão mais abrangente e crítica dos fenômenos culturais e sociais contemporâneos.

A partir da leitura de artigos como “O papel da cultura na luta pela independência” (1978) de Amílcar Cabral, *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices* (1997) e *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006) de Stuart Hall ou *O local da cultura* (1998), de Homi K. Bhabha, entre outras perspectivas complementares, procurou-se embasar a discussão sobre pós-colonialismo, cultura e identidade cultural. As questões pós-coloniais podem contribuir no que tange a compreensão do paradoxo entre a visão ocidental construída historicamente sobre a população negra e visão dos povos africanos, que se desloca dos significados relacionados ao passado colonial. Assim, consideram-se também Tailze Melo Ferreira, no artigo “História e Ficção em *O desejo de Kianda*, de Pepetela: uma abordagem intertextual” (2003), Prisca Augustoni e Anderson Viana, em “A identidade do sujeito na fronteira do pós-colonialismo em Angola” (2010), entre outras perspectivas complementares, que analisam a relação entre a história e a ficção em romances de Pepetela, estabelecendo-se relações entre história e ficção na interpretação do texto.

Antes das discussões sobre cultura, identidade, memória e pós-colonialismo, em um primeiro momento, e considerando que a presente pesquisa analisa narrativas ficcionais, verifica-se a necessidade de reflexão sobre o conceito de verossimilhança, que foi desenvolvido por Aristóteles, em *Poética* (2004). Na época, o

conceito de Aristóteles era aplicado à poesia, mas evidencia-se que pode ser ressignificado de modo a auxiliar na interpretação dos exemplares de Pepetela. Para Aristóteles, “a função do poeta não é contar o que aconteceu, mas aquilo que poderia acontecer, o que é possível, de acordo com o princípio da verossimilhança e da necessidade” (Aristóteles, 2004, p. 53). Assim, constata-se que o conceito é aplicável, uma vez que os acontecimentos analisados foram organizados de forma verosímil dentro das diegeses, por meio da mobilização das escolhas lexicais do autor.

Já no artigo “Memória, identidade cultural e literatura: possibilidades de diálogos” (2014), Denise da Silva Oliveira e Marilu Martens Oliveira, afirmam que “paralelamente à questão da identidade cultural, está a noção de memória, que recria e se apropria criativamente de um sem-fim de possibilidades, uma vez que é na memória e pela memória que o indivíduo reafirma seu percurso identitário” (Oliveira e Oliveira, 2014, p. 674). Ao considerar, especificamente, a memória coletiva, as autoras destacam que esta posiciona os sujeitos “em um lugar-comum do mundo, uma vez que atua como elemento identificador da história dos tempos” (Oliveira e Oliveira, 2014, p. 675). Para Adriana Ribeiro de Araújo e Silvaneide Gercina de Almeida em “*O Desejo de Kianda*, de Pepetela: O Entre Fronteiras na Literatura Pós-colonial” (2021),

Pode-se dizer que a literatura produzida em Angola mantém uma relação fronteiriça com a História. Em Angola, a produção literária é resistência, ela constituiu uma forma de reivindicação da cultura nacional. A tentativa de resgatar a cultura nacional através da literatura e do romance enquanto gênero literário específico é, portanto, arma de combate e engajamento a favor das lutas pela promoção de melhorias na realidade (Araújo e Almeida, 2021, p. 220).

Assim, considera-se que as fontes selecionadas, no que toca a presente análise, abordam temáticas verossímeis relacionadas à cultura, à identidade, à história e à memória coletiva do cenário em que se inserem. Na perspectiva dos tópicos culturais, pode-se referir ao trabalho de Hall, que argumenta que a linguagem oferece

um modelo geral de funcionamento da cultura e da representação. Segundo Hall, os discursos são maneiras de construir e referir conhecimentos sobre um determinado tópico, sendo um conjunto de ideias, imagens e práticas que fornecem formas de falar sobre, formas de conhecimento e condutas associadas a um tópico específico, atividade social ou local institucional na sociedade (Hall, 1997). A análise de Hall sobre a linguagem como um modelo para entender a cultura e sua representação é fundamental para compreender como as práticas discursivas moldam e refletem a sociedade. Através da construção de discursos, os indivíduos e grupos não apenas comunicam, mas também constroem realidades sociais, influenciando percepções e comportamentos. Este entendimento é crucial para a análise das fontes selecionadas, pois revela a profundidade com que cultura e linguagem estão interligadas, impactando a identidade e a memória coletiva.

De acordo com o conceito de verossimilhança, verifica-se que Pepetela aborda temas de caráter universal. Aristóteles define o universal como aquilo que uma pessoa dirá ou fará, de acordo com a verossimilhança ou a necessidade, sendo isso o que a poesia busca representar, atribuindo nomes às personagens (Aristóteles, 2004). Entre os diversos aspectos de universalidade que podem ser verificados, destaca-se a denúncia das particularidades de Luanda, capital de Angola, no período pós-colonial. Joveta Jose, em “Angola: independência, conflito e normalização” (2008), observa que a história recente de Angola é marcada por problemas persistentes que o país enfrenta há muito tempo. Esses problemas incluem a estabilização da economia, a pacificação de uma população marcada por um longo período de guerra civil, e a busca por caminhos para a democracia acompanhada de reformas sociais que visam reduzir a pobreza, melhorar as condições de habitação, saneamento e meio ambiente. Entre todas essas dificuldades, a maior delas era pôr fim à guerra civil que durou vinte e sete anos, o que reduziu a capacidade de resolver questões estruturais, levando o país a uma trajetória histórica marcada por retrocessos e avanços modestos em sua afirmação como nação soberana (Jose, 2008).

A reflexão sobre o conceito de verossimilhança, apresentado por Aristóteles, é fundamental para entender a abordagem de Pepetela em relação à universalidade dos temas. Ao explorar as especificidades de Luanda no período pós-colonial, Pepetela não só destaca as particularidades locais, mas também reflete questões universais de luta, resistência e reconstrução. A análise de Joveta Jose complementa essa visão ao detalhar os desafios contínuos de Angola, evidenciando que a independência política não necessariamente resolve problemas estruturais profundos. A persistência de questões como a pobreza e a necessidade de reformas sociais revela a complexidade do processo pós-colonial e a importância de uma abordagem crítica e contextualizada para entender as dinâmicas contemporâneas de Angola.

Para Adriana Ribeiro de Araújo e Silvanaide Gercina de Almeida, em *“O Desejo de Kianda, de Pepetela: O Entre Fronteiras na Literatura Pós-colonial”* (2021), está-se perante “um contexto em que a sociedade está marcada pela corrupção, pelo enriquecimento ilícito de uma elite incipiente e pela guerra civil que aconteceu no período da pós-independência de Angola” (Araújo e Almeida, 2021, p. 218). Diante deste cenário, nota-se que tópicos pós-coloniais podem contribuir no que tange a compreensão do paradoxo entre a visão ocidental construída historicamente sobre a população negra e visão dos povos africanos, que se desloca dos significados relacionados ao passado colonial. Em *O local da cultura* (1998), Homi K. Bhabha reflete sobre o assunto:

A presença negra atravessa a narrativa representativa do conceito de pessoa ocidental: seu passado amarrado a traiçoeiros estereótipos de primitivismo e degeneração não produzirá uma história de progresso civil, um espaço para o *Socius*, seu presente, desmembrado e deslocado, não conterà a imagem de identidade que é questionada na dialética mente/corpo e resolvida na epistemologia da aparência e realidade. Os olhos do homem branco destroçam a corpo do homem negro e nesse ato de violência epistemológica seu próprio quadro de referência é transgredido, seu campo de visão perturbado (1998, p. 73).

Verifica-se que Bhabha auxilia na compreensão de elementos presentes na bibliografia analisada, especialmente sobre os sentidos relacionados à população negra, que envolvem estereótipos na cultura ocidental (1998, p. 73). Sarah N.R. Wijesinghe, em “Researching coloniality: A reflection on identity” (2020), embasada em Bhabha e em outros tópicos pós-coloniais, afirma que o colonialismo europeu se baseou na doutrina da hierarquia cultural e supremacia, sendo que, mesmo após o término do período de colonização, a exclusão continua a ocorrer através de várias assimetrias de poder, tais como gênero, classe, raça, etnia, cultura e episteme (2020, p. 1).

Stuart Hall, em *A identidade cultural da pós-modernidade* (2006), afirma que elementos africanos, europeus, americanos e ameríndios foram combinados durante séculos em hierarquias embrutecedoras sob a ordem fechada do poder colonial (2006, p. 84). Nesse sentido, entende-se que a cultura ocidental, sob a ótica do colonialismo, construiu sentidos ligados à superioridade europeia em relação a outras culturas, como a africana. Consequentemente, entende-se que a identidade, nas exposições, é atravessada por ideologias (neo)coloniais, uma vez que está inserida em um cenário histórico que prestigia a cultura eurocêntrica predominante.

O termo “exibições”, para o autor, refere-se a manifestações culturais, produções artísticas, performances ou qualquer forma de expressão pública que esteja relacionada à cultura e identidade. Assim, “exibições” abrange eventos como exposições de arte, espetáculos teatrais, apresentações musicais, festivais culturais e outras formas de apresentação pública de aspectos culturais. A ideia é que, nessas exposições, a identidade cultural das sociedades colonizadas ou dominadas é influenciada e moldada pelas ideologias (neo)coloniais que favorecem a cultura eurocêntrica predominante. Isso significa que a cultura ocidental, sob a perspectiva do colonialismo, impõe uma visão de superioridade europeia sobre outras culturas, como a africana, e isso afeta a forma

como a identidade é representada e percebida nessas exposições culturais (Hall, 2006, p.84).

Prisca Augustoni e Anderson Viana, em “A identidade do sujeito na fronteira do pós-colonialismo em Angola” (2010), discutem que a construção da identidade cultural em Angola é marcada pelo processo de descolonização tardia. De acordo com os autores, as nações colonizadoras, majoritariamente europeias, equivocaram-se ao referenciar a África durante séculos como um bloco único, o que não dá conta da diversidade étnica e cultural dos povos e nações africanas. Nesse cenário, Angola, no final do século XX, vivenciou uma utopia libertária, motivando uma crise identitária, em que o próprio povo necessitou de se autodefinir (Augustoni e Viana, 2019, pp. 189-190). Analisar a noção de ruptura com os discursos hegemônicos que definem cumulativamente a realidade, segundo Wijesinghe, é um processo doloroso porque envolve o desenvolvimento da autocritica, autonegação e autodescoberta, sendo necessário, inclusive, que a população aprenda a desaprender a própria história que, na maioria das vezes, é uma alegação construída de ideias que prestigiam o povo colonizador em relação ao povo que foi colonizado (2020, p. 8).

Para Umberto Eco, em *Tratado geral de semiótica* (2014), todos os aspectos da cultura podem se tornar, enquanto conteúdos possíveis de comunicação, uma entidade semântica (Eco, 2014). Hall argumenta que, na perspectiva dos estudos culturais, a cultura é a produção e a troca de significados, o ato de dar e receber significados entre os membros de uma sociedade ou grupo (Hall, 1997). Nesse cenário, entende-se que as narrativas propostas para este estudo são atravessadas por elementos culturais que extrapolam o universo ficcional.

A visão de Umberto Eco sobre a cultura como uma entidade semântica potencialmente comunicável é essencial para compreender a profundidade dos elementos culturais nas narrativas estudadas. Isso significa que qualquer aspecto cultural pode ser analisado e interpretado como parte de uma rede de significados. A perspectiva de Hall reforça essa ideia ao destacar

que a cultura envolve a produção e a troca de significados dentro de um grupo social. Essa troca é fundamental para a construção da identidade e para a compreensão das dinâmicas sociais. Portanto, ao considerar as narrativas analisadas, é crucial reconhecer como elas são permeadas por elementos culturais que não se limitam ao universo ficcional, mas que refletem e dialogam com a realidade sociocultural dos indivíduos e grupos representados. Isso amplia a relevância das narrativas como ferramentas para explorar e entender as complexidades culturais.

Na perspectiva dos tópicos pós-coloniais, Bhabha observa que “a articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais, que emergem em momentos de transformações históricas” (Bhabha, 1998, p. 21). O teórico também afirma que “nenhuma cultura é unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação do Eu com o outro” (Bhabha, 1998, p. 65), o que vai ao encontro do conceito de identidade cultural híbrida de Hall, que considera que “à medida em que as culturas nacionais se tornam mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (Hall, 2006, p. 74).

Homi Bhabha, no estudo *Nation and Narration* (1990), afirma que as nações, assim como as narrativas, perdem suas origens nos mitos do tempo e só percebem plenamente seus horizontes de maneira metafísica. Essa imagem da nação ou narração pode parecer extremamente romântica e metafórica, mas é dessas tradições de pensamento político e literário que as nações emergem como uma ideia histórica poderosa no ocidente. A compulsão cultural dessa ideia reside na impossível unidade da nação como uma força simbólica e ambivalente. Ernest Renan, em seu artigo “What is a nation?” (1990), explica que uma nação é uma alma, um princípio espiritual composto por duas coisas que, na verdade, são uma só: o passado e o presente. O passado é a posse comum de um rico legado de memórias, enquanto o presente é o consentimento

atual, o desejo de viver juntos e a vontade de perpetuar o valor do patrimônio recebido de forma indivisa. Renan ressalta que a nação, como o indivíduo, é o culminar de um longo passado de esforços, sacrifícios e devoção. O culto aos antepassados é o mais legítimo de todos, pois nossos ancestrais nos fizeram quem somos. Um passado heroico, grandes homens e glória autêntica são os fundamentos sobre os quais se baseia a ideia nacional. Ter glórias comuns no passado e uma vontade comum no presente, realizar grandes feitos juntos e desejar realizar mais são as condições essenciais para ser um povo (Renan, 1990).

A análise de Bhabha (1990) sobre a construção das nações destaca a natureza metafórica e mítica das suas origens, revelando a complexidade das narrativas nacionais. Ao enfatizar que as nações emergem de tradições de pensamento político e literário, Bhabha aponta para a importância dos símbolos e das narrativas na formação da identidade nacional. A visão de Renan complementa essa perspectiva ao definir a nação como uma entidade espiritual, onde o passado comum de memórias e o presente de vontade coletiva se fundem para criar um senso de unidade e propósito. A noção de que a nação é construída sobre um legado compartilhado e um desejo contínuo de grandeza conjunta sublinha a importância da memória coletiva e do compromisso cívico na formação e manutenção das identidades nacionais. Essas ideias são fundamentais para entender a força simbólica e a ambivalência que caracterizam as nações contemporâneas, bem como os desafios e as oportunidades de se manter uma identidade nacional coesa em um mundo globalizado.

Para o autor, muito mais valioso do que postos alfandegários comuns e fronteiras geográficas com ideias estratégicas é o fato de uma sociedade compartilhar uma memória, seja de um passado glorioso ou de arrependimentos, possibilitando que um povo tenha, no futuro, um programa compartilhado para realizar, ou o fato de ter sofrido, desfrutado e esperado junto. Renan menciona que o sofrimento em comum unifica mais do que a alegria, pois impõe deveres e requer um esforço comum (Renan, 1990). Uma

nação é, portanto, uma solidariedade em larga escala, constituída pelo sentimento dos sacrifícios feitos no passado e daqueles que o povo está preparado para fazer no futuro. Pressupõe um passado, mas está resumida no presente por um fato tangível: o consentimento, o desejo expresso de continuar uma vida comum.

Para Zygmunt Bauman, a identidade é uma projeção crítica do que se demanda ou busca em relação ao que é, ou ainda mais precisamente, uma afirmação indireta da inadequação ou do caráter inconcluso do que é (Bauman, 2003). No estudo intitulado “On Disciplines and Destinations” (2018), Bhabha destaca que o imaginário geográfico do estado-nação não é inerte. Os espaços nacionais têm movimentos de transformação social e mobilidade cultural bem definidos. O movimento das pessoas do campo para a cidade, por exemplo, traça a emergência do espírito comercial, o estabelecimento do crescimento urbano e o desenvolvimento de uma consciência cívica. As regiões costeiras são limiares inquietos de comércio, troca cultural e porosidade de povos e coisas. E as cidades internas são espaços turbulentos de ondas migratórias, com influxos de migrantes de primeira geração e fluxos de saída de gerações subsequentes que reformam a demografia doméstica. A mobilidade geopolítica é tanto um aspecto incipiente da inquietação interna à forma-nacional quanto uma indicação das redes circunvagantes e contingentes da globalização (Bhabha, 2018).

As observações de Renan sobre a importância de uma memória coletiva e do sofrimento compartilhado como elementos unificadores são fundamentais para entender a solidariedade nacional. O consentimento presente e o desejo de continuar uma vida comum são aspectos tangíveis que sustentam a ideia de nação. A visão de Bauman complementa essa análise ao sugerir que a identidade é uma projeção crítica das demandas em relação à realidade, destacando a natureza inconclusa e inadequada do que é. Bhabha acrescenta uma dimensão geopolítica e de mobilidade a essa discussão, argumentando que o estado-nação é marcado por movimentos sociais e culturais que transformam continuamente seus espaços internos e interações globais. Essas perspectivas

juntas oferecem uma compreensão rica e complexa das dinâmicas identitárias e nacionais, sublinhando a importância das memórias compartilhadas, das demandas críticas de identidade e da mobilidade geopolítica na formação e manutenção das nações contemporâneas.

Essas características permitem considerar que a cultura diegética construída nas obras que se pretende analisar são constructos que envolvem diversas culturas que influenciaram sua formação, em relação à história, às tradições políticas e religiosas, entre outros aspectos. Há ainda que se ressaltar que a identidade está em constante transformação, à medida que novos aspectos a influenciam. Na atualidade, por exemplo, verifica-se a influência das relações entre Angola e a China, e outros países do continente africano como relata Jose,

[África] passa por um profundo processo de restauração estrutural, com forte cooperação e recursos aportados pelo governo chinês, reorganizando e reconstituindo a sua esfera política, a sociedade e economia. A região da África Austral está com boa estabilidade política graças ao fim de conflitos de Angola, ao amadurecimento da democracia racial na África do Sul, e na Namíbia, aos progressos da democracia em Moçambique e ao fim também da guerra civil na República Democrática do Congo (2008, p. 178).

Assim, Stuart Hall, numa entrevista publicada na revista *Radical America*, intitulada “Ethnicity: Identity and Difference” (1989), menciona que a nação e todas as identidades associadas parecem ter sido reabsorvidas em comunidades maiores que excedem e interconectam identidades nacionais. Contudo, simultaneamente, há um movimento contrário, onde as pessoas, grupos e tribos que anteriormente estavam inscritas em estados-nação começam a redescobrir identidades que haviam sido esquecidas. Hall ilustra essa ideia ao explicar que, por exemplo, na Inglaterra, em vez de uma identidade cultural estável chamada “inglesa” que representa todos, o que se encontra é que os escoceses, por exemplo, estão se afastando, afirmando serem escoceses e europeus, mas certamente não britânicos. Os galeses

também afirmam que não são britânicos, pois se sentem esquecidos e preferem se identificar de outra forma. Além disso, regiões como o Noroeste e o Nordeste da Inglaterra, que foram negligenciadas pelo governo de Margaret Thatcher, não se consideram verdadeiramente britânicas e se veem marginalizadas. Os antigos sindicalistas e os negros também se identificam como diferentes. Assim, para Hall, resta uma pequena ilha em torno de Londres com cerca de 25 pessoas e o governo de Thatcher pairando sobre eles, constantemente questionando os outros, tanto dentro quanto fora do país, se eles são “um de nós” (Hall, 1989).

As observações de Stuart Hall sobre a fragmentação das identidades nacionais na Inglaterra revelam uma complexidade crescente na forma como as pessoas se identificam e se relacionam com o conceito de nação. A redescoberta de identidades regionais e étnicas que haviam sido suprimidas ou esquecidas destaca uma resistência à homogeneização imposta pelos estados-nação. Essa fragmentação pode ser vista como uma reação à centralização e à marginalização econômica e cultural de certas regiões e grupos. Ao mesmo tempo, Hall aponta para a exclusão e a questionamento contínuos da pertença nacional, refletindo uma insegurança sobre a própria identidade inglesa. Essa tensão entre a busca por identidades mais autênticas e a exclusão daqueles que não se encaixam na narrativa dominante é um fenômeno significativo que pode ser observado em muitas sociedades contemporâneas, sugerindo a necessidade de uma reavaliação crítica das políticas de identidade e inclusão.

Segundo Hall, as pessoas se sentem parte do mundo e parte de sua aldeia ao mesmo tempo. Têm identidades de bairro e são cidadãos do mundo. Então, por um lado, há identidades globais porque a humanidade reconhece aspectos de uma cultura global e, por outro lado, só se reconhece assim porque faz parte de algumas comunidades presenciais (1989, p. 13). Stuart Hall, em “What Is This “Black” in Black Popular Culture?” (1992), descreve que os três grandes pilares que sustentam a identidade nacional e a cultura nacional são: a resistência agressiva ao diferente com a tentativa de

restaurar o cânone da civilização ocidental; o assalto, direto ou indireto, ao multiculturalismo; o regresso às grandes narrativas da história, da língua e da literatura (1992, p. 107).

Ademais, considera-se o que Homi K. Bhabha expõe no estudo “El entre-medio de la cultura” (2003), em que o autor distingue a “cultura parcial” e a “cultura de entremeio”. Bhabha descreve a cultura parcial como o tecido contaminado mas conectivo entre culturas, sendo ao mesmo tempo a impossibilidade da inclusividade total da cultura e o limite entre elas. Essa cultura de entremeio é semelhante e diferente, criando uma tensão que deve ser defendida pela noção de cultura como algo migratório e parcial. Ele sugere que, ao revitalizar o significado arcaico de “lista” como limite ou fronteira, pode-se introduzir a ideia de que a tradução de culturas, seja ela assimiladora ou agonística, é um ato complexo que gera afetos e identificações fronteiriças, tipos singulares de simpatia e choque entre culturas. A presença parcial e até metonímica das culturas destaca as divisões sociais e os desenvolvimentos desiguais que perturbam o autorreconhecimento da cultura nacional, seus territórios e tradições consagradas (Bhabha, 2003).

A distinção feita por Bhabha entre “cultura parcial” e “cultura de entremeio” oferece uma perspectiva crítica sobre a interação cultural. O autor desafia a ideia de culturas homogêneas e inclusivas, propondo que a verdadeira natureza da cultura é ser parcial e migratória. Essa visão enfatiza a complexidade da tradução cultural, que não é um simples processo de assimilação, mas uma interação dinâmica que envolve simpatia e conflito. Ao introduzir a ideia de fronteiras culturais como espaços de afeto e choque, Bhabha leva a reconsiderar as noções tradicionais de identidade cultural e nacional. Esse entendimento é crucial para analisar como as culturas se interconectam e se transformam em um mundo globalizado, destacando a importância de reconhecer e valorizar as divisões sociais e os desenvolvimentos desiguais que moldam nossas percepções e identidades culturais.

Outro destaque importante nas obras analisadas refere-se à valorização da memória e da tradição cultural africana. Hall, na obra *The Fateful Triangle: Race, Ethnicity, Nation* (2017), destaca que africanos e pessoas de ascendência africana que migram para outros continentes compartilham uma ancestralidade comum. Essa herança é evidente nas características físicas como a cor da pele e o cabelo de seus povos. Essas diferenças carregam simbolismos compartilhados por diferentes culturas e constituem um vínculo entre essas pessoas e o continente africano. Hall ressalta que esses ancestrais e seus descendentes passaram por uma história comum, sofreram um desastre comum e têm uma longa memória coletiva (Hall, 2017).

Côrtes observa que nas literaturas africanas de língua portuguesa, especialmente na obra de Pepetela, há uma crítica ao processo de colonização e aos resquícios deixados por ele, sendo esta uma marca presente no contexto pós-independência. Diferente das literaturas coloniais, que geralmente adotam o ponto de vista do homem branco como centro da narrativa, o texto africano nega o colonialismo e inverte a perspectiva, colocando o homem africano como protagonista da narração (Côrtes, 2017).

A valorização da memória e da tradição cultural africana nas obras analisadas é fundamental para a construção de uma identidade coletiva entre os descendentes de africanos, tanto no continente quanto na diáspora. A análise de Hall sobre a ancestralidade comum e a longa memória coletiva sublinha a importância dessas características compartilhadas como elementos unificadores e de resistência cultural. Ao destacar as críticas ao colonialismo nas literaturas africanas de língua portuguesa, Côrtes revela a importância de reverter as narrativas coloniais e dar voz aos próprios africanos, permitindo uma perspectiva que reconhece e valoriza suas experiências e histórias. Essa inversão ótica não só desafia as narrativas dominantes, mas também fortalece a identidade cultural e histórica dos povos africanos, proporcionando uma plataforma para expressar suas próprias realidades e aspirações no período pós-independência.

De modo convergente, Amílcar Cabral afirma que a luta de libertação cultural de um povo que foi colonizado é a mais complexa expressão do vigor cultural do povo, da sua identidade e da sua dignidade, uma vez que enriquece a cultura e abre-lhe novas perspectivas de desenvolvimento; as manifestações culturais adquirem um novo conteúdo e novas formas de expressão, tornando-se assim um poderoso instrumento de informação e formação política, não apenas na luta pela independência, mas também na primordial batalha do progresso (1978, p. 236).

Sobre o conceito de democracia, e relacionando-o com um dos aspectos analisados neste trabalho nas narrativas de Pepetela, Hall, em "The Problem of Ideology-Marxism without Guarantees" (1986), destaca que o conceito de "democracia" não possui um significado totalmente fixo que possa ser exclusivamente atribuído ao discurso das formas burguesas de representação política. Ele observa que "democracia" no discurso do "Ocidente Livre" não carrega o mesmo significado quando se fala da luta "popular democrática" ou do aprofundamento do conteúdo democrático da vida política. Hall argumenta que não se pode permitir que o termo seja completamente apropriado pelo discurso da direita. Em vez disso, é necessário desenvolver uma contestação estratégica em torno do próprio conceito. Essa contestação não é apenas uma operação discursiva; símbolos e slogans poderosos com uma carga política positiva significativa não mudam de lado apenas na linguagem ou na representação ideológica. A apropriação do conceito deve ser contestada através do desenvolvimento de uma série de polémicas e da condução de formas específicas de luta ideológica, visando desvincular o significado do conceito do domínio da consciência pública e inseri-lo na lógica de outro discurso político (Hall, 1986).

A análise de Hall sobre o conceito de democracia é essencial para entender as complexidades ideológicas envolvidas em seu uso e interpretação. Ao destacar que a democracia não possui um significado fixo e que seu entendimento pode variar significativamente entre diferentes contextos políticos, Hall

sublinha a necessidade de contestar apropriações unilaterais do termo. Isso é particularmente relevante nas narrativas de Pepetela, onde a luta democrática é frequentemente contextualizada dentro de um quadro de resistência pós-colonial e crítica às estruturas de poder estabelecidas. A insistência de Hall na importância de uma contestação estratégica do conceito de democracia ressalta a importância de reavaliar e redefinir continuamente os termos políticos para que reflitam os objetivos e aspirações dos grupos marginalizados. Esse processo de contestação e redefinição é crucial para garantir que a democracia permaneça um conceito vivo e relevante, capaz de servir como um veículo para a justiça social e a representação inclusiva.

Na atualidade, recorrentemente, quando o termo “democracia” é utilizado, refere-se às ditas democracias liberais. Segundo Hall, em “Signification, Representation, Ideology: Althusser and the Post-Structuralist Debates” (1985), uma questão crítica nas democracias liberais desenvolvidas é precisamente como a ideologia é reproduzida em instituições supostamente privadas da sociedade civil – “o teatro do consentimento” – aparentemente fora da esfera de influência direta do próprio estado. Se tudo está mais ou menos sob a supervisão do Estado, é fácil perceber por que a única ideologia reproduzida é a ideologia dominante (1985, p. 100).

Mesmo nas democracias modernas, onde a vontade do povo é supostamente soberana, o governo, uma vez formado e encarregado da gestão do Estado, passou a constituir-se como um poder, separado do povo que ajudou a formá-lo. O conceito de Estado moderno implica, assim, uma noção de poder. O poder do Estado pode ser exercido de várias formas. Gerir a sociedade faz parte dos poderes, assim como fiscalizá-la. Em um nível mais geral, o poder do Estado pode ser entendido como a condensação desses diferentes modos e processos de poder em um único sistema de governo.

Considerando que também pretende-se tecer um olhar comparativo no que tange às obras de Pepetela selecionadas para esta análise, com o intuito de verificar como cultura e democracia

ecoam nos quatro livros, também foram consultadas propostas teóricas sobre a literatura comparada. De acordo com René Wellek, em “A crise da Literatura Comparada” (1994), capítulo da obra *Literatura Comparada: textos fundadores*, organizada por Eduardo Coutinho e Tania Franco Carvalhal, os trechos comparados surgiram como uma reação ao pensamento nacionalista do século XIX, período em que nações europeias buscavam o fortalecimento de suas identidades nacionais. Entende-se que o cenário histórico influencia não só a cultura de um povo, mas também a ciência e a arte de cada época. Assim, não foi diferente com as citações nem com as críticas literárias oitocentistas, pois diversos textos refletiam o nacionalismo europeu. Em oposição a estes movimentos, alguns pesquisadores e críticos passaram a desenvolver tópicos com o objetivo de transcender os limites nacionais (1994, p. 108).

Alega Sandra Nitrini, no artigo intitulado “Teoria literária e literatura comparada” (1994), que, a partir da iniciativa de Antônio Cândido, os primeiros trabalhos brasileiros sobre temas comparados foram desenvolvidos com vista à reflexão sobre aspectos teóricos do romance e da poesia, considerando-se, também, as relações com a sociedade, a cultura, a psicanálise e os diferentes níveis do discurso (1994, p. 476). Além disso, tal campo consolidou-se e passou a influenciar diversas novas modalidades, como a teoria dos gêneros literários, questões sobre discurso, análises literárias embasadas na psicanálise, reflexões sobre possíveis relações entre os problemas na escola, etc.

Em *Literatura comparada: Reflexões* (2013), de Eduardo Coutinho, destaca-se que a principal marca da comparação é a transversalidade. De acordo com o autor, esta característica apresenta-se na área tanto em relação aos idiomas e nações de obras analisadas quanto em relação às diferentes áreas do conhecimento, principalmente nos assuntos culturais e pós-coloniais (2013, pp. 175-180). Nessa perspectiva, entende-se que essa teoria possibilita uma infinidade de comparações no que tange ao *corpus* e às possíveis teorias que auxiliam as análises.

Afirma Coutinho que, na atualidade, os estudos comparados ultrapassam os níveis estilístico e linguístico e valorizam as diferenças culturais, históricas e psicológicas. Além disso, o autor aponta, no que toca a importância dos pesquisadores da área considerarem os efeitos da pós-modernidade nos fragmentos publicados após a Segunda Guerra Mundial, que estes são marcados pela relatividade de valores morais e de identidade, o paradoxo, a ambiguidade e a ironia (2013, p. 41). Assim, para o autor,

o fenômeno pós-moderno se revela justamente naquelas obras em que se vislumbra uma pluralidade de linguagens, modelos e procedimentos, e onde oposições como aquelas entre realismo e irrealismo, formalismo e conteudismo, esteticismo e engajamento político, literatura erudita e popular cedem lugar a uma coexistência em tensão desses mesmos elementos. Utilizando-se da paródia e de outros recursos técnicos desestabilizadores, o Pós-Modernismo desestrutura figuras e vozes narrativas estáveis e problematiza toda a noção tradicional de conhecimento histórico, pondo em questão ao mesmo tempo todas as instituições e sistemas que constituem as fontes básicas de significado e o valor da tradição estética ocidental (Coutinho, 2013, p. 41).

No âmbito, o caráter transversal das narrativas comparadas torna-se ainda mais evidente, pois entende-se que, para se compreender e comparar diferentes trechos literários, é imprescindível que o conhecimento sobre o cenário cultural, social, histórico, ideológico e econômico e seus respectivos públicos estejam inseridos. Em relação à comparação, Tania Franco Carvalhal, no artigo intitulado “Literatura comparada: estratégia interdisciplinar” (1991), afirma que a comparação não é um fim em si mesma, mas apenas um instrumento de trabalho que serve como um recurso para relacionar, uma forma de ver mais objetivamente através do contraste e confronto de elementos que não são necessariamente similares e, por vezes, até díspares. Carvalhal ressalta que comparar não é apenas justapor ou sobrepor, mas principalmente investigar, indagar e formular questões que revelem não somente sobre os elementos em jogo (literário, artístico), mas também sobre o que os sustenta (cultural, social).

Esse processo é o início do que hoje se entende como o vasto campo das relações intersemióticas (Carvalho, 1991).

A análise de Tania Franco Carvalho sobre a literatura comparada enfatiza a importância de uma abordagem interdisciplinar que vai além da mera justaposição de textos. A comparação é vista como um meio para uma investigação mais profunda, permitindo que se revelem as nuances culturais, sociais e históricas que moldam as narrativas. Isso é particularmente relevante ao analisar as obras de autores como Pepetela, onde o contexto pós-colonial e as complexas interações sociais e políticas desempenham um papel crucial. Ao utilizar a comparação como uma ferramenta para questionar e explorar essas dimensões, é possível obter uma compreensão mais rica e abrangente das narrativas literárias e dos contextos que as influenciam. A ênfase de Carvalho na investigação das bases culturais e sociais dos textos destaca a necessidade de uma leitura crítica que considere os múltiplos níveis de significado e a interconexão entre diferentes disciplinas.

De acordo com Carvalho (1991), pode-se compreender a comparação também como uma metodologia de pesquisa científica, mas não apenas, uma vez que é utilizada como meio para que sejam investigados e constatados fenômenos externos aos trechos literários. Já na obra *Literatura Comparada* (2006), Carvalho afirma que o termo é usado, geralmente, por designar investigações que visam ao confronto entre dois ou mais textos (1991, p. 11).

Ao longo deste capítulo, procurou-se mapear e discutir as complexas interações entre história, cultura e representações nas obras literárias de Pepetela, destacando o impacto profundo do colonialismo e as dinâmicas da resistência pós-colonial em Angola. Através da revisão de literatura, foi possível entender como as instituições coloniais moldaram o panorama político e social angolano, deixando legados que ainda hoje influenciam a trajetória do país. As reflexões sobre cultura e identidade cultural foram embasadas pelos estudos culturais e pós-coloniais, que proporcionam a compreensão das dinâmicas de poder e das

transformações culturais nas sociedades pós-coloniais. A ênfase na memória e tradição cultural africana reforça a importância de uma identidade coletiva que resista às narrativas dominantes e valorize as experiências e perspectivas dos povos africanos.

Além disso, a discussão sobre o conceito de democracia evidencia a necessidade de uma contestação contínua dos significados atribuídos a este termo, revelando a complexidade ideológica envolvida em seu uso e interpretação. Esta reflexão é particularmente relevante nas narrativas de Pepetela, em que a luta democrática é contextualizada dentro de um quadro de resistência e crítica às estruturas de poder estabelecidas. Neste capítulo também explorou a importância da literatura comparada como uma ferramenta metodológica que permite investigar e compreender as nuances culturais, sociais e históricas das narrativas literárias.

No próximo capítulo serão analisados recortes textuais representativos das obras de Pepetela selecionadas. Essa análise textual permitirá uma exploração mais detalhada das estratégias narrativas do autor, considerando como ele constrói suas narrativas e articula temas centrais como identidade, resistência e memória. Por meio dessa leitura crítica, espera-se proporcionar uma apreciação mais completa da riqueza e complexidade das obras de Pepetela, contribuindo para o debate sobre literatura e cultura africana contemporânea.

IV

Representações culturais e de democracia em Pepetela

Neste capítulo, serão exploradas as representações culturais e de democracia no imaginário angolano, conforme apresentadas nas obras de Pepetela: *A geração da Utopia* (1992), *O Desejo de Kianda* (1995), *A Montanha da água lilás* (2000) e *Sua Excelência de Corpo Presente* (2018). A análise dessas obras permitirá uma visão mais profunda das complexas interações entre cultura e política na sociedade angolana.

Para contextualizar esta análise, é necessário destacar algumas limitações do presente estudo. Primeiramente, dada a riqueza de detalhes e a complexidade das narrativas de Pepetela, é inviável discutir exaustivamente todas as representações culturais e de democracia nas obras selecionadas. A escolha dos nomes das personagens, por exemplo, revela um cuidado especial do autor em ancorar simbolismos aos nomes, o que poderia ser objeto de um estudo específico em Antroponomástica. Portanto, optou-se por avaliar representações mais gerais sobre cultura e a ausência ou presença de um projeto democrático. Foram, em consequência, selecionados recortes considerados mais representativos de cada obra para discutir esses temas.

Além disso, a presença de democracia nas obras de Pepetela pode ser considerada um oxímoro ou um simulacro, pois essas narrativas frequentemente retratam um contexto em que a verdadeira democracia está ausente ou é uma ilusão. As obras

revelam a contradição entre a ideia de democracia e a realidade do poder autoritário ou das estruturas de opressão presentes na sociedade angolana. Ao explorar essas representações, destaca-se a tensão entre a promessa democrática e a experiência vivida pelas personagens, oferecendo uma visão crítica sobre as noções de democracia e seus desdobramentos em um contexto em que sua plenitude não é alcançada.

As representações culturais e de democracia nas narrativas de Pepetela são muitas vezes interligadas, uma vez que as concepções políticas das personagens são influenciadas por diretrizes culturais e ideológicas. Embora se tenha feito a separação dessas categorias para sistematizar a análise, a intersecção entre ambas é notória nos recortes analisados. Este capítulo, portanto, busca delinear como Pepetela constrói suas narrativas e articula temas centrais como identidade, resistência e memória, situando essas discussões dentro das complexas dinâmicas históricas e culturais de Angola.

Cultura e noções de democracia em *A geração da Utopia* (1992)

Na obra *A geração da Utopia* (1992), verifica-se que a atenção de Pepetela está na construção de uma identidade nacional de Angola, que se tinha tornado independente de Portugal há cerca de uma década e meia quando a narrativa foi escrita e publicada. Apesar de se tratar de um romance, com foco em aspectos ficcionais, há, em sua construção, traços extralinguísticos que atravessam a construção diegética, como elementos históricos, a visão ideológica de Pepetela explícita na construção de alguns personagens e as estratégias de focalização, que direcionam os leitores a uma determinada interpretação, com os propósitos do autor.

É fundamental destacar que, quando se fala em construção de identidade nacional em países do continente africano, não se deve desconsiderar que a delimitação das fronteiras geográficas desses países não respeita as fronteiras dos povos que já viviam nessas

localidades. Esse aspecto histórico é essencial para a compreensão de alguns conflitos internos em Angola que, apesar de não serem o foco deste livro, aparecem de forma panorâmica em *A geração da Utopia* (1992), por exemplo, quando as personagens referem conflitos regionais e a dificuldade de união de líderes dos diversos grupos em um propósito nacional.

Como o próprio título sugere, verifica-se, na narrativa, a existência de uma geração de jovens com diversos perfis, com a utopia de construir uma nação forte, democrática e livre da corrupção e dos problemas sociais. Mas, no decorrer da obra, evidencia-se o pessimismo de Pepetela que, progressivamente, substitui a utopia e a determinação pelo desânimo, o descontentamento e a indiferença entre as personagens, o que é reflexo da guerra civil em Angola que assolou o país logo após o processo de independência. No estudo intitulado “A geração da Utopia” (2008), Maria de Nazaré Ordonez de Souza Ablas discorre sobre essa transformação no decorrer da obra.

Ablas observa que, embora as contradições do regime já estivessem presentes desde o início da narrativa, simbolizadas na relação entre a militante Sara e o apolítico Malongo, os personagens Vítor, Malongo e Elias emergem como a síntese dessas contradições, especialmente no que diz respeito à corrupção que tomou conta de Angola após a independência. Os sonhos de outrora se dissiparam: alguns personagens morreram por eles, enquanto os sobreviventes testemunharam seu fim. Apesar de tudo, Sara continua militando, e Aníbal ainda acredita, não no sistema, mas na capacidade humana de mudança. Ablas destaca que, se a utopia representa um lugar de felicidade ou um lugar inexistente, para essa geração ela existiu na Casa dos Estudantes do Império. Mesmo que essa trajetória tenha chegado ao fim, o sonho não está necessariamente acabado; novas gerações podem retomá-lo, como vislumbrado em Judite, filha de Marta, e seu namorado, Orlando. Assim, somente os ciclos permanecem eternos.

Ablas ilumina a desilusão que permeia a obra de Pepetela, mostrando como as promessas de um futuro brilhante e

democrático se desvanecem diante da realidade brutal da guerra civil e da corrupção. Ao mesmo tempo, a narrativa não perde completamente a esperança, sugerindo que a capacidade de sonhar e lutar por uma sociedade melhor pode ser retomada pelas novas gerações. Pepetela, portanto, oferece uma visão complexa e nuançada da luta pela independência e os desafios subsequentes, enfatizando a resiliência humana e a continuidade dos ciclos históricos.

Além disso, notam-se, na narrativa, inúmeras referências que demonstram uma tentativa disruptiva da dependência cultural com Portugal. Um exemplo disso é a cena em que Horácio recomenda a leitura de Carlos Drummond de Andrade, defendendo-o como o melhor poeta de língua portuguesa, acima de Camões e Pessoa. Horácio argumenta que Drummond aborda temas que ressoam mais com a realidade angolana do que os poetas portugueses frequentemente estudados nas escolas, destacando a proximidade cultural e linguística com o Brasil. Ele critica a imposição da poesia portuguesa e exalta a literatura brasileira como mais relevante e acessível para os angolanos.

Essa passagem sublinha o desejo de ruptura com a influência cultural colonial, propondo uma reconexão com outras culturas lusófonas que compartilham experiências e problemas mais semelhantes aos de Angola. Ao valorizar Drummond e a literatura brasileira, Pepetela enfatiza a necessidade de reconhecer e celebrar vozes literárias que falem diretamente à realidade dos angolanos, promovendo uma identidade cultural mais autêntica e menos dependente do antigo colonizador. Essa postura crítica também reflete a busca por uma independência cultural que complemente a política, reforçando a importância da literatura como meio de resistência e afirmação cultural.

Existe um ressentimento na personagem Horácio em relação à dominação cultural imposta por Portugal, desde a infância, ao apresentar-lhes nas escolas apenas os escritores clássicos portugueses, não oferecendo aos angolanos a possibilidade de terem referências de personalidades ilustres dos considerados

“irmãos brasileiros”, sendo o Brasil uma também ex-colônia portuguesa. Infere-se, por meio do trecho, que os vínculos culturais com países como o Brasil não eram incentivados para que não se espelhassem em uma busca de uma identidade própria.

Ressalta-se, contudo, o cuidado de Pepetela em não desvalorizar a cultura portuguesa, até porque a discussão entre as personagens que, nesta fase do livro, representam promissores e utópicos jovens angolanos, ocorre em uma casa de estudantes em Lisboa, onde alguns desses jovens frequentam formações acadêmicas em diversas áreas e outros procuram a valorização profissional em áreas não científicas, como no esporte. Assim, o ressentimento se manifesta, em diversos trechos do livro, de forma sutil, especificamente em relação a políticas de Portugal para com Angola, e não à cultura ou ao povo português de forma generalizada.

De acordo com a União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (2017) a “Casa dos Estudantes do Império”, (CEI) foi fundada em 1944 como um estabelecimento destinado a acolher estudantes vindos das (ex) colônias portuguesas que desejavam frequentar o ensino superior em Portugal. Embora inicialmente concebida pelo Estado Novo – a ditadura portuguesa sob António de Oliveira Salazar – como um instrumento de assimilação cultural e reforço dos laços coloniais, a CEI tornou-se rapidamente um local de efervescência intelectual e política. No ambiente da CEI, jovens de diversas colônias estabeleceram conexões e compartilharam experiências, dando origem a uma consciência panafricana e anticolonial. Para muitos estudantes angolanos, a CEI representou um espaço de politização e formação de identidades nacionais. Estabelecendo diálogos com outros estudantes africanos, eles refletiram sobre a opressão e exploração sob a ditadura portuguesa e começaram a conceber visões para um futuro pós-colonial. Assim, paradoxalmente, um instrumento criado pelo regime ditatorial para promover a luso-tropicalidade e a ideologia colonial acabou sendo um berço para movimentos nacionalistas e a demanda pela

independência de Angola e outras colónias portuguesas (UCCLA, 2017, p. 29).

A questão das relações entre Angola e Portugal em *A geração da Utopia* não se resume a um simples maniqueísmo de rejeição ou aceitação. Pepetela, habilmente, articula a complexidade das relações pós-coloniais ao diferenciar as tensões políticas da apreciação cultural. Embora exista uma clara postura crítica em relação às políticas coloniais de Portugal, isso não culmina em um desdém da cultura portuguesa em sua totalidade. Esse discernimento é essencial para compreender a riqueza da narrativa de Pepetela e a natureza multifacetada da identidade angolana.

Os personagens da obra, ao expressarem o seu descontentamento com a história colonial, ainda assim se veem voltadas a Lisboa, seja por aspirações acadêmicas ou profissionais. Isso ilustra um intrincado jogo de admiração e ressentimento, demonstrando que a história e a cultura não podem ser reduzidas a dicotomias simplistas. A menção e valorização de Drummond de Andrade, em oposição a clássicos portugueses, reitera essa ideia, apontando para uma Angola que busca referências além de seu colonizador, procurando ecos de sua experiência em outras nações lusófonas.

Nesse contexto, o trecho acima não apenas ressalta a tentativa de Pepetela em tratar da dominação cultural, mas também evidencia uma busca contínua por autonomia e redefinição. Longe de desvalorizar a cultura portuguesa, o autor sugere que, embora as tensões políticas e históricas possam colorir a relação entre as duas nações, o povo angolano ainda encontra valor e significado nas conexões culturais que compartilha com Portugal.

Vera Elizabeth Prola Farias, no artigo intitulado “Identidade e história de Angola: A geração da utopia” (2008), destaca que a obra *A Geração da Utopia* de Pepetela é estruturada em quatro partes, cada uma representando períodos históricos específicos e espaços definidos. A primeira parte, “A Casa”, focaliza a geração de jovens angolanos da Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, que planejaram as bases para a luta contra o colonialismo na década de

60. “A Chana” relembra os anos de guerra em Angola durante a década de 70. “O Polvo” se concentra em Luanda após a independência, na década de 80. Por fim, “O Templo” aborda Angola na década de 90, criticando os esquemas e a perda de valores éticos dos tempos revolucionários.

Essa estrutura narrativa serve como grandes metáforas para a história da Revolução Angolana, organizando-se em torno de quatro ciclos estratégicos. Cada parte não apenas narra eventos históricos, mas também simboliza os diferentes estádios de transformação e desafios enfrentados por Angola ao longo dessas décadas. A análise de Farias realça a habilidade de Pepetela em utilizar a narrativa literária para refletir e criticar a evolução histórica e política do país, evidenciando a complexidade e a profundidade da identidade angolana em meio às mudanças revolucionárias.

Na obra, encontram-se inúmeras passagens em que Pepetela constrói representações culturais do imaginário angolano, a partir de perspectivas distintas de personagens. Não se pode afirmar, contudo, que cada representação é a visão/avaliação de Pepetela, uma vez que visões conflitantes são apresentadas aos leitores. Assim, pode-se inferir que são panoramas integrativos que, mesmo divergentes, constroem um todo, a conflituosa identidade cultural angolana. Apesar dessa constatação, não se deve desconsiderar que algumas visões de mundo ganham mais destaque na obra e são mais ressaltadas pelas escolhas lexicais de Pepetela, que aqui são consideradas como estratégias de direcionamento por parte do escritor.

Fragmentos da obra *A Geração da Utopia* (1992) como representações culturais do imaginário angolano

Com o intuito de sistematizar a análise, são apresentados cinco fragmentos considerados ilustrativos dos principais fenômenos ligados à cultura em *A Geração da Utopia* (1992).

Fragmento 1

Foram anos de descoberta da terra ausente. E dos seus anseios de mudança. Conversas na Casa dos Estudantes do Império, onde se reunia a juventude vinda de África. Conferências e palestras sobre a realidade das colónias. As primeiras leituras de poemas e contos que apontavam para uma ordem diferente. E ali, no centro mesmo do império, Sara descobria a sua diferença cultural em relação aos portugueses. Foi um caminho longo e perturbante. Chegou à conclusão de que o batuque ouvido na infância apontava outro rumo, não o do fado português. Que a desejada medicina para todos não se enquadrava com a estrutura colonial, em que uns tinham acesso a tudo e os outros nada. Que o índice tremendo de mortalidade infantil existente nas colónias, se não era reflexo direto e imediato duma política criminoso, encontrava nela uma agravante e servia aos seus objetivos (Pepetela, 1992, p. 06).

Ilustração de cultura: - Casa dos Estudantes do Império. - Juventude vinda da África. - Diferenças sociais e culturais entre Portugal e África. - Referências musicais. - Baixo acesso de oportunidades de ascensão social. - Denúncia sobre a política de colonização portuguesa.

Verifica-se (Fragmento 1) que Pepetela opta, como estratégia de focalização, por um narrador onisciente, que conhece as impressões subjetivas da personagem Sara. A personagem, agora mais madura, estudante de medicina, ao lembrar da terra natal, desenvolve uma percepção crítica sobre Angola e a relação com a nação colonizadora, Portugal. Evidencia-se que houve um processo de amadurecimento devido às escolhas linguísticas do autor, que revelam a progressão temporal: “Foram anos de descoberta da terra ausente. E dos seus anseios de mudança”. Vera Elizabeth Prola Farias observa que, em *A Geração da Utopia*, Pepetela emprega uma voz narrativa que está diretamente envolvida com os eventos narrados, interessada em compreender a realidade. Essa voz narrativa sugere a presença de um "autor implícito", uma figura que representa o autor real, mas que é criada pela escrita. Esse autor implícito dirige os movimentos do narrador, das personagens, dos eventos narrados, do tempo cronológico e psicológico, do espaço e da linguagem, seja narrando indiretamente os fatos ou expressando diretamente os pensamentos das personagens envolvidas na história.

Essa estratégia narrativa permite que a obra de Pepetela não apenas conte uma história, mas também ofereça uma reflexão crítica sobre a realidade angolana. O autor implícito serve como uma ponte entre o autor real e a narrativa, possibilitando uma maior profundidade na análise dos eventos e das motivações das personagens. Ao mascarar-se numa voz narrativa que o representa, Pepetela consegue criar uma camada adicional de interpretação, onde a ficção serve para iluminar aspectos complexos e muitas vezes dolorosos da história de Angola. Essa técnica enriquece a narrativa, permitindo que o leitor se envolva tanto emocional quanto intelectualmente com a obra.

Observa-se que o desenvolvimento desse senso crítico com relação ao contexto histórico da personagem surge a partir das interações na Casa dos Estudantes do Império, em que não só era possível o compartilhamento de moradia e a disponibilidade de alimentação de forma mais acessível, mas também a interação com a juventude vinda da África, incluindo outros povos/países além de Angola. Ressalta-se, contudo, que mesmo as opções apresentadas como “acessíveis”, na obra, para que estrangeiros pudessem estudar na metrópole, ainda eram de um difícil acesso para a maioria da sociedade de Angola. A personagem Sara, por exemplo, veio de uma família de elite, com ascendência judaica, que se instalou em Angola, e detinha poder aquisitivo para mantê-la em Portugal.

O fragmento demonstra como a percepção da personagem foi influenciada não só pelas conversas na moradia estudantil, mas também por conferências e palestras sobre a realidade das colônias. A partir do contato com outros bens culturais, para além do universo acadêmico da medicina, como a leitura de poemas e contos, Sara passou a notar o distanciamento entre a sua cultura, a de Angola, e a cultura de Portugal. Como exemplo, há a conclusão de que o batuque ouvido na infância era muito diferente do fado português. Além disso, ela notou que a tão desejada medicina, que ela estava concluindo, não seria aplicável à maioria da população

de sua nação, devido à estrutura colonial, na qual imperava a discrepância social e econômica.

Nota-se, então, por um lado, que o recorte funciona como uma maneira de evidenciar o processo de percepção da personagem Sara sobre as diferenças entre Portugal e Angola; por outro lado, constata-se, também, que Pepetela realiza denúncia sobre as consequências da política de colonização, como o elevado índice de mortalidade infantil existente nas colônias, que, se não era reflexo direto e imediato da política criminosa de colonização, encontrava nela uma agravante.

Fragmento 2

O pai tinha muito orgulho nos seus antepassados vindos há centenas de anos das terras de Israel. Contava a história a quem o quisesse ouvir. No século XIII tinham se fixado em Portugal, fugidos doutras paragens da Europa. Por força das perseguições religiosas, trezentos anos depois de viverem em Évora, tinham aderido ao catolicismo e mudado o nome familiar para Pereira. Quase todos os cristãos-novos, termo por que eram conhecidos os judeus convertidos, escolhiam nomes de árvores. Escolhiam ou eram obrigados a aceitar, isso não sabia. Mas, mesmo assim, as discriminações não terminavam. O avô dela tentou melhor sorte em Angola no princípio do século e o pai nasceu já em Benguela. Apesar de guardar os ecos antigos de certa cultura de origem, o avô não tinha qualquer religião e em Angola casou com uma senhora sem ascendentes judeus. Por isso o pai só era meio judeu. [...] No fundo, o que o ligava aos judeus era apenas a reminiscência das perseguições, que lhes dava a aura de mártires do mundo, exacerbada pelos campos de extermínio dos nazis na segunda guerra mundial. [...] As perseguições raciais que os seus antepassados tinham sofrido durante séculos, para não dizer milhares de anos, deveriam tê-lo tornado tolerante em relação às outras raças. No entanto, a prática era contrária ao discurso. Talvez por ter conseguido aumentar a fortuna amealhada pelo pai em negócios de comércio, hoje tinha muito a perder. E o senhor Ismael Pereira gritava que era contra o racismo, que só tinha provocado hecatombes na História, mas nunca um negro entrara em sua casa sem ser na condição de serviçal (Pepetela, 1992, p. 37).

Ilustração de cultura: - Orgulho da descendência judia. - Perseguições religiosas em Portugal: conversão forçada ao Catolicismo. - Sem qualquer religião praticante. - Ligação com os judeus: reminiscência das perseguições durante a Segunda Guerra Mundial. - Prática contrária ao discurso: Gritava ser contra o racismo, mas nunca um negro entrara em sua casa sem ser na condição de serviçal.

Neste excerto, Pepetela continua a atribuir profundidade à narrativa a partir da trajetória da personagem Sara, mas, agora, como foco em sua família (Fragmento 2). A obra *A Geração da Utopia*, de um modo geral, evidencia, em todo momento, a multiplicidade étnica de Angola, com foco principal nas divisões culturais regionalistas. A partir desse recorte, os leitores são levados a pensar que a diversidade é muito maior do que a dos povos de origem africana que lá vivem, uma vez que há vários outros que os constituem, como os judeus.

O fragmento deixa claro que a família da personagem não pratica qualquer religião, sendo a ligação com os judeus apenas um orgulho e a reminiscência das perseguições durante a Segunda Guerra Mundial, que lhes conferem um *ethos* de mártires do mundo, o que é utilizado por Pepetela como uma crítica ao verniz social adotado pela personagem Ismael Pereira. Ao discutir o orgulho da descendência judia por parte do pai de Sara, incluindo o histórico de perseguições religiosas em Portugal e a conversão forçada ao Catolicismo, é possível refletir sobre o preconceito em níveis diferentes.

No decorrer do livro, fica claro que o *status* social dos estudantes vindos das colônias é inferior ao dos portugueses. A xenofobia é apresentada como algo recorrente na narrativa. Contudo, há mais uma estratificação social entre esses africanos: o da raça. Ao descrever que o pai de Sara possuía uma prática contrária ao discurso, uma vez que gritava ser contra o racismo, mas nunca um negro entrara em sua casa sem ser na condição de serviçal, o livro denuncia o poder aquisitivo alcançado pelos brancos em Angola e, ao mesmo tempo, em outros trechos do livro, verifica-se que Sara possuía maior possibilidade na Europa do que os seus amigos negros.

Fragmento 3

Personagem Vitor: Conversavam e o tempo passava. Ele não tinha nada urgente a fazer, já desistira de se apresentar aos exames. Ia chumbar mais uma vez, mas os estudos ou a carreira apareciam-lhe tão distantes, tão secundários, que já nem remorsos sentia por gastar inutilmente o dinheiro do pai, fazendo sacrifícios para lhe enviar a mensalidade. Queria fazer parar o tempo, como na canção brasileira que marcara os bailes da sua infância. Até o mar tinha perdido o aspecto hostil, ronronava de encontro às rochas, atirando espuma para o ar. Gozava uma paz há muito perdida. Como quando era criança e ia ao rio com os amigos, na Kahala, e esqueciam o mundo e a amília para só pensar na alegria de brincar. A vida tinha enterrado essa sensação de liberdade. A presença de Fernanda fê-la renascer (Pepetela, 1992, p. 76).

Ilustração de cultura: - Dificuldade financeira dos pais, em Angola, para sustentar os estudos dos filhos em Portugal. - Referência à música brasileira. - Memórias afetivas da infância. - Divulgação de Kahala, importante cidade da província do Huambo, Angola.

O narrador se focaliza nas sensações da personagem Vitor (Fragmento 3), considerando suas memórias e sentimentos a partir do contato com a personagem Fernanda. Primeiramente, o recorte aborda a dificuldade financeira dos pais de Vítor, em Angola, para sustentarem os estudos do filho, em Portugal. O texto sugere que a personagem se lamenta por não valorizar adequadamente os esforços da família, mas que essa sensação ruim dá lugar a bons sentimentos, motivados pelo contato com Fernanda, como a comparação de que a presença da amada lhe provoca a paz da infância, e os leitores são apresentados a memórias afetivas de Vitor, enquanto ainda era uma criança.

De forma sutil, evidencia-se que Pepetela focaliza em aspectos culturais externos e secundários, que extrapolam os elementos do universo ficcional da narrativa, mas que agregam maior riqueza de detalhes à obra e cumprem propósitos argumentativos do escritor. Como exemplo, aponte-se a referência à música brasileira ligada a valores positivos, caros à personagem, notando-se, mais uma vez, que a identidade cultural brasileira é vista no imaginário angolano da época como um modelo, já que também o Brasil foi colonizado por Portugal e construiu uma cultura a partir da convergência de

múltiplas etnias, o que demonstra também a possibilidade de Angola promover uma identidade que alie divergências. Há, também, a divulgação de Kahala, importante cidade da província do Huambo, Angola. Por meio dessas referências sutis, Pepetela retrata a influência de outros contextos culturais na vida das personagens, proporcionando um olhar mais amplo sobre a identidade angolana e suas possibilidades de união e diversidade.

Simón Frith, em seu estudo intitulado “Música e identidad” (2003), observa que os grupos sociais não apenas compartilham valores que são expressos em suas atividades culturais, mas reconhecem a si mesmos como grupos através dessas atividades. A identidade coletiva é, portanto, construída por meio do julgamento estético e da prática cultural. A música, segundo Frith, não é apenas uma forma de expressar ideias, mas uma maneira de vivenciá-las. Essa perspectiva é fundamental para entender como Pepetela utiliza referências culturais em sua obra. As atividades culturais, como a música, funcionam como um meio pelo qual as personagens se reconhecem e se definem, reforçando a identidade angolana em meio a uma diversidade de influências. Ao incorporar esses elementos na narrativa, Pepetela cria um espaço para reflexão sobre a importância da cultura na formação da identidade coletiva. Isso permite ao leitor uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e culturais que moldam as experiências das personagens e, por extensão, a sociedade angolana como um todo.

Nesse sentido, o estudo de Simón Frith sobre música e identidade acrescenta uma perspectiva valiosa ao debate. Frith destaca que as atividades culturais, como a música, não são apenas expressões de ideias, mas formas de vivenciá-las e de reconhecer os grupos sociais. Isso significa que a cultura, incluindo referências musicais, desempenha um papel central na construção da identidade coletiva, permitindo que diferentes grupos encontrem sua singularidade e se reconheçam dentro de uma organização de interesses individuais e sociais. Ao inserir essas referências culturais, Pepetela amplia as possibilidades de identificação e conexão entre os leitores e as vivências das personagens,

demonstrando a complexidade e a riqueza cultural de Angola, assim como a capacidade de construir uma identidade que valorize divergências e promova um senso de união.

Fragmento 4

Não te estou a combater, Sábio. Não estou a dividir nada. Só digo essa divisão existe e os militantes e o povo desconfiam dos Camundongos. Se houve homens do Leste que erraram, o que é certo, aprenderam porém com os do Norte. Quem formou os homens daqui? Não foram os exemplos mais que as palavras bonitas? Podem dizer-me vinte vezes por dia que somos iguais, a prática mostra que há privilegiados. E quem são os privilegiados? Os do Norte. Alguns do Leste? Sim, alguns vendidos que gravitam na órbita deles, que tudo aceitam para receberem umas migalhas do bolo. Haka, não é mesmo evidente? Com o tempo, os daqui aprenderam. Demorou, mas aprenderam. E agora não aceitam. De quem é a culpa, Anibal? Por que nos ensinaram a igualdade de boca se não a praticavam? O Sábio ia interromper, mas Mundial fez um gesto imperativo e continuou: Deixa-me acabar. Quantos comandantes eliminaram os seus subordinados do Leste, só com medo de serem suplantados? Não forçosamente eliminação física, mas política. Uma ratoeira, o do Leste fazia um erro, tumba, uma despromoção, uma mancha no currículo. Sabes disso tão bem como eu, falámos de alguns casos. Quem começou com essa luta pelo poder? Não foi o que estragou a guerra? No momento em que todo o povo apoiava, abusaram dele. Quando os guerrilheiros estavam decididos, maltrataram-nos, humilharam-nos, vocês são macacos, nós é que somos homens, portadores duma cultura superior, falamos português ou francês, sabemos ler. Vocês serão apenas guerrilheiros e as vossas mulheres trabalharão para nós. É verdade que esta região era mais atrasada, mas que se fez para a desenvolver, para formar os homens? Pouco. Hoje continua a haver mais quadros do Norte que do Leste e, no entanto, já passaram seis anos de guerra nesta frente. E houve milhares e milhares de guerrilheiros (Pepetela, 1992, p. 132).

Ilustração de cultura: - Divergências e conflitos regionais. - Não há uniformidade de direitos: alguns são mais privilegiados. - Igualdade está apenas no discurso dos privilegiados. - Poder estabelecido pela violência física ou simbólica: assassinato de subordinados ou destruição de carreiras políticas promissoras. - Contrastividade de grupos, impressa pela primeira pessoa do plural: nós, o povo, abusado, maltratado, mas portadores de uma cultura superior x vocês, guerrilheiros.

As afirmações do diálogo (Fragmento 4) possuem um tom mais impositivo e, ao mesmo tempo, pessimista. Destacam-se as estratégias discursivas de Pepetela, altamente argumentativas, que

demonstram o posicionamento do articulista, de modo a convencer os leitores sobre a perspectiva diante da personagem. O foco da discussão é referente às divergências e aos conflitos regionais, as personagens queixam-se de que não há uniformidade de direitos: alguns são mais privilegiados, portanto, a igualdade pregada no período da independência estava apenas no discurso dos privilegiados.

Entre as denúncias apresentadas no recorte, há a de que o poder, em Angola, ser estabelecido pela violência física ou simbólica, seja por meio do assassinato de subordinados ou da destruição de carreiras políticas promissoras, seja pelo medo da perda de poder por parte de lideranças não consolidadas. Já em relação às estratégias linguísticas de Pepetela, é fundamental a contrastividade de grupos, impressa pela primeira pessoa do plural, e asseverada a partir das escolhas dos adjetivos associados a cada um dos polos paradoxais: nós, o povo, abusado, maltratado, mas portadores de uma cultura superior *versus* vocês, guerrilheiros, não letrados.

Para fortalecer ainda mais sua argumentação, Pepetela utiliza estratégias discursivas persuasivas que revelam seu posicionamento e buscam convencer os leitores sobre a perspectiva diante das personagens e das questões abordadas. O autor adota um tom impositivo e, ao mesmo tempo, pessimista, destacando os conflitos regionais e as divergências existentes. O foco da discussão reside nas denúncias de falta de uniformidade de direitos e privilégios, mostrando que a igualdade apregoada apenas se restringia a um grupo minoritário.

Essa constatação vai ao encontro das ideias de Stuart Hall e Paul du Gay, que afirmam, no estudo intitulado *Cuestiones de identidade cultural* (2003), que as identidades se constroem através da diferença, não à margem dela. Em outras palavras, o significado “positivo” de qualquer termo — e com ele sua “identidade” — só pode ser construído em relação ao Outro, em relação ao que ele não é, ao que lhe falta. Ao longo de suas trajetórias, as identidades funcionam como pontos de identificação e adesão justamente por

sua capacidade de excluir, de omitir, de deixar “fora”. Toda identidade tem como “margem” um excesso, algo mais. A unidade e a homogeneidade interna que o termo identidade trata como fundacional não são formas naturais, mas construídas de fechamento. Toda identidade nomeia como seu outro necessário, embora silenciado e tácito, aquilo que lhe “falta”.

Ao refletir sobre essas ideias, percebe-se como Pepetela articula suas narrativas para evidenciar as exclusões e marginalizações inerentes ao processo de construção de identidade nacional em Angola. O autor critica a falsa homogeneidade proclamada pelos discursos oficiais e expõe as tensões e contradições que emergem quando essas identidades são postas em prática. Dessa forma, a obra de Pepetela não apenas narra uma história, mas também desafia os leitores a confrontar as realidades sociais e políticas que moldam as experiências das personagens, incentivando uma reflexão crítica sobre as noções de igualdade e justiça social no contexto angolano.

Nesse domínio, é relevante, uma vez mais, trazer à tona as reflexões de Stuart Hall e Paul du Gay sobre identidade cultural, uma perspectiva desafia a visão tradicional de que a identidade é construída a partir de uma unidade interna e homogeneidade. Ao contrário, as identidades funcionam como pontos de identificação e adesão justamente pela sua capacidade de excluir, omitir e deixar de fora o que é considerado abjeto. Essa compreensão ressoa com a análise de Pepetela, que revela as contradições e os conflitos existentes nas dinâmicas de poder em Angola, evidenciando como as identidades são forjadas em constante relação com o diferente e o excluído.

Fragmento 5

Esses velhos que desprezamos, imbuídos da nossa cultura cidadina judaico-cristã, têm muito a nos ensinar sobre a gestão do tempo, sobre os ritmos da vida. Beberam isso na fonte da sabedoria. Transmitem esses ensinamentos através de fábulas, de poemas orais, de adivinhas. Apesar de aparecerem em livros, não os sabemos ler. O que eles nos dizem, com as suas palavras, e que não entendemos, é que a natureza tem os seus próprios

rítimos com os quais nos devemos conciliar para modificar a natureza. Ora, o que fazemos nós, os crioulos híbridos de duas civilizações? Impomos apenas a componente da industrialização e do desenvolvimento exógeno, quer sejamos socialistas quer capitalistas, o que implica outros rítimos. E depois admiramo-nos porque a natureza não nos segue, nos prega partidas a todos os instantes. Eles sabem isso, e dizem-nos, mas como são analfabetos, o nosso preconceito emudece-os ao nosso entendimento (Pepetela, 1992, p. 203).

Ilustração de cultura: - Outra forma de contrastividade: os “velhos” (europeus, imbuídos da cultura judaico-cristã) *versus* “nós”, crioulos híbridos de duas civilizações. - Crítica em relação à importação apenas da industrialização e do sistema financeiro.

Constata-se que a contrastividade, por meio da primeira pessoa do plural (Fragmento 5), continua a ser uma estratégia de Pepetela para o convencimento dos leitores. Contudo, essa oposição não é interna, como anteriormente, mas externa: os “velhos que desprezamos” (europeus, imbuídos da cultura judaico-cristã) *versus* “nós”, classificados pelo escritor como “crioulos híbridos de duas civilizações”. Nota-se uma crítica do autor aos angolanos, ao importarem apenas o modelo de industrialização e os sistemas financeiros europeus.

Silva (2019) observa que em *A Geração da Utopia*, há um balanço das conquistas dos libertadores que mobilizaram toda uma geração que participou da independência, mas que anos depois vive uma realidade não prevista. Essa realidade é vantajosa para alguns, que a usufruem com cinismo ou pragmatismo, mas também cria uma atmosfera de dúvida, medo, isolamento, angústia e depressão. A utopia daquela geração era o projeto nacionalista e um modelo de Estado orientado pelos ideais socialistas. Contudo, esse Estado se torna um lugar de privilegiados combinado a uma burocracia que desumaniza. Não demora tanto para que os padrões neoliberais se imponham massivamente, endossando a perspectiva melancólica do discurso. Essa melancolia é marcada pela fala descontente, descrente e apática de várias personagens, mas também pode significar a não cumplicidade com aquele estado de

coisas, especialmente na construção da personagem do comandante Aníbal, o Sábio.

A crítica incisiva de Pepetela expõe as falhas e as contradições do projeto nacionalista angolano pós-independência. A obra revela a desilusão de uma geração que, ao invés de encontrar a utopia prometida, depara-se com uma realidade de desigualdade e desumanização. A melancolia presente no discurso das personagens é, portanto, um reflexo da falência do ideal socialista e da imposição de um neoliberalismo que beneficia apenas uma pequena elite. Pepetela utiliza essa narrativa para questionar a eficácia dos modelos importados e a falta de uma identidade nacional genuína que atenda às necessidades e aspirações do povo angolano.

Ao trazer à tona essas questões, Pepetela, ao mesmo tempo em que narra a história de Angola, também provoca uma reflexão crítica sobre as escolhas políticas e econômicas do país. Ele desafia os leitores a reconsiderarem o caminho trilhado e a pensarem em alternativas que possam realmente promover a justiça social e a igualdade. A figura de Aníbal, o Sábio, simboliza essa resistência melancólica, que, apesar de desencantada, não se rende completamente ao estado de coisas imposto, mantendo viva a esperança de uma transformação verdadeira.

Na perspectiva defendida em *A Geração da Utopia*, não explicitamente, mas inferida a partir do contexto da obra e dos ditos atribuídos às personagens que possuem maior relevância no texto e associadas a valores positivos, Pepetela considera inadequada a crítica pela crítica aos europeus. O autor sugere uma postura mais respeitosa diante do histórico processo de maturação cultural das nações europeias, separando-se ações políticas pontuais, negativas, de toda grandiosidade, que pode servir de inspiração, já que os angolanos herdaram parte dessa riqueza: são híbridos de duas civilizações, a europeia e a africana. Sugere-se, assim, a construção de uma identidade híbrida, que considere os aspectos positivos de cada um dos passados, em benefício do surgimento de uma nova nação, forte, próspera, sábia e que valoriza esse seu passado.

Fragmentos da obra *A Geração da Utopia* (1992) como representações de democracia no imaginário angolano

Dando continuidade à análise de trechos escolhidos, são apresentados a seguir, de forma sistematizada, cinco fragmentos considerados ilustrativos dos principais fenômenos ligados à democracia em *A Geração da Utopia*.

Fragmento 6

Quando desembocavam no Rossio, onde se encontravam outras centenas de manifestantes, alguém gritou Abaixo a Guerra Colonial, Independência para as Colônias. Poucos repetiram, e em breve corria o murmúrio, é um provocador, é um provocador. Sara e Laurindo tinham gritado, acompanhando a palavra de ordem. Por que provocação? Gritar Abaixo o Fascismo não era provocação e Independência das Colônias era? Não se tratava da mesma luta? A malta da Casa teria razão, já não era? Com a ansiedade sobre o que ia acontecer, Sara não teve tempo de pensar a sério no assunto, mas sentiu que algo a perturbava. [...] Em breve o Rossio estava cheio e era impossível distinguir os manifestantes dos curiosos. Não creio que a polícia carregue – disse Furtado. – Está tudo misturado, vão só bater em quem é espectador. O tom das vozes subiu, agora mais ritimado. Abaixo o Fascismo, Viva o 1º de Maio, Democracia. A uma ordem vinda da frente, a manifestação deslocou-se para a direita e subiu para o Chiado. A polícia deixou passar. Disparate – disse Furtado. – No Chiado vão carregar. Querem passar pelo República – disse Sara. O jornal A República era assumidamente de oposição a Salazar e apesar da censura tomava posições favoráveis aos estudantes e à democracia. A rua do jornal era lugar tradicional das manifestações de apoio. Mas era um sítio mais fechado, favorável às cargas da polícia, Furtado tinha razão (Pepetela, 1992, p. 24).

Ilustração de democracia: - As personagens de Angola constataam que a luta de independência das colônias não era compartilhada pelos portugueses que pediam o fim do salazarismo. -Noção seletiva de democracia: apenas para alguns. -Os manifestantes almejavam democracia para Portugal, mas não para as colônias. - Importância da imprensa na defesa da democracia.

O cenário exposto no fragmento 6 revela uma manifestação realizada em Portugal, no dia 1º de maio, Dia do Trabalhador, em que um grupo, composto majoritariamente por estudantes, reivindica democracia. As estratégias de focalização de Pepetela

oferecem pistas progressivamente, de modo que os leitores se surpreendam junto com as personagens de Angola, em especial Sara, quando constatarem que a luta de independência das colônias não era compartilhada pelos portugueses que pediam o fim do salazarismo.

No início, os estudantes angolanos sentem-se seguros e confiantes ao gritarem palavras de ordem relacionadas à independência das colônias, mas, aos poucos, evidenciam que as pessoas ao redor os observam com reprovação e não entoam conjuntamente o coro dos manifestantes de Angola. Constata-se, portanto, que os manifestantes almejavam democracia seletiva, ou seja, apenas para Portugal, mas não para as colônias, o que causa frustração em Sara.

Outro importante aspecto apresentado trata do papel da imprensa na defesa da democracia em regimes totalitários. No trecho, há a menção do jornal *A República*, um veículo de comunicação que ousava encarar a censura e defender a democracia e os estudantes. Diante disso, a rua em que o jornal estava localizado se tornou um ponto de encontro para a realização de manifestações.

Fragmento 7

Tu não acreditas mesmo que possamos viver todos juntos em Angola um dia, sem injustiças nem desigualdades? Com os brancos e mulatos não. Eles tenderão sempre a dominar-nos. No entanto, os missionários que te formaram e ajudaram são brancos. Americanos ou brasileiros, não portugueses. E muito menos portugueses nascidos em Angola, que se sentem com direitos sobre a terra por lá terem sido gerados. Esses são os piores, mesmo se tiveram uma mãe ou uma avó negra. Mãe ou avó que era apenas uma serviçal do branco. Esses transportam em si a supremacia da parte branca sobre a negra, vem desde a nascença. Tinham que matar o pai para libertar a mãe. É isso mesmo. Vítor tinha dito a frase com uma certa ironia, mas Elias não notou ou nem se preocupou com isso (Pepetela, 1992, p. 72).

Ilustração de democracia: - Embate racial: surge uma ideologia, interna em Angola, de negros que rejeitam dividir a nação com brancos e mulatos, devido ao sofrimento causado pela colonização. - Há a aceitação de brancos

estrangeiros, mas não angolanos. - Noção seletiva de democracia no interior do país.

No diálogo entre as personagens Vitor e Elias (Fragmento 7), este último questiona o seu interlocutor se ele acredita que um dia seria possível a construção de uma Angola livre de injustiças e desigualdades, e Vitor declara que com os brancos e mulatos não, pois eles tenderão sempre a dominar os angolanos negros. Verifica-se, aqui, um embate racial: surge uma ideologia, interna em Angola, de negros que rejeitam dividir a nação com brancos e mulatos, devido ao sofrimento causado pela colonização.

Ressalta-se, contudo, que isso não se aplica fora do âmbito dos naturais do território de Angola, uma vez que há a aceitação de brancos estrangeiros, mas não angolanos. O diálogo evidencia, por exemplo, que Elias foi ajudado por missionários brancos, americanos ou brasileiros, e que ele os respeita, mas não acha possível construir uma nação segura com portugueses ou descendentes de portugueses nascidos em Angola. Há, portanto, uma noção seletiva de democracia no interior do país.

Fragmento 8

Vitor: Um povo nunca perdoa massacres, mesmo se feitos em nome da liberdade. Elias: _ A História me ensina que os povos têm a memória curta. Uma geração é sacrificada, mas a seguinte integrou-se e pronto. Todos os poderes se constituem com base na violência, nalgum momento. Depois de passada a necessária fase da violência, então pode-se ser democrata. E o povo orgulha-se das suas liberdades. Mas só depois de ter adquirido uma personalidade livre, autónoma (Pepetela, 1992, p. 73).

Ilustração de democracia: - Duas visões distintas da construção de uma nação democrática: 1) de forma pacífica, sem massacres, 2) com a constituição dos poderes à base de violência.

Nota-se a continuidade do embate de visões de mundo paradoxais das personagens (1) Vitor e (2) Elias (Fragmento 8). Por meio do diálogo entre os amigos, Pepetela ilustra duas visões distintas da construção de uma nação democrática, que ganharam

força entre grupos organizados pela luta da independência de Angola: (1) de forma pacífica, sem massacres; e (2) com a constituição dos poderes à base de violência.

Na perspectiva de Vitor, um povo nunca perdoa massacres, mesmo se feitos em nome da liberdade. Já para Elias, os povos têm a memória curta. Esta personagem acredita que uma geração pode ser sacrificada, pois a seguinte seria integrada. Assim, todos os poderes seriam constituídos com base na violência e, na geração seguinte, seria possível estabelecer a democracia.

Fragmento 9

No sábado há um baile na Casa dos Estudantes. Gostava de te convidar. Mas essa Casa tem má fama. Tu és sócio? Sou sócio, claro. É lá onde se juntam todos os estudantes africanos. Não sei por que tem má fama. São todos uns comunistas, é o que dizem. Disparate! As mães é que dizem? Não só. As minhas amigas também. E recebi uma carta do meu pai a prevenir-me para nunca lá pôr os pés, fazem política contra o governo. E eu cá nem percebo nem quero perceber de política. Vitor sentiu vir à tona o seu sentimento nacionalista. Durante toda a tarde que estiveram juntos, ele evitara entrar nesses assuntos, porque percebera por uma frase ou outra que Fernanda ainda estava crua em termos de consciência política. Queria apenas fazer o curso de Enfermagem e vivia num universo que não lhe facilitava a aprendizagem de outras coisas. Com as mães ainda por cima. Mas agora tudo se juntava, o interesse coletivo e o seu interesse pessoal. A Casa é uma associação que torna a vida mais fácil aos estudantes das províncias africanas – evitou o termo colónia para não a chocar. – Temos uma cantina onde se come mais barato que em qualquer outro sítio. E um posto médico. E há muitas atividades culturais e de recreio (Pepetela, 1992, p. 77).

Ilustração de democracia: - Na visão de alguns setores conservadores da sociedade portuguesa, os estudantes africanos eram percebidos como comunistas. - Um dos fatores que inviabilizava a democracia era a falta de consciência política da população. Mesmo pessoas instruídas, com acesso à escolarização formal, centravam-se seus esforços intelectuais na apreensão apenas de conhecimentos técnicos. - Importância da casa de estudantes africanos em Portugal.

O debate político aparece de forma secundária neste fragmento 9, uma vez que o plano principal foca na construção do romance entre as personagens Vitor, um angolano, e Fernanda,

uma portuguesa. Nota-se que as personagens possuem ideologias conflitantes, mas, se por um lado Vitor é construído como crítico e consciente de sua ideologia, Fernanda é construída como alguém que apenas reproduz o comportamento político esperado pelo pai e pelas mães da Igreja.

Ao convidar Fernanda para um baile na Casa dos Estudantes, Vitor percebe que, na visão de alguns setores conservadores da sociedade portuguesa, os estudantes africanos eram percebidos como comunistas. Por meio das escolhas lexicais e das estratégias de focalização, Pepetela sugere que um dos fatores que inviabilizava a democracia em Portugal, durante o salazarismo, era a falta de consciência política da população. Mesmo pessoas instruídas, como Fernanda, com acesso à escolarização formal (ela cursava enfermagem), centravam seus esforços intelectuais na apreensão apenas de conhecimentos técnicos, deixando de lado a reflexão crítica sobre fatos políticos.

Percebe-se, no recorte, um gerenciamento da relação entre as personagens. Vitor é apresentado como consciente não só do seu próprio senso crítico político, mas também como consciente do despreparo de Fernanda. Contudo, diante de seus sentimentos pela amada, escolhe com cuidado as palavras utilizadas para mudar, aos poucos, a percepção de Fernanda sobre os estudantes africanos: “A Casa é uma associação que torna a vida mais fácil aos estudantes das províncias africanas – evitou o termo colônia para não a chocar” (Pepetela, 1992, p. 77). Aqui, ressalta-se a atuação do narrador onisciente, ao explicar que o termo “colônia” deu lugar a “província” para não chocar a então pretendente.

Fragmento 10

Claro que houve factores externos que complicaram as coisas, sobretudo o conflito ideológico Este-Oeste. Mas esses factores alimentaram-se apenas da nossa incapacidade de união. O termo crioulo presta a confusão e por isso não gosto dele. Talvez o adjetivo angolense fosse mais correto. De qualquer modo, essa camada social misturada culturalmente e até mesmo racialmente era a única capaz de olhar para a frente e unir o país, porque era a única com uma ideia de Nação. Mas estava demasiado marcada pela

sua própria trajetória ambígua. Tinham sido os intermediários da colonização, embora gritando contra ela. Reclamavam a defesa da raça negra e desprezavam os direitos das populações do interior, considerando-as incivilizadas. Exigiam autonomia e, ao mesmo tempo, beneficiavam da dependência. Claro que isso criou desconfianças entre essa camada urbana das grandes famílias e as sociedades tradicionais, que sentiam serem apenas piões no jogo. E até mesmo no seio das grandes famílias se mantinha a divisão de estatuto social entre os que tinham sido donos de escravos e os descendentes de escravos, entre os filhos da casa e os filhos do quintal. Eram conversas e makas que acompanharam a minha meninice no Bairro Operário, sei do que falo. Isso deixou ressentimentos, marcou os comportamentos, dividiu a elite. O resto vem num processo lógico de exclusão. Evidentemente, estes processos não aparecem claramente aos olhos das pessoas. Mas os intelectuais tinham obrigação de se aperceberem deles desde o princípio e terem conseguido superá-los (Pepetela, 1992, p. 286).

Ilustração de democracia: - Conflitos ideológicos regionais em Angola. - Dúvida entre o povo de Angola: crioulo ou angolense? - A camada social misturada culturalmente e racialmente era a única capaz de unir o país, por ter uma ideia de nação, apesar de serem os intermediários da colonização. - Divisão de estatuto social entre os que foram donos de escravos e os descendentes de escravos. - Elite dividida e ressentida. - Crítica aos intelectuais, que não perceberam a origem dos conflitos pós-independência em Angola.

As notas narrativas deste excerto (Fragmento 10) referem-se aos fatos que sucederam à independência de Angola e à ausência de democracia plena nesse novo contexto. São apresentadas reflexões sobre os conflitos ideológicos regionais em Angola, em que se evidencia a incapacidade de diálogo entre povos com valores e ideologias divergentes. Nesse cenário, Pepetela ressalta o papel dos miscigenados na construção de uma nova identidade nacional. Mas como classificá-los? Seriam eles crioulos ou angolenses?

O ponto de vista que ganha maior destaque em *A Geração da Utopia* é o de que a camada social misturada culturalmente e racialmente era a única capaz de unir o país, por ter uma ideia de nação, apesar de serem esses miscigenados os intermediários da colonização: possuíam uma trajetória ambígua. Embora gritassem contra a colonização, eram por ela beneficiados. Reclamavam a defesa da raça negra e desprezavam os direitos das populações do

interior, considerando-as incivilizadas. Exigiam autonomia e, ao mesmo tempo, se aproveitavam da dependência. Isso gerou desconfianças entre a camada urbana das grandes famílias e as sociedades tradicionais, que sentiam serem apenas peças de um jogo que de forma alguma as beneficiaria.

Nesse novo cenário de miscigenação, havia, portanto, inúmeros conflitos. Até mesmo, internamente às famílias, havia a divisão de estatuto social entre os que foram donos de escravos e os descendentes de escravos. No fragmento, verifica-se também a existência de uma elite dividida e ressentida. Pepetela realiza uma crítica aos intelectuais por não terem notado, ou dado a devida relevância, à origem dos conflitos pós-independência em Angola. Caso tivessem agido de outra forma, conflitos instalados no período de pós-independência poderiam ter sido evitados.

Silva (2019) observa que a prosa de Pepetela é caracterizada por um engajamento melancólico, que pode ser entendido como uma "melancolia de resistência". Essa melancolia surge da percepção de que a independência política, por si só, não é suficiente para alcançar um país justo, livre e igualitário. A desilusão e o desencanto permeiam a narrativa, mas ainda assim, há um engajamento político. Em vez de uma utopia, a obra de Pepetela apresenta uma resistência melancólica, que reflete a complexidade das lutas pós-coloniais e a necessidade de um engajamento contínuo para superar as injustiças persistentes.

Devido ao histórico de execução da obra, tanto a cultura quanto a democracia são representadas como em construção. Em uma nova nação, marcada por indivíduos que ainda não sabiam ao certo quais modelos eram os mais adequados para a nova realidade, a narrativa de Pepetela evidencia os desafios e as incertezas de um país em busca de sua identidade e de um futuro mais justo.

Cultura e democracia em *O Desejo de Kianda* (1995)

Tailze Melo Ferreira, no artigo “História e Ficção em *O desejo de Kianda*, de Pepetela: uma abordagem intertextual” (2003), discute que o romance em análise realiza um interessante jogo entre História e ficção (2003, p. 179). Assim, nesta subseção, são analisados trechos da obra que ilustram ambos os aspectos importantes do livro: a narrativa literária e o discurso histórico, sendo que ambos convergem ao evocar a memória e a ancestralidade angolanas como ingredientes da identidade multicultural do país.

De início, ressalta-se, portanto, que os acontecimentos históricos que contextualizam *O Desejo de Kianda* são posteriores aos de *A Geração da Utopia*, discutidos na subseção anterior. Além disso, nota-se, desde o início da narrativa, que *O Desejo de Kianda* possui carga maior de simbologias, alegorias, afastando-se do gênero romance histórico, e indo ao encontro da mistura entre aspectos históricos e mágicos. Para Conte e Nassr, “Pepetela é irônico ao detectar nas ações ‘revolucionárias’, as práticas coloniais, além da erosão da tradição com a inversão dos códigos tradicionais quando da não apropriação de suas práticas” (2016, p. 3).

Segundo Orquídea Ribeiro e Fernando Moreira, no estudo “Olhares de resistência e denúncia em Uanhenga Xitu, Pepetela e Ondjaki” (2023), a obra *O Desejo de Kianda* apresenta uma análise profunda do contexto social da cidade de Luanda, capital de Angola, no início dos anos noventa. O narrador retrata uma sociedade em que os princípios revolucionários de luta pela independência foram substituídos pela corrupção, ganância e afastamento dos valores promovidos pelo partido durante a oposição ao domínio colonial português.

Logo no início da obra, é destacado o desvio de verbas públicas para financiar atividades e eventos privados, como o casamento do casal Carmina e João. Carmina, que era membro destacado da Jota (Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola), contava com apoio e investimento do partido para seu

casamento. Foram feitas requisições às empresas estatais e até mesmo a noiva conseguiu uma missão fictícia a Roma, cujas despesas foram pagas pelo Estado, para comprar o enxoval (Ribeiro e Moreira, 2023, p. 12).

Os referidos autores destacam a personagem Carmina, que antes era militante do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), não só revela as formas de enriquecimento por si obtidas como define quem deve se beneficiar dos negócios ilícitos. Carmina demonstra a mentalidade de aproveitamento pessoal e prioridade aos camaradas que sempre foram firmes em suas posições. Além disso, menciona abrir uma conta em Sugaland, um novo paraíso fiscal, indicando a busca por evasão de impostos e ocultação de recursos.

O fracasso do novo estado angolano é atribuído também à crise na sociedade, que esquece as crenças e valores tradicionais, como o respeito pelos mais velhos. A continuação da crença no mito de Kianda, uma figura lendária, indica que a tradição cultural ainda persiste no imaginário angolano. Kianda é retratada como alguém que luta para recuperar seu espaço, a sua lagoa, e quando ela canta, os prédios caem, sem causar vítimas. Assim, o texto revela uma crítica à corrupção e ao desvio de valores na sociedade angolana pós-independência, retrata a traição dos ideais revolucionários e a prevalência da ganância e corrupção em detrimento dos interesses coletivos. Além disso, destaca a importância da preservação das tradições e valores culturais como uma resistência à deterioração moral e social (Ribeiro e Moreira, 2023, pp. 12-15).

De acordo com Ferreira (2003), a estrutura da obra se baseia em dois planos temporais: o recente cenário de pós-independência da Angola e o tempo mítico, que remonta ao período anterior à colonização do país, representado através da lenda de Kianda. Esses dois tempos se intercalam sem se confundir, pois aparecem na narrativa através de dois estilos de contar adotados pelo narrador: a crônica e a efabulação.

Ao aproximar os tempo da crônica e da fábula, o narrador constrói um romance em que a tradição ancestral, representada no mito, interage com as transformações ocorridas no presente pós-colonial de Angola. Essa estratégia mescla fato e ficção, presente e passado, na narrativa. Assim, a história é explicada na estória e o fato é reiterado na ficção, criando um tempo não linear onde as fronteiras entre mito e história, memória e presente, invenção e realidade são tênues.

Ferreira (2003) destaca que essa maneira de delinear o tempo no texto gera significados ao questionar um tempo linear, sem lacunas e fragmentações, pretendido pelo discurso histórico oficial. Ao misturar o tempo da crônica com o da fábula, a narrativa cria anacronias que subvertem o tempo cronológico, deslocando as noções de presente, passado e futuro, o que não seria permitido à história tradicional.

Essa abordagem crítica de Ferreira (2003) ressalta a habilidade de Pepetela em desafiar a linearidade e a rigidez do tempo histórico oficial, oferecendo uma visão mais complexa e interligada da história e da cultura angolanas. Ao integrar mito e história, Pepetela não apenas enriquece a narrativa, mas também questiona a própria natureza da verdade histórica, promovendo uma reflexão profunda sobre a identidade e a memória coletiva de Angola.

Segundo Araújo e Almeida, *O Desejo de Kianda*, de Pepetela, “interliga aspectos característicos da literatura angolana e demonstra aspectos culturais, sociais e históricos de Luanda, capital de Angola, importantes para se entender a referida cidade no contexto pós-colonial” (Araújo e Almeida, 2021, p. 219). A construção das personagens principais da obra, de acordo com os autores, desenvolve-se

em torno dos acontecimentos que ocorreram a partir do casamento de dois personagens principais: Carmina, também conhecida como Carmina Cara de Cu, ou CCC, e seu marido, João Evangelista. Os desdobramentos da narrativa demonstram aspectos da História de Luanda, da pré-colonização, ao abordar pontos que remetem a tradição, e, paralelamente a isso, aspectos

da modernização e do embate travado entre as diferentes culturas que constituíam Luanda (Araújo e Almeida, 2021, p. 219).

Em relação a aspectos alegóricos da obra que fazem alusão ao contexto histórico em que se insere, observa-se uma Angola fragmentada, em que a recente independência, proclamada em 1975, ainda apresenta ecos do passado colonialista. Também o contexto é atravessado pela guerra civil, que durou décadas no país e destruiu sua infraestrutura, além do cenário de polarização política (influenciado pela Guerra Fria).

Segundo Silvio Ruiz Paradiso, no artigo “A diáspora de Maria: relações sincréticas e culturais entre Nossa Senhora, Kianda e Nzuzu em *O outro pé da sereia*, de Mia Couto” (2011), Kianda, no imaginário do povo angolano, é uma sereia negra, uma divindade encantada e poderosa, que pode influir tanto para o mal quanto para o bem (2011, p. 258). Para o autor, há variações sobre o mito de Kianda, presentes em Angola, Congo, República Democrática do Congo e até mesmo em Portugal, em que se observa o sincretismo religioso e a construção de uma Kianda caracterizada pela visão eurocêntrica, ligada à figura de Maria (2011, pp. 259-263).

Já a construção psicológica, dos protagonistas Carmina e João Evangelista, é uma estratégia de Pepetela que ilustra a complexidade e a divergência de pensamento em Angola no final do século XX. Por um lado, Carmina, que concorreu ao cargo de deputada, assume postura corrupta para angariar privilégios para si e o marido, e revela descaso em relação à pluralidade étnica de seu país. Já João Evangelista é construído como uma figura passiva que, apesar da sensibilidade diante de alguns temas, nada faz diante da corrupção da esposa, representando a grande parcela da população que ignora os problemas sociais de Angola.

Assim, na obra, verificam-se inúmeras passagens em que Pepetela constrói representações culturais do imaginário angolano, a partir de perspectivas distintas das personagens. Não se pode afirmar, contudo, que cada representação é a visão/avaliação de Pepetela, uma vez que visões conflitantes são apresentadas aos

leitores. No entanto, pode-se afirmar que são panoramas integrativos que, mesmo divergentes, constroem um todo, a saber, a conflituosa identidade cultural angolana. Apesar dessa constatação, não se deve desconsiderar que, assim como na obra analisada anteriormente, também em *O Desejo de Kianda* algumas visões de mundo ganham mais destaque e são mais ressaltadas pelas escolhas lexicais de Pepetela, que aqui são consideradas como estratégias de direcionamento por parte do escritor.

Fragmentos da obra *O Desejo de Kianda* (1995) e suas representações culturais do imaginário angolano

Com o intuito de sistematizar as análises, são apresentados cinco fragmentos considerados ilustrativos dos principais fenômenos ligados à cultura.

Fragmento 11

Ali perto devia ser o sítio onde há trinta e tal anos derrubaram a mafumeira de Kianda, quando construíram a praça. Toda aquela zona fora uma lagoa e havia uma mafumeira que foi cortada e chorou sangue pelo cepo durante uma semana. Ouvia a estória um dia, ali mesmo numa esplanada do Kinaxixi, quando se sentou com o maior respeito à mesa onde se encontravam dois escritores, Luandino Vieira e Arnaldo Santos, grandes sabedores das coisas de Luanda (Pepetela, 1995, p. 26).

Ilustração de cultura: - Ancestralidade mágica. - Sabedoria ligada à ancestralidade e ao maravilhoso.

Neste excerto é possível detetar uma manifestação da ancestralidade mágica, na obra, ligada à figura de Kianda, em sua primeira menção. Verifica-se o encontro entre o tempo mágico e o tempo histórico, em que se observa uma divindade eterna na localidade, e a presença humana que avança no local há apenas três décadas (Fragmento 11). Nota-se a valorização da mafumeira, árvore típica de Angola, e o relato mágico de que o corte de uma mafumeira fez com que a planta chorasse sangue durante uma semana.

É possível identificar, também, marcas de intertextualidade ao dar-se credibilidade ao que é exposto quando são mencionados os importantes escritores luso-angolanos Luandino Vieira e Arnaldo Santos. Ao misturar o maravilhoso e o real em um mesmo espaço temporal e ficcional, Pepetela imprime o efeito de sentido em que a sabedoria e a ancestralidade estão ligadas ao maravilhoso, sendo, portanto, fortes representações culturais do imaginário angolano.

Fragmento 12

Arnaldo Santos, o escritor do Kinaxixi, sorria e dizia é preciso mas é tapar a saída da Rua da Missão, juntar o entulho dos prédios caídos nessa zona, como os padres do Carmo fizeram séculos atrás com terra e deixar se reconstituir a lagoa do Kinaxixi, tal o desejo de Kianda (Pepetela, 1995, p. 46).

Ilustração de cultura: - Crença na mitologia. - Sincretismo religioso.

No fragmento 12, verifica-se, mais uma vez, uma intertextualidade explícita, com a menção a Arnaldo Santos e sua obra. Selecionou-se este recorte para ser analisado, principalmente porque ele ilustra a interculturalidade dos povos em Angola, aqui materializada no sincretismo religioso. Segundo o relato, que ancora a credibilidade em Arnaldo, os padres (sacerdotes ligados à Igreja Católica Romana) não só acreditavam na divindade local, Kianda, como também respeitavam e cumpriam seus interesses.

Constata-se, neste trecho da obra, a construção de uma religiosidade miscigenada e ecumênica, em Angola, que constitui uma das características do surgimento de uma identidade cultural híbrida, imbricada entre a cultura europeia e a ancestralidade africana. Não se trata, portanto, da substituição de uma cultura por outra, mas sim a construção de uma em intersecção e harmonia com as que a originaram.

Fragmento 13

Cassandra finalmente encontrou alguém que nela acreditou. Mais velho Kalumbo, cego e desdentado, refugiado da beira do Kuanza, que morava no oitavo andar do prédio em construção. Foi um problema levar o velho lá para cima, cego e esclerosado, em escadas de madeira improvisadas para cobrir os buracos da escada de cimento que nunca se chegara a completar. O velho chegou lá acima, nunca mais saiu. Ia morrer lá, sem voltar a pôr o pé no chão, diziam. – Pode ser Kianda a cantar, Kianda se manifesta de muitas maneiras – disse ele para Cassandra. Umhas vezes são fitas de cores por cima das águas, pode ser um bando de patos a voar de maneira especial, um assobio de vento, porque não um cântico? – Tenho visto uns desenhos de Kianda. Metade mulher, metade peixe. – Não – disse mais velho Kalumbo com súbita irritação. – Isso é coisa dos brancos, a sereia deles. Kianda não é metade mulher metade peixe, nunca ninguém lhe viu assim. Os colonos nos tiraram a alma, alterando tudo, até a nossa maneira de pensar Kianda. O resultado está aí nesse País virado de pernas para o ar (PePETela, 1995, p. 46).

Ilustração de cultura: - Sabedoria ligada à ancestralidade e ao maravilhoso. - Identidade nacional ligada às raízes históricas e mitológicas. - Assimetria de poder entre o povo colonizado e o povo colonizador. - Resistência cultural diante da imposição.

Por outro lado, o texto supra-apresentado é um exemplo de pluralismo cultural em que se observa a resistência e a tentativa de apagamento de uma cultura diante de outra devido à assimetria do poder. Nota-se, no início do trecho, a representação da sabedoria ligada à ancestralidade e ao maravilhoso, especificamente na figura do velho, que mantém crenças locais convictas. Segundo Ferreira, não por acaso a menina Cassandra, o velho Kalumbo e os escritores Luandino Vieira e Arnaldo Santos são os únicos que percebem e acreditam no lamento de Kianda: “O velho porque simboliza o saber ancestral, a criança porque ainda não perdeu a inocência, podendo assim acreditar no universo do maravilhoso, e os escritores por serem grandes sabedores das coisas de Luanda, simbolizando assim o saber da memória ancestral” (Ferreira, 2003, p. 183).

Na sequência, observa-se o processo de construção de uma identidade nacional angolana disruptiva, ligada às raízes históricas e mitológicas, o que ocorre devido à resistência cultural diante da imposição e da assimetria de poder entre o povo colonizado e o

povo colonizador, simbolizada na revolta do velho diante do fato de que até Kianda, divindade importante e local, teve sua representação modificada ao ideal eurocêntrico. Simboliza-se, portanto, o conflito ideológico e cultural e o doloroso processo de busca da própria singularidade, disruptiva, no período pós-colonial. Sobre esse trecho, Araújo e Almeida (2021) observaram que *O Desejo de Kianda* retrata um país em desordem, utilizando uma alegoria que revela uma sociedade contaminada por costumes estrangeiros, influenciando e sufocando suas tradições. Os mais velhos afirmam que Kianda não era sereia, mas, sob a influência europeia, passou a ser representada como metade mulher, metade peixe, levando os nativos a se confundirem diante da imposição dos valores colonizadores. Essa predominância dos valores dominantes resultou no esquecimento das tradições, na negociação da própria identidade e no desejo de ser o outro.

Essa observação crítica sublinha o impacto profundo da colonização na identidade cultural angolana, destacando como as influências estrangeiras não apenas alteraram representações mitológicas, mas também causaram uma crise de identidade entre os nativos. A alegoria de Kianda serve como um símbolo poderoso desse conflito, mostrando a dificuldade de manter a singularidade cultural diante de uma hegemonia opressora. O processo de reapropriação cultural e resistência é, portanto, essencial para a reconstrução da identidade nacional no período pós-colonial.

Em estudos como o realizado por Teixeira (2018), é possível traçar uma comparação entre o perfil socioeconômico de personagens como Carmina e João Evangelista com Cassandra e o velho Kalumbo, evidenciando a desigualdade social no país. Enquanto Carmina e João Evangelista conseguem facilmente seu lugar na sociedade em reconstrução, Kalumbo e Cassandra são excluídos desse contato social com a comunidade privilegiada. Reduzidos à carência e limitados à providência humana, essas personagens também residem na lagoa do Kinaxixi, mas seu processo de acomodação é significativamente distinto daquele adotado pela elite angolana.

Essa comparação enfatiza o problema da desigualdade social em Angola, mostrando como a reconstrução do país após a independência não beneficiou todos os seus cidadãos igualmente. A narrativa de Pepetela, ao expor essas disparidades, não apenas critica a elite angolana, mas também revela a persistência de injustiças que continuam a afetar os mais vulneráveis, como crianças e idosos. A obra, assim, oferece um olhar crítico sobre a sociedade angolana, destacando as falhas e desafios no caminho para uma verdadeira igualdade e justiça social.

Fragmento 14

Duma coisa tenho certeza – disse Mateus Evangelista. – Isto tudo está relacionado com a falta de Fé dos angolanos. Hoje vivemos numa sociedade de pedintes e de ladrões. Onde estão os valores morais que impediam as invejas, os ódios, os actos arbitrários, os ajustes de contas, a ganância? Desapareceram. Temos jovens que nunca ouviram falar desses valores. Temos jovens que na escola nem sequer aprenderam que não se deve urinar nas ruas à frente de toda a gente. A única coisa que se sabe fazer é roubar. Até o telhado dum hospital se pode roubar, basta que não haja guarda. E quem o faz? É o povo, o próprio povo. Porque esse só pode roubar o telhado do hospital que está ali próximo. Os poderosos roubam muito mais, até se podem dar ao luxo de condenar o povo que rouba o hospital. O povo não tem acesso às grandes traficâncias e às comissões, só lhe resta derrubar os postes de electricidade para aproveitar os ferros da estrutura e vendê-los. Ou roubar os fios de telefone para vender o metal. E assim se vai destruindo o País. Uma escola novinha em folha não dura um ano, são os próprios pais dos alunos que roubam as carteiras, as portas, as janelas, as chapas de cobertura. E porquê tudo isto? Porque os angolanos deixaram de acreditar em Deus (Pepetela, 1995, p. 60).

Ilustração de cultura: - Sabedoria ligada à ancestralidade e ao maravilhoso. - Identidade nacional ligada às raízes históricas e mitológicas. - Assimetria de poder entre o povo colonizado e o povo colonizador. - Resistência cultural diante da imposição.

No fragmento 14, por meio da personagem Mateus Evangelista, há uma crítica à falta de fé dos angolanos, à falta de valores morais e éticos e à corrupção, na política e entre a população em geral. Na perspectiva da personagem, que anuncia com tom de denúncia, Angola se tornou uma sociedade de pedintes e de ladrões, cujos valores morais desapareceram, uma

vez que há jovens que nunca ouviram falar desses valores: “Temos jovens que na escola nem sequer aprenderam que não se deve urinar nas ruas à frente de toda a gente. A única coisa que se sabe fazer é roubar. Até o telhado dum hospital se pode roubar, basta que não haja guarda. E quem o faz? É o povo, o próprio povo” (Pepetela, 1995, p. 60).

Fragmento 15

Enquanto no prédio em construção Cassandra contava para velho Kalumbo a letra completa da canção que finalmente conseguira perceber. Se tratava dum lamento de Kianda, como já tinham previsto anteriormente, que queixava de ter vivido durante séculos em perfeita felicidade na sua lagoa, até que os homens resolveram aterrar a lagoa e puseram cimento e terra e alcatrão por cima, construíram o largo e os edifícios todos à volta. Kianda se sentia abafar, com todo aquele peso em cima, não conseguia nadar, e finalmente se revoltou. E cantou, cantou, até que os prédios caíssem todos, um a um, devagarinho, era esse o desejo de Kianda. E foi isso que Cassandra contou a mais velho Kalumbo (Pepetela, 1995, p. 64).

Ilustração de cultura: - Sobreposição do desejo da divindade em relação ao desejo humano. - Reconstrução da identidade nacional.

No fragmento 15 observa-se uma sobreposição do desejo da divindade em relação ao desejo humano. Verifica-se a perenidade de Kianda e, simbolicamente, a essência do povo angolano, diante de uma colonização temporária e decadente. Assim, a queda dos edifícios representa a decadência da colonização eurocêntrica e a reconstrução da identidade nacional, representada por Kianda, que não quer se deixar abafar.

Para Ferreira (2003), a revalorização da tradição, que havia sido interrompida mas que—agora ressurgiu, é simbolizada por Kianda e reflete o apreço pela memória e pela tradição ancestral angolana, que precede a chegada dos portugueses. Através da valorização dessas memórias, busca-se a reconstrução das raízes identitárias de Angola, com Kianda atuando como a guardiã dessa tradição.

Araújo e Almeida (2021) observam que, no romance, a queda dos prédios está associada à ideia de ficção, representada pela narrativa tradicional de Kianda dentro da cosmologia Kibundu. Notavelmente, essa questão é apresentada de forma natural na narrativa, sem despertar curiosidade ou estranhamento entre as personagens reforçando a presença da ficção na obra. O fenômeno das quedas dos prédios é descrito de maneira irreal, já que nunca há mortos ou feridos, e os móveis e eletrodomésticos permanecem ilesos. No romance, há tentativas de explicar esse fenômeno, com profissionais sendo convocados para identificar as causas desses acontecimentos.

A análise crítica de Araújo e Almeida destaca a maneira como Pepetela utiliza elementos sobrenaturais e mitológicos para explorar e revalorizar as tradições angolanas. A naturalidade com que as personagens aceitam esses eventos reflete a profunda integração dessas tradições na vida cotidiana, enfatizando a importância da memória cultural na formação da identidade. A alegoria de Kianda não apenas simboliza a resistência cultural, mas também sugere uma conexão inquebrável com o passado, essencial para a compreensão do presente e a construção de um futuro angolano.

No romance, o mar se torna um ponto de confluência e assimilação dos edifícios decadentes e da tradição angolana, permitindo a construção figurada de uma nova identidade cultural que incorpora diferentes identidades. O desejo de Kianda simboliza a afirmação cultural angolana, sufocada pelo processo de colonização europeu. Assim, um aspecto simbólico que traduz o contexto histórico e extrapola a diegese é o desmoronamento de prédios em Luanda. Esse evento, ligado ao maravilhoso e ao mito de Kianda, produz sentidos que remetem ao reencontro da nação com sua própria ancestralidade.

Araújo e Almeida explicam que *O Desejo de Kianda* (1995) revela o embate entre a cultura ancestral e a modernidade, mostrando um país costurado por culturas distintas devido ao processo colonizador. A história de Kianda, vista como lenda por alguns, exerce uma forte influência no imaginário Kibundu,

especialmente no período pré-colonial. Kianda é o símbolo da tradição, considerada o espírito das águas e a dona da lagoa do Kinaxixi. Com um canto suave e doloroso, ela emerge das águas ao lado dos edifícios construídos no Largo do Kinaxixi, símbolo da modernidade (2021, p. 230).

Essa análise destaca como Pepetela utiliza elementos mitológicos para criticar o impacto da colonização e a imposição da modernidade sobre as tradições angolanas. O desmoronamento dos prédios não é apenas um evento físico, mas um símbolo do colapso das estruturas impostas pela colonização e a ressurreição das tradições culturais sufocadas. A narrativa, em consequência, serve como uma poderosa metáfora para a recuperação da identidade angolana e a valorização de suas raízes ancestrais, mostrando a resistência cultural contra a homogeneização europeia e a importância da memória e da tradição na construção de uma nova nação.

Fragmentos da obra *O Desejo de Kianda* (1995) e suas representações de democracia no imaginário angolano

Para dar continuidade às análises, são apresentados, de forma sistematizada, cinco fragmentos considerados ilustrativos dos principais espaços narrativos ligados à democracia em *O Desejo de Kianda*.

Fragmento 16

Carmina ficou mais calma e voltou a repetir a pergunta. Ultramar Import-Export era ou não um bom nome para a firma? Ia registá-la nessa tarde. João Evangelista torceu a boca, sabes que esse nome tem uns relentos colonialistas, nós éramos os ultramarinos, os portugueses eram os metropolitanos, embora ultramar queira simplesmente dizer do outro lado do mar. Mas se alguém dissesse que Portugal estava no ultramar, era capaz de ir preso porque tinha insultado a pátria de Afonso Henriques, que essa tinha de ser tratada por Metrópole, nome mais digno. Eu sei disso tudo. Mas uma firma deve ter um nome provocativo. E este é. Agora se assiste a uma recuperação colonial, há bué de gente com saudades daqueles tempos, dizem se vivia melhor do que depois da Dipanda. Então, neste momento, chamar Ultramar a uma empresa vai mexer com as pessoas. E ela trata

mesmo com produtos de um lado para o outro do mar. Se já decidiste, não sei porque querias a minha opinião. Mas ela é importante. Mesmo que não tenhas razão sempre, como desta vez. Admite que desta vez erraste. Tens uma carreira política. E deves preservá-la. Se há alguma coisa que as pessoas conservam neste país é o nacionalismo. Com confusões ou não na cabeça, com muitas queixas em relação a tudo, mas são nacionalistas. Estás a provocar o nacionalismo, não te queixes depois quando precisares de votos. Que nome sugeres então? Sei lá, dá um nome de truta, que agora está na moda. Já há pitanga, manga, banana, abacaxi, porque lhe não chamas múcua? Estás a gozar. Vai ficar mesmo Ultramar. Temos de nos convencer que nós somos a metrópole e os outros é que são o ultramar. Devemos recuperar as palavras num sentido nacionalista, nisso tens razão. Os slogans de publicidade vão ser todos nesse sentido do nacionalismo. Ultramarinos são eles e a minha empresa vai levar-nos até esses selvagens que andam lá pelas europas pendurados das árvores pelos rabos. Ou poderiam andar se não os tivéssemos descoberto e civilizado (Pepetela, 1995, p. 18).

Ilustração de democracia: - O recente passado colonial ainda influencia muito nas representações e nos simbolismos da população em Angola. - Há um ressentimento da assimetria de poder imposta pelos portugueses com relação à Angola. - Saudosismo em uma parcela da população com relação ao período colonial. - A personagem Carmina, por ser, ao mesmo tempo, política e empresária, teme que suas decisões enquanto empreendedora interfiram em sua carreira política. - O nacionalismo é forte em Angola. - Ironia: muitas empresas surgem com nomes de frutas. -Contraste nacionalista por meio da primeira pessoa do plural: *nós* somos a metrópole e os *outros* é que são o ultramar.

Uma discussão entre as personagens Carmina e João (Fragmento 16) evidencia o quão a recente democracia conquistada em Angola é sujeita à influência de inúmeras paixões conflituosas da população em geral, uma vez que as suas decisões pessoais, que ocupam papéis sociais de destaque na narrativa, são extremamente influenciadas pelo contexto político, histórico, ideológico e social do período pós-independência, inseridos no universo ficcional da obra.

Observa-se, no recorte, que o recente passado colonial ainda influencia muito nas representações e nos simbolismos da população em Angola. Há um ressentimento da assimetria de poder imposta pelos portugueses com relação a Angola no período de colonização, por uma parcela da população, enquanto, para outra, há o saudosismo com relação ao período colonial. Esta é a

razão pela qual a personagem Carmina, por ser, ao mesmo tempo, política e empresária, teme que suas decisões enquanto empreendedora interfiram em sua carreira política.

Nessa perspectiva, a escolha de nomeação da empresa como “Ultramar Import-Export” é temida, pelo marido João, devido à possibilidade de ser interpretada de forma provocativa a uma ou a outra parcela da sociedade angolana que, apesar de divergências ideológicas, compartilha um sentimento nacionalista. Ultramar remete para o período pré-independência e à designação da administração colonial portuguesa para os seus territórios além-mar. O recorte também é ilustrativo da ironia ácida de Pepetela, impressa na fala de João, que sugere à esposa nomear a firma como “Múcua”, um fruto típico da região, já que muitas empresas surgem com nomes de frutas.

Além disso, nota-se que, assim como em *A Geração da Utopia*, também em *O desejo de Kianda* é um recurso argumentativo de Pepetela à impressão da contrastividade nacionalista por meio da primeira pessoa do plural, como observável na fala de Carmina “nós somos a metrópole e os outros é que são o ultramar”, de modo a ressaltar a força da população angolana e ressignificar um vocábulo que possuía conotação negativa em um passado recente.

Fragmento 17

Os outros três não deram crédito à suposição mais que negada pelas evidências. Olharam só uns para os outros. Mas a antiga Carmina voltou à tona, arengava contra as veleidades democráticas, tinham sido uns ingénuos em acreditar nas garantias internacionais, quem podia se deixar enrolar pelas promessas dos imperialistas americanos que tinham urdido toda a sórdida estratégia de tomada de poder pelos seus protegidos? Não me admira nada que a sétima esquadra ianque esteja já aí à frente, pronta a bombardear Luanda. Primeiro exigiram eleições, pensavam que os outros iam ganhar. Como afinal o povo não os quer, agora provocam a guerra. E à sucapa, os americanos atacam pelo mar. Com que pretexto?, disse Honório. Eles lá arranjam um, não te incomodes por isso, até são capazes de dizer que nós começámos a guerra. Os americanos não têm medo do ridículo... (Pepetela, 1995, p. 29).

Ilustração de democracia: - Denúncia: hipocrisia das ditas “democracias internacionais”, desenvolvidas, que adotam posições imperialistas diante de nações em desenvolvimento. - Guerra motivada pelo empoderamento bélico da oposição derrotada democraticamente, uma vez que os detentores do poder não defendem os interesses de povos estrangeiros, como os americanos.

Evidencia-se, neste recorte, que a narrativa possui caráter de denúncia sobre a hipocrisia das ditas “democracias internacionais” desenvolvidas, que adotam posições imperialistas diante de nações em desenvolvimento, como Angola. Sugere-se que a guerra civil foi motivada pelo empoderamento bélico da oposição derrotada democraticamente, uma vez que os detentores do poder, na época, não defendiam os interesses de povos estrangeiros, como os americanos, e que esses povos estrangeiros apoiaram as eleições democráticas no país apenas porque acreditavam que outro grupo político seria o escolhido.

Fragmento 18

Quê que esperavam? – disse Carmina. – Os umbundu não votaram nos nossos inimigos? Agora vão sofrer. Nem todos votaram assim, os resultados estão aí para o provar. E eles são também povo, já esqueceste as lições antigas? – disse o marido. – É preciso sempre defender a unidade nacional, um só Povo, uma só Nação. São umbundu, deixaram de ser povo! Eu também sou umbundu e faço parte do povo. Ora, deixa-te disso, João. Só és umbundu por parte do teu pai. E nasceste em Luanda. Por parte da tua mãe, és kimbundu. Quer dizer, não és nem uma coisa nem outra. És angolano, tu és a Unidade Nacional. Os inimigos a ti chamam um crioulo, eles acham que isso é ofensa. Pois bem, se eu sou a Unidade Nacional, então tenho ainda mais autoridade. E acho que não se deve perseguir ninguém, por nenhuma razão que seja e muito menos por serem duma ou de outra etnia (Pepetela, 1995, p. 30).

Ilustração de democracia: - Duas visões de mundo sobre a polaridade cultural e política presente na guerra civil: Interculturalidade *versus* descaso e desumanização dos adversários. -Apagamento das identidades regionais *versus* integração e valorização das divergências culturais através da convergência.

Ainda sobre esse cenário de guerra civil, destaca-se uma conversa entre Carmina e João Evangelista (Fragmento 18). Carmina apresenta uma postura de descaso, perante uma situação

em que um grupo de umbundu¹ está ameaçado, justificando-o no fato de o grupo ter apoiado seus rivais políticos [UNITA]. João, por outro lado, apresenta um discurso de interculturalidade, enfatizando inclusive suas raízes étnicas, porém, suas convicções são secundárias diante das da esposa, que expressa racismo em diversas afirmações e anula a multiplicidade étnica do país.

A personagem Carmina, enquanto membro da elite angolana, personifica o que João Baptista Gime Luís constatou na sua tese intitulada *Elites independentistas e Nacionalismo no século XX: Angola (1956-1975)* (2018), quando afirma que a construção do nacionalismo angolano foi um instrumento político utilizado pelas elites para garantir a hegemonia dos seus respectivos movimentos políticos (2018, p. 15).

Já no estudo intitulado “O Desejo de Kianda, de Pepetela: da emersão do mito aos desejos do povo” (2018), Vanessa Ribeiro Teixeira destaca que em uma sociedade com uma grande contingência mestiça, a posição de Carmina baseia-se em um racismo estagnante que apenas recupera e reafirma uma série de conceitos e preconceitos impostos pelo regime do ex-colonizador português. Segundo Teixeira, essa postura de Carmina pode ser observada sob uma perspectiva mais ampla, visto que, enquanto

¹ Segundo Jeremias Dandula Pessela em “Alguns aspetos da Fonologia do umbundu” (2021), o Umbundu é a língua dos povos ovimbundu. O nome dos povos Ovimbundu provem da forma híbrida que expressa duplamente o plural, pela combinação do prefixo da língua Umbundu "ovi" são uma etnia bantude Angola. Os Ovimbundu constituem 37% da população do país. Neste sentido, de acordo com as regiões de Angola onde se situam, fazem parte do grupo Ovimbunduos seguintes: su g u os ieno i, Alto Kwanza e Quibala), Bailundo (Bailundo, Alto Kwanza e Quibala) Seles (Musseles, Seles, Lobito), Sumbe ou Punda (Mossumbis, Pindas e Mupindas-Lobito e Porto Amboim), Mbui (Amboim), Quissange (Catchisandge e Vatchisange-Novo Redondo), Lumbo (Lumbos e Mulumbos-Lobito), Dombe (Ndombe, Mundom es andom e- enguela o medes e o toleand e an a uan as e a an a- o ito e gandagandaam o uam o e a la), Sambo (Sambo), Caconda (Kaconda) e Chicuma (Vatchikuma, Vatchiyaka-Ganda). Todavia, os subgrupos mais destacados são (“Bailundos”), os Wambo (Huambo), os Bieno, os Sele, os Ndulu, os Sambo e os Kakonda (Caconda) (2021, p. 79).

representante de uma coletividade política da Angola pós-independência, ela resguarda, nas suas palavras, os ideais de outros tantos membros dessa elite.

Essa análise ressalta como Pepetela critica a perpetuação das estruturas de poder e preconceito herdadas do colonialismo, mesmo após a independência. A personagem de Carmina exemplifica a continuidade dessas influências coloniais na nova elite angolana, que utiliza o nacionalismo de maneira estratégica para manter seus privilégios. A narrativa, portanto, expõe as contradições e hipocrisias da elite pós-independência, mostrando como os ideais de igualdade e justiça são frequentemente subvertidos em favor da manutenção do *status quo*. Pepetela desafia os leitores a refletirem sobre as complexidades do nacionalismo e da identidade em uma sociedade marcada por profundas desigualdades sociais e históricas.

Para Ferreira, as personagens Carmina e João Evangelista simbolizam a nova burguesia e elite do país, bem como o dilaceramento da nação, que perde seus valores éticos e morais, pois o período histórico pós-independência de Angola foi marcado por alianças de poder que geraram corrupção para o país: “O casamento de ambos pode ser percebido com metonímia das alianças em favor dos interesses próprios e da corrupção do Estado que se instalaram na Angola pós-independência” (Ferreira, 2003, p. 184).

Fragmento 19

Durante muitos anos foste política profissional e não te deste mal. Era a tese de Lenine, já esqueceste? CCC lhe lançou um olhar incendiário. João se encolheu um pouco na cadeira, já arrependido de ter falado. Era noutra contexto e com outros objectivos. Agora estamos na economia de mercado. Como depois vão querer empresários no Parlamento, abrir o Partido a todas as classes sociais, se os obrigam a largar as empresas? Largam nada. Arranjam testas de ferro para dar o nome às empresas. E continuam a geri-las nas calmas. É o que se faz nos países democráticos. Sei disso. E é o que nos vão obrigar a fazer. Hipócritas! Fomos meia dúzia que nos batemos contra isso. Derrotados à partida, perante a massa dos populistas que querem dar prestígio ao Parlamento, fazendo parecer que os deputados são representantes do povo anónimo e desgraçado (Pepetela, 1995, p. 30).

Ilustração de democracia: - Personagem dividida entre os interesses pessoais e os interesses coletivos. - Crítica à hipocrisia dos países “democráticos”, onde parlamentares mascaram suas posses e personas para se aproximarem imageticamente do povo.

A leitura do fragmento 19 demonstra como a personagem Carmina fica dividida entre os interesses pessoais e os interesses coletivos, entre a lembrança da líder política que se constituiu no passado, convicta de seus ideais, e a atual Carmina, que continua na vida política, mas que agora, em uma Angola inserida na economia de mercado, na prática, privilegia os próprios interesses. Há, ainda, no recorte, a crítica à hipocrisia dos países “democráticos”, onde parlamentares mascaram suas posses e *personas* para se aproximarem imageticamente do povo: “Como depois vão querer empresários no Parlamento, abrir o Partido a todas as classes sociais, se os obrigam a largar as empresas? – Largam nada. Arranjam testas de ferro para dar o nome às empresas. E continuam a geri-las nas calmas. É o que se faz nos países democráticos” (Pepetela, 1995, p. 30).

Segundo Conte e Nassr, por meio da obra de Pepetela constrói-se uma ponte de significações inserida na ideologia do país democrático. Eles argumentam que elevar as vozes que estiveram afônicas possibilita uma percepção mais aprofundada do diálogo entre a ficção e a História, oferecendo uma leitura alternativa à oficial, patrocinada pelo Estado. Este remoer memorial age como solução que corrói o espaço angolano e dilui valores seculares, tornando-o, de certa forma, hostil e impossibilitando a ação efetiva da Revolução (2016, p. 18).

A crítica de Pepetela à hipocrisia dos países democráticos, onde a transparência e a igualdade são proclamadas, mas frequentemente subvertidas na prática, é evidente na trajetória de Carmina. A personagem, que antes personificava os ideais revolucionários e a luta pela independência, agora se encontra imersa em um sistema que favorece a corrupção e a manutenção dos privilégios da elite. Essa transformação simboliza a desilusão

com o projeto de construção de uma sociedade justa e democrática, expondo as contradições inerentes ao processo de independência e a difícil transição para um estado verdadeiramente democrático. A análise de Conte e Nassr reforça essa visão, destacando como a obra de Pepetela promove uma reflexão crítica sobre a História e a identidade angolanas, desafiando as narrativas oficiais e revelando as complexas dinâmicas de poder e resistência.

Fragmento 20

O pior de tudo foi ainda a Margarida. Tive de lhe contar mesmo. Está que nem uma barata, não fala comigo, que nunca pensou que o marido fosse um corrupto como os outros. Adianta mesmo dizer que isso é pequena corrupção, que não se pode comparar com a grande que está a afundar o País? Para ela, corrupção é corrupção, acabou. Foi para casa do tio, quer o divórcio. Também perdes a mulher? Tudo. Casa, emprego, mulher. Por causa dessa síndrome de Luanda ou lá do que se trata. [...] Convertido à nova filosofia com as mudanças políticas, era um militante da democracia e da tolerância. Sempre fiel ao mesmo partido, o de Carmina. Atirado para o crime, se assim se pode chamar, porque os salários são engolidos pela inflação, não chegam para comprar a comida dum semana. E ainda por cima tinha de arranjar casa. Ele nas mesmas circunstâncias, que faria? Tinha estudado bastante mais que Honório, por isso talvez fosse mais cauteloso, mais astuto, arranjaria um melhor sistema para aumentar os salários (Pepetela, 1995, p. 53).

Ilustração de democracia: - Desapontamento de familiares ao descobrirem que um ente tornou-se corrupto. - Síndrome de Luanda. - Até mesmo militantes da democracia e da tolerância passaram a praticar corrupção, diante do cenário de crise em que os salários eram engolidos pela corrupção.

Uma leitura do fragmento 20 permite constatar um cenário de extremo pessimismo e descontentamento. Entre os temas abordados neste fragmento, consta o desapontamento de familiares, como é o caso da personagem Honório, que foi deixado pela esposa quando ela descobriu que ele havia se tornado corrupto. Há, contudo, um dilema, pois o texto evidencia que a personagem militava pela democracia e pela tolerância. Assim, até mesmo militantes da democracia e da tolerância se envolveram nas

malhas da corrupção, diante do cenário de crise em que os salários eram engolidos pela inflação.

O trecho também aborda a “Síndrome de Luanda” que, segundo Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco, no estudo intitulado “Apocalipses e catástrofes: o lugar da distopia em narrativas contemporâneas da literatura e do cinema angolanos”, revela “o esgarçamento das utopias culturais e políticas na Angola dos anos 1990 e sinaliza a ruptura dos elos com a ordem cósmica reguladora das tradições do imaginário popular angolano” (2022, s/p).

Para Machado, a esperança inicial de criar uma sociedade mais justa, igualitária e democrática após a independência foi gradualmente substituída pela percepção de que a política se tornara sinônimo de propriedade daqueles que a controlavam. Ele argumenta que as mudanças no regime do Estado angolano falharam em promover uma transformação sistêmica que reforçasse a institucionalização e não permitiram o desenvolvimento de uma democracia que reconhecesse a sociedade civil. Esta sempre esteve vinculada às benesses do Estado, num modelo clientelista derivado do regime patrimonialista, em que os governantes controlam os recursos do país para garantir legitimidade e apoio, perpetuando-se no poder (2021, p. 160).

A “Síndrome de Luanda” simboliza a crise profunda de expectativas e a desintegração das esperanças pós-independência em Angola. A análise de Secco destaca a desconexão com as tradições culturais, enquanto Machado enfatiza o fracasso das reformas políticas em estabelecer uma democracia funcional e participativa. Esse descompasso entre as promessas revolucionárias e a realidade política expõe as tensões e contradições de um país que luta para encontrar sua identidade e direção em meio às influências coloniais persistentes e aos desafios internos. A obra de Pepetela, ao explorar esses temas, não só critica a elite política que se beneficia do sistema patrimonialista, mas também revela a complexidade de construir uma nação que atenda às necessidades de todos os seus cidadãos, refletindo uma

melancolia de resistência e uma crítica contundente ao estado de coisas estabelecido.

Devido ao histórico de construção da obra, nota-se que tanto a cultura quanto a democracia são representadas como em construção, em uma nova nação, marcada por indivíduos que ainda não sabiam ao certo quais modelos eram os mais adequados nesta nova realidade, mas com maior carga de pessimismo do que na obra analisada na subseção anterior.

Cultura e democracia em *A Montanha da água lilás* (2000)

A obra *A Montanha da água lilás* (2000) se distancia das analisadas anteriormente, uma vez que se enquadra no gênero fábula. Verifica-se, desde o início, uma maior variedade de simbologias e analogias na constituição desta obra do que em *A Geração da Utopia* e *O desejo de Kianda*. A narrativa *A Montanha da água lilás* é uma fábula que retrata um tema tanto ancestral quanto atual: a relação do homem com a natureza, por meio de uma linguagem, ao mesmo tempo simples e poética, que se aproxima da contação de histórias e da oralidade e explora, com maestria, especificidades lexicais da variedade angolana da língua portuguesa, apresentando-se como uma metáfora da sociedade.

Segundo Ricardo Ramos Filho, em seu estudo intitulado “A montanha da água lilás: fábula para todas as idades” (2016), Pepetela abre a obra com um aviso de que a narrativa é baseada na oralidade tradicional, como enfatiza a frase: “Eu só escrevi aquilo que o avô nos contou, não inventei nada.” Isso sublinha a importância da tradição oral na literatura angolana, refletindo uma preferência dos escritores locais por “estórias” escritas com “e”, um termo que conecta mais diretamente às narrativas contadas oralmente (2016, p. 288).

Este enfoque na oralidade evidencia a intenção de Pepetela de preservar e valorizar as tradições culturais angolanas, ao mesmo tempo em que as insere na literatura escrita. A escolha consciente de apresentar a obra como uma fábula e de destacar suas raízes

orais sugere um esforço deliberado para legitimar e perpetuar a riqueza das tradições orais em um formato literário. Essa abordagem não só reforça a autenticidade cultural da narrativa, mas também desafia a hegemonia das formas literárias ocidentais, propondo uma literatura que dialoga com as especificidades da cultura angolana.

A narrativa é uma crítica política, social, ideológica e econômica à exploração da natureza, sendo as críticas asseveradas à medida que a sua consequente degradação é ampliada para satisfazer necessidades supérfluas e superficiais de alguns personagens. Nesse cenário, entende-se que as representações culturais e de democracia na obra são mais universais e menos ligadas a um contexto histórico e geográfico específico.

A diegese gira em torno de habitantes de uma montanha, os lupis, que compartilham uma ascendência comum: os cambutinhas, que possuíam o tamanho de coelhos; os lupões, maiores e mais lentos; e os jacalupis, maiores, mais agressivos e mais exigentes. Enquanto os cambutas eram mais criativos e gostavam de estudar, portanto, escolhiam serem professores, cantores e inventores, os lupões eram mais sérios e gostavam muito de fazer contas. Já os jacalupis eram incapazes de arranjar comidas para si próprios, dependiam dos cambutas e dos lupões para sobreviverem.

Na narrativa, o modo de vida desses moradores é modificado com a descoberta de um líquido de cor lilás, muito perfumado, e que possuía inúmeros usos. Pepetela demonstra que o líquido foi utilizado de modo irresponsável pelos lupis, sendo esgotado. Os principais acontecimentos da fábula ocorrem durante esse processo de esgotamento, que motiva a degradação do meio ambiente e a disfuncionalidade no novo modo de vida dos lupis.

Ramos Filho observa que, enquanto uma parte da população lupi vive oprimida, a riqueza aumenta com a posse do líquido, levando ao uso desenfreado de produtos supérfluos e modas que imitam a sociedade humana, obcecada por marcas e objetos desnecessários que conferem status. A exploração irresponsável

dos recursos da água lilás, sem preocupação com a preservação ou a busca de fontes alternativas, resulta na extinção do líquido. A fonte seca, e mesmo após perfurarem toda a montanha, os lupis não encontram mais o precioso líquido (2016, p. 289).

Essa crítica de Pepetela reflete uma visão pessimista sobre a exploração desenfreada dos recursos naturais e a consequente degradação ambiental. A narrativa serve como uma metáfora para os problemas contemporâneos de sustentabilidade, mostrando como a ganância e a falta de planejamento podem levar à destruição de ecossistemas e ao colapso das sociedades que deles dependem. A fábula torna-se uma poderosa alegoria sobre os perigos do consumismo e da irresponsabilidade ecológica, convidando os leitores a refletirem sobre a importância da conservação e do uso sustentável dos recursos naturais.

Na obra, ocorrem inúmeras passagens em que Pepetela constrói representações culturais do imaginário angolano, a partir de perspectivas distintas das personagens, que devido às características da fábula, são explicitadas através de estereótipos, como o lupi-comerciante, o lupi-sábio, o lupi-poeta e a lupi-professora. Não se pode afirmar, contudo, que cada representação é a visão/avaliação de Pepetela, uma vez que visões conflitantes são apresentadas aos leitores. Assim, são panoramas integrativos, representações sociais/culturais que, mesmo divergentes, constroem um todo, aqui, de caráter universalista.

Fragmentos da obra *A Montanha da água lilás* (2000) como representações culturais do imaginário angolano

Com o intuito de sistematizar a reflexão, são apresentados cinco recortes considerados ilustrativos dos principais fenômenos ligados à cultura em *A Montanha da água lilás*.

Fragmento 21

O que é preciso é curá-los - disse o lupi-kimbanda. - Deve ser uma estranha doença que os ataca mesmo antes de nascerem, talvez no ventre da mãe. Se o lupi-sábio ajudar, podemos descobrir a cura para essa doença. Podemos experimentar - disse o lupi-sábio. - Mas não acredito que seja uma doença. Parece-me uma transformação natural, uma mutação. Aliás, a aparição dos lupões pode ter sido o primeiro passo para esta mutação (Pepetela, 2000, p. 9).

Ilustração de cultura: - Tendência social de taxar como doença aqueles que são diferentes.

O fragmento 21 insere-se na parte da estória em que os cambutinhas e os lupões são surpreendidos com um novo tipo de lupi: os jacalupis. Deve-se contextualizar que os três tipos de lupis descendem de uma espécie comum. No início, havia apenas cambutinhas, e de casais cambutinhas nasceram alguns filhos lupões. Na sociedade dos lupi, cambutinhas e lupões viviam em harmonia, casavam-se entre si e não parecia haver uma regra para o nascimento de um tipo ou outro: tanto casais compostos por dois lupões ou por dois cambutinhas, quanto por casais mistos, poderiam gerar filhos de ambos os tipos e havia diversidade até mesmo entre os irmãos, sendo os bebês todos iguais e com as diferenças aparecendo em meados da infância.

Com o tempo, algumas crianças lupis passaram a assumir diferentes características e foram denominadas jacalupis. Por serem maiores e mais agressivos, os jacalupis acabavam casando-se entre si e tendo filhos apenas jacalupis, já que nenhum cambutinha ou lupão queria se relacionar com jacalupis. Os casais de cambutinhas e lupões geravam filhos dos três tipos de lupis.

A partir do diálogo entre as personagens, Pepetela explora a tendência social/cultural de algumas parcelas da sociedade que costumam taxar como “doença” aqueles que possuem características diferentes da maioria do grupo. A visão de mundo de cada personagem não é aleatória, pois se trata de representações estereotipadas de determinados segmentos sociais exógenos ao universo ficcional de *A Montanha da água lilás*.

Nota-se que quem acredita que os jacalupis são lupis doentes é o lupi-kimbanda, que afirma: “Deve ser uma estranha doença que os ataca mesmo antes de nascerem, talvez no ventre da mãe” (Pepetela, 2000, p. 40). Kimbanda é um conceito religioso, de origem afro. É possível fazer inferências intertextuais com líderes religiosos, de diversas vertentes que, em diferentes épocas, classificaram humanos com características destoantes do grupo, ora como doentes ora como inferiores, e os exemplos são inúmeros, desde pessoas-de origem étnica ou religiosidade diferente, pessoas com deficiências físicas e/ou intelectuais, até pessoas com orientações sexuais diferentes.

Já o lupi-sábio, que possui conhecimento ancorado ao estudo e à pesquisa, afirma ao lupi-kimbanda que pode sim realizar experimentos, mas acredita que esta é uma transformação natural, uma mutação. Ao abordar e discutir diversos temas universais, verifica-se que Pepetela não direciona as críticas realizadas na narrativa a grupos específicos, mas a comportamentos humanos, alguns mais generalizados e outros mais ligados a determinados setores da sociedade.

Fragmento 22

Aquele é para vocês, os bichos da planície - disse o lupi-comerciante. Hoje tomaste aqui banho connosco, foste nosso convidado. Agora podes ir avisar os outros. Há um tanque novo, só para vocês. Dentro de dois dias está quase cheio e já podem vir usá-lo. São mesmo uns lupis fixes - disse o coelho. Mas isto tudo custou trabalho - disse o lupi-advogado. - E o trabalho deve ser recompensado, claro. Portanto, quem quiser vir tomar banho tem de trazer fruta para nós. É correcto, não? É correcto, sim - concordou o Kandimba. - Na planície não se faz nada sem ser pago. São novas formas inventadas lá pelos sábios. Anda toda a gente à procura de um nome para isso... Podia ser economia de mercado - disse o lupi-comerciante. - Mas para inventar nomes, o lupi mais forte é o poeta. Este encolheu os ombros, como quem diz essa não é a minha área de interesse. E assim foi inventada a palavra pelo lupi-comerciante, a qual um dia chegaria às orelhas duras dos homens (Pepetela, 2000, p. 24).

Ilustração de cultura: - Estratégias de *marketing* para a conquista de clientes. - Início da economia de mercado à base de escambo. - Estereótipos: comerciantes

são bons com vendas, advogados com a defesa de argumentos e poetas com escolha de palavras ideais.

Constata-se que diferentes estereótipos são discutidos (Fragmento 22): comerciantes são bons com vendas, advogados com a defesa de argumentos e poetas com escolha de palavras ideais. Ao inserir o maior número de estereótipos possíveis, Pepetela direciona seus leitores a verificarem, aos poucos, que a culpa dos fatos negativos da narrativa é compartilhada pela sociedade Lupi de forma geral, já que cada um tem sua parcela de culpa ao agirem em conjunto, beneficiando-se mutuamente.

Pepetela apresenta o papel das estratégias de *marketing* para a conquista de clientes, representada na figura do lupi-comerciante, que oferece aos animais herbívoros a possibilidade de banharem-se gratuitamente uma vez na água lilás, com o intuito de gostarem do “produto” e pagarem por ele da próxima vez. Da mesma forma, o lupi-advogado defende aos herbívoros que a construção da piscina de água lilás custou muito trabalho, sendo, portanto, justo que “quem quiser vir tomar banho tem de trazer fruta para nós. É correcto, não?” (Pepetela, 2000, p. 24). Já a participação do lupi-poeta, foi na escolha do termo “economia de mercado” para classificar o início de uma economia à base de escambo.

Fragmento 23

Entretanto começou o conselho, menos barulhento por causa da ausência dos jacalupis. Durante toda a noite o lupi-comerciante tinha estado a pensar. Antes da reunião, chamou os lupões e disselhes: Não se pode evitar as trocas com os carnívoros. Os jacalupis vão fazêlas, o apetite deles é grande. Ora devemos ser nós a fazer todas as trocas, como ficou combinado. Não devemos deixar o nosso direito nas mãos dos outros. É mesmo uma questão de dignidade. Se os jacalupis comerem carne, passam a comer menos fruta. E já não precisaremos subir às árvores para apanhar fruta. Teremos assim todo o tempo para os negócios. Os cambutas que subam às árvores, já que não têm o dom para os negócios. A minha opinião é que deve ser o colectivo da aldeia a fazer as trocas com os carnívoros. Quem quiser carne, come a carne. E sem moralismos piegas. São os nossos amigos que são comidos? Sempre foram, muito antes da água lilás. Quem somos nós para decidirmos quem, na planície, deve comer quem? Mas sou eu que inspecciono essas trocas todas, eu sou o inspectorgeral (Pepetela, 2000, p. 33).

Ilustração de cultura: - Relativização de preceitos morais anteriores em detrimento da manutenção das relações de poder estabelecidas. - Vantagens comerciais diante da degradação moral de outra parcela da sociedade Lupi. “sem moralismos piegas”.

O excerto apresentado assinala o início da relativização de preceitos morais anteriores da sociedade Lupi em detrimento da manutenção das relações de poder estabelecidas. O lupi-comerciante chegou à conclusão de que não era possível evitar as trocas com os carnívoros, uma vez que os jacalupis estavam decididos em fazê-las e que o apetite deles era insaciável. Assim, o lupi-comerciante convenceu os demais lupões que eles deveriam garantir o direito de serem os responsáveis pela administração das trocas, por uma questão de dignidade.

Além disso, os lupões passaram a ver vantagens comerciais diante da degradação moral dos jacalupis, já que, se estes comessem carne, passariam a comer menos frutas, e os lupões não precisariam mais subir em árvores para apanharem frutas. Teriam, portanto, maior tempo para os negócios:

Quem quiser carne, come a carne. E sem moralismos piegas. São os nossos amigos que são comidos? Sempre foram, muito antes da água lilás. Quem somos nós para decidirmos quem, na planície, deve comer quem? Mas sou eu que inspeciono essas trocas todas, eu sou o inspetor geral (Pepetela, 2000, p. 33).

Entende-se que se trata da representação de uma degradação moral, uma vez que era inconcebível a todos lupis, até então herbívoros, realizarem qualquer tipo de acordo com os animais carnívoros. Apesar de se sentirem seguros na montanha, eles também poderiam se tornar presas fora da localidade protegida e se solidarizavam com seus amigos da floresta, indefesos diante de carnívoros como os leões e as onças. Contudo, não só alguns lupi passaram a comer carne, os jacalupis, mas também outros

passaram a ver vantagem na troca de água lilás por carne, pois teriam maior diversidade e quantidade de frutas.

Fragmento 24

Mas A culpa é do lupi-comerciante que aceita comprar todas as porcarias que são moda na planície - disse o pensador. - Agora até já as folhas roídas pelo salalé são moda. Imaginem o ridículo, lupi-lupi-lupi! Era a última compra. Folhas grandes de amoreira roídas pelo salalé, o que fazia desenhos bizarros. Os jacalupis andavam sempre com uma na mão. Não era para se abanarem ou se assoarem, o que ainda teria alguma utilidade. Apenas para se cumprimentar uns aos outros, abanando ligeiramente o braço sem mover o cotovelo. Treinaram bastante tempo, com o lagarto azul como professor, vocês estão finíssimos, são mesmo gente de qualidade superior. Como só na planície havia salalé, as folhas roídas eram caríssimas. Nenhum animal da planície as usava, era evidente. montaram uma sociedade, presidida pela hiena, como é lógico, para apanhar as folhas. A hiena e o lagarto azul estavam a ganhar muito com o negócio. Vocês falam, mas é uma moda linda, finíssima - disse o lupidiplomata, que tinha acompanhado os amigos. Vocês é que não têm civilização. Deviam saber que é pelas boas maneiras que se distinguem os seres refinados (Pepetela, 2000, p. 38).

Ilustração de cultura: - Supridas todas as necessidades básicas da sociedade lupi, os mais abastados passaram a criar necessidades simbólicas, como adquirir adereços da moda. - Determinados padrões de comportamento passam a distinguir “gente de qualidade superior”.

Pepetela demonstra que, supridas todas as necessidades básicas da sociedade lupi, os mais abastados passaram a criar necessidades simbólicas, como adquirir adereços da moda na planície (Fragmento 24). E esses que aderem à moda são ridicularizados por outras personagens: “até já as folhas roídas pelo salalé são moda. Imaginem o ridículo, lupi-lupi-lupi!”. Salalé é um tipo de formiga branca africana, e os jacalupis andavam sempre com uma na mão: “Não era para se abanarem ou se assoarem, o que ainda teria alguma utilidade. Apenas para se cumprimentar uns aos outros, abanando ligeiramente o braço sem mover o cotovelo” (Pepetela, 2000, p. 38).

Fragmento 25

Mesmo o lupi-sábio tinha caído na tentação de só comer fruta da planície e já não subia às árvores. Queixava-se com a idade, já não era menino para brincar de ramo em ramo. A lupi-professora, essa então, estava tão gorda como um lupão. Foi o que o lupi-pensador disse: vocês estão tão pesados que já nem podem subir. Um dia vão sentir a falta... (Pepetela, 2000, p. 47).

Ilustração de cultura: - Até mesmo o sábio e a professora, que antes defendiam e representavam a moral Lupi deixaram-se corromper diante da comodidade.

Nesse novo cenário, determinados padrões de comportamento passam a distinguir “gente de qualidade superior” na sociedade Lupi, e alguns passaram a treinar muito para reproduzirem comportamentos associados aos cidadãos finíssimos (*vide* Fragmento 24). Surgem, então, boas maneiras que distinguem os animais refinados dos não-refinados. E, para suprir essas novas necessidades simbólicas, gera-se uma demanda cada vez maior para a exploração de água lilás. Pepetela mostra como são vulneráveis e perecíveis os valores morais, uma vez que até mesmo o lupi-sábio e a lupi-professora, que antes defendiam e representavam a moral Lupi, deixaram-se corromper diante da comodidade (Fragmento 25).

Fragmentos da obra *A Montanha da água lilás* (2000) como representações de democracia no imaginário angolano

Para dar continuidade às reflexões, são apresentados em seguida, de forma sistematizada, cinco recortes considerados ilustrativos dos principais fenômenos ligados à democracia em *A Montanha da água lilás*.

Fragmento 26

E nem se interessam por poesia, lupi-lupi-lupi - queixou docemente o lupi-poeta. - Ainda no outro dia, quando apresentei o meu recital novo, fiquei rouco de tanto gritar. Tinha mesmo de berrar para abafar os jac-jacjac deles todos a dormirem ali no Morro da Poesia. Proponho, aliás, vamos proibir os jacalupis de irem para o Morro da Poesia. Não se pode proibir nada - disse o lupi-pensador. -Eles vão, se querem. Gostam muito mais

de sol do que nós e no Morro é onde há mais sol, porque não tem árvores. Não lhes devemos impedir. O lupi-pensador tem razão - disse o lupi-sábio. - Eles têm os mesmos direitos que nós. E depois há uma questão prática. Se os impedíssemos, eles iam na mesma. Não temos meios de fazer cumprir uma proibição dessas (Pepetela, 2000, p. 13).

Ilustração de democracia: - Associação pressuposta dos jacalupis à impolidez, por não gostarem de poesia. - Tentativa de cerceamento de acesso a bens culturais devido a características singulares de uma parcela da sociedade Lupi.

Neste fragmento, verifica-se, primeiramente, a associação pressuposta dos jacalupis à impolidez, por não gostarem de poesia, enquanto até a crítica do lupi-poeta é descrita como doce. Em seguida, observa-se a tentativa de cerceamento de acesso a bens culturais aos jacalupis, devido a características singulares, que é desestimulada pelo lupi-pensador e o lupi-sábio. Constata-se, portanto, a tentativa de desdemocratização do acesso à cultura, até então disponível a todos os membros da sociedade Lupi, que faz referência crítica, de modo sutil, a atos similares ocorridos nas sociedades humanas.

Fragmento 27

De manhã tomamos nós banho e à tarde vocês - resumiu o lupipensador. Estão de acordo? Estamos - disse o jacalupi-capitão. - Mas nos dêem comida. Já sabem - disse o lupi-pensador. - Se voltarem a abusar, fazemos o mesmo ou até pior. Lupi-lupi-lupi! Prometemos, jac-jac-jac. Os lupis colheram fruta para eles. Os jacalupis comeram sofregamente e logo ficaram a dormir, mesmo na sombra das árvores. Os lupis foram então reparar o tanque. Aproveitaram para o aumentar um pouco e atiraram lá para dentro a água lilás que ainda tinham nas cabaças. Dançaram e lupilaram à volta do tanque, festejando a vitória. Três dias depois, o tanque estava de novo cheio. E o acordo foi respeitado (Pepetela, 2000, p. 20).

Ilustração de democracia: - Estabelecimento da ordem e garantia de direitos democráticos com base no gerenciamento das relações de poder distintas.

O excerto escolhido expressa o estabelecimento da ordem e garantia de direitos democráticos com base no gerenciamento das relações de poder distintas e assimétricas. Para a compreensão do

recorte, deve-se contextualizá-lo: os jacalupis são construídos por Pepetela como mais fortes e agressivos, porém, com mobilidade reduzida e desvantagem intelectual; já os cambutinhas e os lupões são menores e menos fortes, porém mais empáticos, ágeis, trabalhadores e muito mais inteligentes.

Antes da descoberta da água lilás, os jacalupis eram apresentados como sem relevância na organização da sociedade Lupi; eram recorrentemente excluídos das atividades em grupo daquela sociedade, seja de modo real ou simbólico, como na tentativa de cerceamento ao direito de ouvirem poesias, (*vide* Figura 26 de fragmento/democracia 11). Apesar disso, sempre receberam apoio assistencial e foram alimentados pelos cambutinhas e os lupões, uma vez que os jacalupis não possuíam a agilidade e a mobilidade necessárias para subirem em árvores e colherem frutas.

Com o descobrimento da água lilás e a construção da primeira piscina, os jacalupis ousaram, pela primeira vez, imporem-se a partir da única vantagem que possuíam: a força, e tentaram impedir que os cambutinhas e lupões tivessem acesso a esse equipamento. Para garantirem novamente o direito de acesso à piscina por parte de todos, foi necessário que os demais lupis interrompessem a alimentação dos jacalupis, e Pepetela é enfático em diversos trechos da obra reafirmando que isso não foi uma vingança, mas sim um ato disciplinador, até porque vários jacalupis eram filhos dos cambutinhas e lupões agora impedidos de acessarem à água lilás, e sentiram pena dos filhos ao vê-los com fome.

É a expressão do reequilíbrio das relações de poder assimétricas daquela sociedade: força (jacalupis) *versus* agilidade, mobilidade e inteligência (cambutinhas e lupões), sendo o desfecho da situação a formalização de que uma parte daquela sociedade teria acesso à água lilás no período da manhã e outra no período da tarde. Assim como na sociedade Lupi, também na sociedade humana há um desequilíbrio de habilidades/características, que motivam algumas discrepâncias sociais. Ademais, também nas sociedades humanas ocorrem contratos sociais, simbólicos, a partir

do estabelecimento de preceitos morais e éticos, ou reais, por meio de constituições federativas, com o intuito da garantia de estabelecimento da democracia.

Fragmento 28

Na assembleia apareceram pois duas posições agora muito nítidas. Os cambutinhas não queriam nenhum comércio com os carnívoros. Mas se contaram. Já não tinham uma maioria absolutamente esmagadora como antes, pois tinham de levar em consideração a vontade dos jacalupis. E havia um novo campo, o dos que se abstinham. O primeiro a criar esse grupo foi o lupi-sábio, que se desinteressava sempre dos grandes debates, ansioso por voltar para as suas experiências, para ele mais importantes que tudo. Disse: Há duas opiniões, pronto, não se resolve nada. Vamos acabar com esta reunião inútil. Para o laboratório, lupi-cobaia. O lupi-cobaia, mais os adjuntos do lupi-sábio, acompanharam o cientista. O lupi-kimbanda acabou por segui-los, embora a esposa, a professora, refilasse com ele. Os cambutas que ficaram na reunião se olharam tristemente. Nem chegou a haver votação. Estava claro que o lupicomerciante tinha ganho. Nem foi preciso o lupi-advogado fazer discurso (Pepetela, 2000, p. 33).

Ilustração de democracia: - Três posições em relação ao comércio com carnívoros: os favoráveis; os contrários e os que se abstinham. - Prevalência da opinião pautada nas vantagens comerciais.

Observa-se que a democracia estabelecida na montanha dos Lupi era direta e não representativa (Fragmento 28), uma vez que as discussões poderiam contar com a participação de todos os interessados. Para a compreensão do recorte, é necessário contextualizá-lo. Há um dilema moral entre os Lupi, que possuíam a cultura de jamais comerem carne: os jacalupis provaram carne seca, adoraram e estavam decididos a comercializarem parte da água com os animais carnívoros em troca do novo alimento. Não era possível impedi-los, considerando que eram muito mais fortes e, por terem limitações mentais, não haveria forma de convencê-los do contrário: se os cambutinhas e os lupões ameaçassem não alimentar os jacalupis com frutas, eles não só voltariam a controlar completamente a piscina, como também teriam maiores motivações para obterem carne.

Ademais, constata-se que não havia uma democracia plena entre os Lupi, pois dois segmentos respeitavam os acordos sem ressalvas, enquanto o terceiro grupo não poderia ser persuadido senão pelo cerceamento da alimentação, o que não era possível naquela situação. Diante da inevitabilidade, surgem três posições em relação ao comércio com carnívoros: os favoráveis; os contrários e os que se abstinham. Entre os favoráveis, estavam não só os jacalupis, mas também aqueles que viam vantagem nas novas relações comerciais, pois mais frutas sobriam à medida que os jacalupis se desinteressariam por elas; o grupo dos contrários era constituído por aqueles que se sensibilizavam pelos amigos herbívoros, que seriam agora ainda mais perseguidos e transformados em comida; e entre os que se abstinham, estavam aqueles que notaram que a opinião deles não mudaria a situação, como o lupi-sábio. Portanto, houve o prevalecimento da opinião pautada nas vantagens comerciais.

Fragmento 29

Recebemos pouca fruta, porque tivemos despesas suplementares. Só os ossos para as caudas dos jacalupis custaram cabaças e cabaças de água lilás. E as penas de pavão então! Foi preciso caçar um pavão real e as onças exigiram um preço caríssimo. Mais as comissões para a hiena e o lagarto azul, que foram os intermediários... Por isso houve pouca fruta para vocês. Nenhuma. Mas também podem aguentar uns dias. Vocês sobem facilmente às árvores. Os cambutas não quiseram discutir mais. Mas não gostaram muito da explicação. Iam esperar para ver. Falaram com o lupi-kimbanda e os outros. O lupi-sábio andava metido em altos cálculos para descobrir uma nova aplicação da água lilás e não ligou à preocupação dos amigos. O caso ficou por aí e no dia seguinte receberam umas matunduas e gajajas da planície (Pepetela, 2000, p. 37).

Ilustração de democracia: - O surgimento de classes sociais pautadas na força e nas relações comerciais prejudica a democracia, pois necessidades simbólicas, de prestígio social, sobrepõem necessidades básicas dos menos abastados na nova hierarquia social. - Silêncio do lupi-sábio.

Entende-se pela leitura deste fragmento que, alegoricamente, Pepetela denuncia que o surgimento de classes sociais pautadas na força e nas relações comerciais prejudica a democracia, pois

necessidades simbólicas de prestígio social se sobrepõem a necessidades básicas dos menos abastados na nova hierarquia social. Os cambutas, apesar de trabalharem muito, ficaram sem frutas, uma vez que os ossos para as caudas dos jacalupis custaram cabaças e cabaças de água lilás, constituindo despesas suplementares. Também foi preciso caçar um pavão real, para que as penas se tornassem adereços utilizados pelos jacalupis, e as onças exigiram um preço caríssimo, além das comissões para a hiena e o lagarto azul, que foram os intermediários nessas relações comerciais. Os lupões, por serem os responsáveis pelas transações comerciais, não foram prejudicados e disseram aos cambutas que eles subiam facilmente às árvores.

É possível traçar um paralelo entre esta e as obras anteriores de Pepetela. Veja-se um trecho: “O lupi-sábio andava metido em altos cálculos para descobrir uma nova aplicação da água lilás e não ligou à preocupação dos amigos. O caso ficou por aí e no dia seguinte receberam umas matunduas e gajajas da planície” (Pepetela, 2000, p. 37). Em suas narrativas, o autor denuncia as injustiças sociais e as desigualdades presentes nas estruturas de poder, destacando como os interesses individuais e a busca por prestígio social podem prejudicar a democracia e relegar as necessidades básicas dos menos privilegiados a segundo plano. A título de um olhar comparativo às obras analisadas anteriormente, em *A Geração da Utopia*, Pepetela aborda a luta pela independência de Angola e os ideais revolucionários que a motivaram. A obra retrata a busca por uma sociedade mais justa e igualitária, mas também mostra como a realidade política e social se distancia desse ideal, com a emergência de novas elites que perpetuam as desigualdades e o poder concentrado em suas mãos. Em *O Desejo de Kianda*, o autor mergulha na vida urbana de Luanda, a capital de Angola, explorando os contrastes sociais, as tensões raciais e as aspirações individuais em meio a um contexto de corrupção e desigualdade. Nessa obra, Pepetela critica a falta de oportunidades e a marginalização dos mais pobres, ressaltando a importância de enfrentar essas questões para alcançar uma verdadeira

transformação social. Já em *A Montanha da água lilás* também constam denúncias sobre as desigualdades sociais e as relações de poder assimétricas, com um foco específico nas dinâmicas comerciais e no surgimento de novas hierarquias sociais. As necessidades simbólicas de prestígio social podem sobrepor as necessidades básicas dos menos abastados, ilustrando as contradições e os efeitos prejudiciais dessa realidade (Pepetela, 2000, p. 37).

É possível, por isso, estabelecer um paralelo entre essas obras, todas elas explorando a crítica social e política, revelando as contradições e os desafios enfrentados pela sociedade na busca por uma democracia efetiva e igualitária. Esses temas recorrentes e o estilo incisivo de Pepetela evidenciam a sua preocupação em retratar a realidade angolana e provocar reflexões sobre as injustiças presentes em seu país.

Fragmento 30

Os outros ouviram um pouco envergonhados, mas queriam sobretudo paz e calma. E o lupi-kimbanda resumiu o pensamento geral, embora com os olhos no chão: Assim está-se bem. O jacalupi-capitão agora decide sozinho com o lupi-comerciante. Mas não decide mal. Nós queríamos a reunião, no fundo, no fundo, por uma questão de hábito. Mas novos tempos, novos hábitos. Reunião para quê? É boa ideia fazer novo furo. Assim vamos ter mais coisas para todos, lupi-lupi-lupi. Ingénuos! - Gritou o lupi-pensador. - Ficaram uns moles, só vos falta jacarejar. Vocês não compreendem? A água lilás é um bem que é preciso saber utilizar. Com ela podíamos fazer muitas coisas que o lupi-sábio inventou. E gastá-la correctamente. Mas os jacalupis não querem, porque dá trabalho (Pepetela, 2000, p. 49).

Ilustração de democracia: - Transição da democracia direta para uma autocracia centrada em duas únicas figuras: o jacalupi-capitão e o lupi-comerciante. - Crítica do lupi-pensador à desistência da luta pelo bem coletivo.

O fragmento 30 expõe a transição da democracia direta para uma autocracia centrada em duas únicas figuras: o jacalupi-capitão e o lupi-comerciante, além da crítica do lupi-pensador à desistência dos cambutas e lupões em relação à luta pelo bem coletivo, já que

a água lilás poderia ser mais bem aproveitada, de forma sustentável, com seu uso focado em benefícios para todo o grupo.

Diferentemente das obras analisadas anteriormente, em que eram evidentes laços entre a narrativa e o contexto histórico de Angola, constata-se que *A Montanha da água lilás* possui representações sobre temas universais na perspectiva do imaginário angolano, já que características da humanidade em geral são discutidas de forma alegórica e simbólica nessa fábula.

A narrativa critica, principalmente, os excessos do capitalismo e não o sistema em si, já que ele trouxe benefícios a toda a sociedade Lupi no início, mas a sucessiva corrupção do sistema, que degradou valores morais, deteriorou a democracia e, quando estabelecida uma autocracia, aboliu cuidado com a sustentabilidade.

Cultura e democracia em *Sua Excelência de Corpo Presente* (2018)

A narrativa *Sua Excelência de Corpo Presente* possui focalização centrada na percepção do narrador-personagem, um líder político falecido, que narra, na primeira pessoa do discurso, suas reflexões sobre os fatos que o cercam, bem como memórias pessoais. A diegese deixa claro que se trata de um chefe de estado africano - Sua Excelência - morto, logo, *de Corpo Presente*, contudo, não é especificada a nacionalidade da personagem. A narrativa é ambientada num contexto em que o político morto recebe a homenagem daqueles que vêm ao palácio para apresentar suas condolências, desfilaro em frente ao seu caixão.

Constata-se que, ao não explicitar a nacionalidade do líder e ao adicionar elementos fantásticos à obra, Pepetela ganha maior liberdade de crítica aos regimes ditatoriais, que existem em vários países em África, sendo alguns fantasiados falsamente de democracias, uma vez que se compromete menos com o dito do que se realizasse críticas explícitas a um político específico. Essas

escolhas são, de forma evidente, estratégias intencionais que preservam o autor de eventuais perseguições político-ideológicas, devido ao caráter de denúncia de sua obra. O que é mais irônico e agrega humor, no texto de Pepetela, é que as críticas aos regimes ditatoriais são realizadas por meio da voz de alguém responsável por um regime totalitário. A título de exemplificação de como é construída a narrativa, veja-se um trecho inicial da obra:

Estou morto. Estou morto, de olhos cerrados, mas percebo tudo (ou quase) do que acontece à minha volta. Sei, estou deitado dentro de um caixão, num salão cheio de flores, as quais, em vida, me fariam espirrar. As pessoas não sabem que flores de velório cheiram mal? Sabem, mas a tradição é mais forte e velório sem flores é para pobre. Ora, não somos pobres, dominamos uma nação. Estou morto, no entanto posso escutar, entender os dizeres, mesmo os sussurros e, em alguns casos, adivinhar pensamentos. Um grupo cochicha lá atrás da multidão. A distância e outros sons e ideias partilhando o éter não permitem perceber a razão das piadas em surdina, ou estarão a conspirar governos e lideranças, ou a prever o futuro. Esses são inimigos há muito camuflados, pois se divertem ao me verem estirado em fato preto no caixão. É cedo para revelar nomes, mas conheço todos e nenhum me surpreenderá. Sempre os avaliei como hostis, ou a minha polícia política não valeria os altos salários sempre providos a tempo e alguns presentes caros pelo Natal. Deixei-os intrigarem durante anos, eram inócuos. Sem mim na tribuna, talvez ganhem alguma força, daí a alegria deles. Ou o que virá para o meu lugar dá cabo do seu pescoço com um assopro. Uma coisa é certa, no momento do meu enterro, também se prostrarão em soluços, alguns até se ajoelharão, em gesto de órfãos desamparados. E cantarão saudades antecipadas. De preferência diante de jornalistas e televisões (Pepetela, 2020, p. 9).

Percebe-se, pelo excerto, o tom da narrativa e algumas características do narrador. A hierarquia e as relações de poder assimétricas, estabelecidas em vida pelo narrador-personagem de forma nada democráticas, são explicitadas em algumas escolhas discursivas de Pepetela, como em “dominamos uma nação” ou “minha polícia política”. Também o caráter fantástico é asseverado, para além do fato de o morto narrar o funeral, quando declara que pode adivinhar pensamentos. Já a trama política é apresentada como inserida em um ambiente hostil, repleto de corrupções,

subornos e atos políticos de adversários que mascaram seus sentimentos para ganharem um possível apreço da população em um novo cenário.

Segundo Benito (2021), Pepetela, nesta obra, toma o pulso das derivações totalitárias que marcam o início do século XXI, e oferece aos leitores uma crítica mordaz, chocante e cáustica do abuso de poder e dos sistemas totalitários disfarçados de democracias.

A narrativa está inscrita em um certo tipo de ficção que se aprofunda nos meandros do poder na África, em um momento em que o continente parece ter entrado em um novo ciclo que nega algumas práticas de poder absoluto e com diferentes graus de violência, dinastias familiares no poder e pouco controle do aparato administrativo por parte da população. Depois de um ciclo que começou nos anos 1960, há sinais de um novo ciclo em partes importantes do continente, com mudanças radicais para que as instituições estatais se adaptem aos novos tempos, tais como um maior rigor na luta contra a corrupção e mais transparência na esfera pública.

Benito ressalta que a África tem muitos ditadores; atualmente, apenas 8 dos 54 países africanos são democracias plenas, segundo o Índice de Liberdade no Mundo da Freedom House 2020. Este índice mostra que 22 países africanos são considerados ditaduras e classificados como “não livres”. Outros 24 países são parcialmente livres, com regimes híbridos que combinam elementos democráticos e autoritários. Não é surpreendente, portanto, que 6 dos 10 ditadores com mais tempo no poder no mundo sejam africanos (2021, pp. 117-118).

A análise de Benito destaca a prevalência do autoritarismo no continente africano, contrastando com os sinais de um novo ciclo de mudança. Pepetela, ao explorar essas dinâmicas de poder em suas narrativas, oferece uma crítica incisiva das estruturas de governança na África. Suas obras refletem o conflito entre a tradição autoritária e as aspirações de uma governação mais transparente e democrática. Este contraste é emblemático das lutas contemporâneas em muitos países africanos, onde a herança

colonial e as práticas de governança autoritária coexistem com movimentos por reformas e democratização. A ficção de Pepetela, portanto, não apenas narra histórias, mas também provoca reflexões profundas sobre os desafios políticos e sociais enfrentados pelo continente.

No texto, o narrador descreve, com muitos detalhes, não só o próprio funeral, mas também memórias relacionadas à trajetória militar e política, como a maneira em que chegou ao poder e quem o ajudou. Além disso, também apresenta aos leitores memórias pessoais, incluindo como conheceu a atual primeira-dama e a conquistou, seu casamento anterior com a esposa falecida, os inúmeros relacionamentos extraconjugais e os filhos nascidos destas relações não oficiais, que a personagem narra com naturalidade:

Até o papa, que devia ser mais lúcido e previdente, chegou a enviar um emissário camuflado para investigar se era verdade o mujimbo de eu ter uma dúzia de bastardos, como um pasquim divulgou. Quando ainda no ano anterior paguei a construção de um dos maiores templos do continente, comparado apenas à catedral de Yamussukro, na Costa do Marfim! Os não católicos até me caíram em cima, pois beneficiava só uma seita, enquanto as deles vegetavam nas necessidades mais clamorosas por não possuírem o ouro enterrado nas caves do Vaticano, como afirmavam. Tive de distribuir também alguma coisa por todos, maldizendo a falta de respeito do Papa por mim. Ainda por cima enviou um incompetente que logo se desmascarou. Bastardos? Filhos. Sim, muitos filhos dispersos por várias mães. Não se deve deixar tudo para uma. É como o dinheiro no banco, não se põe inteiro numa conta única. Filhos, FILHOS, isso sim. Legalizados com o meu nome, batizados na capela do palácio com a família e a corte completa a testemunhar. Nunca tive vergonha de reivindicar honrosos feitos bélicos (Pepetela, 2020, pp. 12-13).

No decorrer da obra, os leitores têm à disposição um único ponto de vista, a partir dos relatos e comentários do narrador-personagem, que se demonstra excêntrico, poderoso e narcisista. Nessa perspectiva, os leitores constroem uma imagem do narrador, é possível também que apliquem um filtro, interpretando a narrativa de forma subjetiva, com a percepção atravessada pelas

avaliações que fazem da personagem, seja em relação ao caráter pessoal do líder político, seja sobre possíveis nuances, variáveis da realidade, sujeitas à interpretação equivocada/distorcida da personagem.

Sobre o período temporal da obra, Benito destaca que o narrador, um ditador morto, descreve seu próprio velório em primeira pessoa, situando-se no presente e intercalando observações e comentários sobre as circunstâncias de sua ascensão ao poder e sobre as pessoas que vêm lhe prestar homenagens finais. Assim, duas linhas narrativas estruturam a novela: a do velório e os preparativos do enterro, e a da vida passada do ditador, com seu ascenso ao poder e os detalhes do exercício do mesmo. Passado e presente estão próximos na ficção, organizados pelo ciclo vital do ditador, de modo que o narrador-presente se identifica com o ditador-passado. Pepetela constrói um narrador autodiegético que descreve e evoca sua vida e, de certo modo, sua morte, em primeira pessoa, configurando uma temporalidade retrospectiva (Benito, 2021, pp. 127-128).

A construção narrativa de Pepetela, ao optar por um narrador autodiegético, reforça a imersão dos leitores na perspectiva do ditador, oferecendo uma visão íntima e subjetiva de sua vida e morte. Esse enfoque permite uma exploração profunda das motivações e das racionalizações da personagem, ao mesmo tempo em que revela a complexidade do poder autoritário. A justaposição entre presente e passado na narrativa não apenas organiza a diegese, mas também destaca a continuidade das práticas e dos ideais que sustentam o regime do ditador, proporcionando uma crítica incisiva às estruturas de poder. Essa técnica narrativa de intercalar o presente com o passado da personagem também sublinha a inevitabilidade do ciclo de ascensão e queda, sugerindo que, mesmo depois de morto, o ditador ainda exerce controle sobre a narrativa de sua vida, uma metáfora para a persistência das dinâmicas autoritárias na história.

De acordo com Ribeiro e Moreira (2023), a obra *Sua Excelência, de Corpo Presente* retrata a realidade de muitos países africanos onde

líderes políticos se perpetuam no poder, estabelecendo dinastias familiares e políticas. Embora não haja uma referência explícita a Angola, o texto estabelece paralelos com a história recente desse país africano, especialmente por meio de situações que remetem à capital, Luanda. Segundo os autores, o livro aborda temas como a corrupção, o nepotismo, os jogos de poder, a violação dos direitos humanos, a cultura de impunidade e a manipulação do poder.

A corrupção é mencionada como uma prática recorrente, com juízes do Tribunal Constitucional interpretando os direitos de acordo com os interesses do regime, além de negócios ilícitos e apropriação de recursos naturais. O nepotismo também é abordado, com a nomeação de familiares para cargos públicos. A obra destaca a falta de transparência nos negócios e métodos de governo, assim como a violência, as violações dos direitos humanos e a falta de democracia. O controle dos meios de comunicação pelo Estado também é mencionado, com críticas aos veículos independentes (Ribeiro e Moreira, 2023, pp. 12-15).

Para Ribeiro e Moreira (2023), um aspecto importante ressaltado pelo protagonista de *Sua Excelência, de Corpo Presente* é a falta de prioridade dada à educação e à saúde em detrimento da criação de um exército poderoso e serviços de segurança. Isso reflete a realidade angolana, com sistemas de educação e saúde em estado precário. A obra expõe os crimes perpetrados pela administração do presidente morto, incluindo desfalques, transferências ilícitas de capitais, crimes de sangue e violações de direitos humanos (2023, p. 13).

Em comparação às obras discutidas anteriormente, pode-se concluir que é mais aproximada de *O desejo de Kianda*, uma vez que está na intersecção do romance histórico com elementos fantásticos. Diverge, no entanto, à medida que os acontecimentos históricos são mais generalizados envolvendo todo o continente africano e não só a Angola, especificamente, mas se aproxima através de alegorias e simbologias sobrenaturais associadas a críticas sociais que extrapolam o universo ficcional.

Fragmentos da obra *Sua Excelência de Corpo Presente* (2018) como representações culturais do imaginário angolano

Com o intuito de sistematizar a discussão, são apresentados cinco fragmentos considerados ilustrativos dos principais fenômenos ligados à cultura em *Sua Excelência de Corpo Presente*.

Fragmento 31

O mais curioso é o fato de não me interessar por nada, nem pelo fato de estar morto. Sempre achei ser um assunto importante, talvez mesmo o mais importante, pelo menos deu origem a todas as religiões. Neste momento não é relevante. Nem o que realmente se passa no salão. Vejo, constato, recordo cenas, mas para usar uma palavra mais forte, estou-me cagando. Os vivos que se chateiem e até considerem má educação. Já não me podem mandar castigar, apenas julgar moralmente. Os crentes acham, deus fará o julgamento final. Pois ele ainda não me mandou chamar à sua presença ou veio ter comigo, o que seria uma deferência notável (Pepetela, 2018, p. 20).

Ilustração de cultura: - Ligação entre as crenças relacionadas à morte e a origem das religiões. -Narrador-personagem evidencia que a narrativa não visa explorar mistérios do pós-morte.

Reflete-se, neste fragmento, sobre a ligação entre as crenças relacionadas com a morte e a origem das religiões, sendo uma percepção de caráter universalista, uma vez que o tema da morte permeia crenças religiosas e molda culturas por todo o globo, e não só em África. Ao abordar a questão ainda no início da narrativa, Pepetela evidencia aos leitores que o narrador-personagem não explorará mistérios do pós-morte, seja em uma perspectiva filosófica ou ficcional. Constata-se que a morte se torna um instrumento de imprimir humor e ironia ao texto, além de proteger o autor das críticas realizadas.

As críticas são apresentadas na voz de um narrador que declara não se interessar por nada, nem pelo fato de estar morto. Considera o estar morto, assim como o que ocorre no salão, irrelevante. O narrador-personagem até se justifica aos leitores ao afirmar que os vivos podem adjetivá-lo mal-educado, no entanto,

já não podem mandar castigá-lo, apenas julgá-lo moralmente. E ainda ironiza as crenças daqueles que esperam um julgamento divino no final da vida, afirmando que ainda não foi chamado à presença de uma divindade, o que “seria uma deferência notável” (Pepetela, 2018, pp. 20-21).

Fragmento 32

Em alguns países é crime olhar duas vezes para a empregada, até há leis contra o chamado assédio no serviço. Coisa de anormais, felizmente não entre nós. Um grupinho de mulheres intelectuais um dia quis propor uma legislação nesse sentido, mas logo voltaram ao redil, perante as ameaças brandidas pela própria organização que as representava. Novidades vindas da vil Europa, como se já tivéssemos esquecido todo o mal que nos impuseram durante séculos com suas modernices de tráfico de escravos, colonialismo, homossexualidade e igualdade de género (Pepetela, 2018, p. 87).

Ilustração de cultura: - Menospreza direitos básicos das mulheres, considerando a luta por direitos iguais de gênero e sexualidade um mal tão grande quanto a escravidão e o colonialismo europeu.

O ditador menospreza direitos básicos das mulheres, como a luta contra o assédio (Fragmento 32), considerando a garantia de direitos iguais em relação a gênero e sexualidade males tão grandes quanto a escravidão e o colonialismo europeu: “Novidades vindas da vil Europa, como se já tivéssemos esquecido todo o mal que nos impuseram durante séculos com suas modernices de tráfico de escravos, colonialismo, homossexualidade e igualdade de gênero” (Pepetela, 2018, p. 87).

Há, portanto, uma demonstração de relações de poder simbólicas, aceitas socialmente e culturalmente, no universo ficcional da obra, em que as mulheres ocupam posições inferiores hierarquicamente na estrutura social em relação aos homens. Ressalta-se que este é um recorte representativo, mas não o único, uma vez que a forma como o ditador descreve a percepção da esposa com relação aos relacionamentos extraconjugais em todo o livro converge para esse entendimento.

De acordo com Benito, a relação do governante com as mulheres é outro elemento representativo do gênero ditatorial explorado em *Sua Excelência de Corpo Presente*. É comum que o ditador arquetípico mantenha sua condição de opressor também nas relações com o gênero feminino. No romance, o protagonista é retratado como um indivíduo que exerce um poder tirânico sobre as mulheres com quem se relaciona, tratando-as como objetos de sua tirania. Essa postura não se restringe apenas à condição masculina, mas é vista como algo inerente à sua condição de governante. Isso é exemplificado quando o protagonista sugere que "fica mal a um chefe de verdade só ter a primeira dama" (Benito, 2021, p. 138).

A análise de Benito destaca como a opressão e a tirania do ditador se estendem às suas relações pessoais, especialmente com as mulheres. Esse comportamento reforça o caráter despótico do protagonista, mostrando que sua necessidade de controle e dominação permeia todos os aspectos de sua vida. A ideia de que um verdadeiro chefe precisa de múltiplas mulheres não apenas reflete um machismo arraigado, mas também uma visão distorcida de poder e *status*, onde a quantidade de parceiras é vista como um indicador de autoridade e superioridade. Esse comportamento tirânico nas relações amorosas sublinha a desumanização e a objetificação das mulheres, revelando uma faceta adicional da corrupção moral da personagem central. A crítica implícita de Pepetela sugere que a verdadeira liderança e poder não residem na opressão, mas na capacidade de tratar todos os indivíduos com respeito e dignidade, independentemente de gênero.

Fragmento 33

Tenho pena de que mudem as pinturas que estão nos corredores e nas paredes da sala de audiências, onde recebia delegações e potentados estrangeiros. Quando essas personalidades faziam pronunciamentos para os órgãos de informação, sempre se viam por trás deles os quadros de matagais em chamas, ou dos nossos apaziguadores rios e lagos. Pintados por um amigo meu do antigamente a quem encomendei as mais belas paisagens do país, a troco de umas cervejas de vez em quando e umas conversas sobre o

passado. Fui sincero, faz o teu preço mais exagerado, aquele que tu aches me chatear, fica à vontade, não sou eu que pago, é o tesouro público, e ele não quis nada, ficarei feliz sabendo que a minha obra será vista por gente importante, pelo menos um carro, sukuama!, andas a pé, nem carro tens, e ele nada, não sei guiar, é tarde para aprender e francamente ia morrer de medo, arranjo-te um motorista pago pelo Estado, estou aqui para os amigos, mas nem isso aceitou, pintou aquilo tudo só mesmo por amizade. Um dia me disse, não era só por amizade. Ninguém dava importância ao que criava, nem lugar para uma exposição conseguia. Se por acaso alguém emprestava um quarto para ele fazer uma mostra da sua arte, por mais avisos e convites distribuídos, nenhum crítico de pintura ia ver o trabalho e nenhum jornalista escrevia uma linha. Bastou saberem que alguns dos quadros da sala protocolar eram pintados por mim que comecei a ser convidado a expor, até mesmo neste país onde ninguém compra arte me encomendaram algumas obras, vivo melhor que nunca, estou muito grato. Grande figura, um verdadeiro amigo! (Pepetela, 2018, p. 122).

Ilustração de cultura: - Institucionalização da corrupção: dinheiro do estado aplicado em função dos interesses pessoais do gestor, e sem responsabilidade fiscal. - Honestidade do artista. - “País onde ninguém compra arte”. - *Status* ligado à exposição de obras de arte no palácio nacional.

O excerto apresentado é um exemplo de institucionalização da corrupção, uma vez que o dinheiro do Estado era aplicado em função dos interesses pessoais do gestor e sem nenhum tipo de responsabilidade fiscal. Apesar de as obras de arte expostas nos corredores e nas paredes da sala de audiências, onde o líder político recebia, em vida, delegações e potentados estrangeiros, serem classificadas como belas pinturas, o narrador informa os leitores, sem nenhuma culpa, ter encomendado as pinturas a um amigo e tê-lo incentivado a cobrar um preço exorbitante: “aquele que tu aches me chatear, fica à vontade, não sou eu que pago, é o tesouro público, e ele não quis nada, ficarei feliz sabendo que a minha obra será vista por gente importante” (Pepetela, 2018, p. 122); o amigo pintou os quadros de matagais em chamuscas e dos apaziguadores rios e lagos por amizade e, principalmente, pelo *status* ligado a ser o autor de obras de arte expostas no palácio nacional. Sobre o *status* envolvido, o texto literário ressalta a mudança vivenciada pelo artista, já que, antes, “nenhum crítico de pintura ia ver o trabalho e nenhum jornalista escrevia uma linha. Bastou saberem que alguns

dos quadros da sala protocolar eram pintados por mim que comecei a ser convidado a expor, até mesmo neste país onde ninguém compra arte me encomendaram algumas obras” (Pepetela, 2018, p. 122).

Fragmento 34

Os intelectuais, esses petulantes, não vinham ao velório. Só um ou outro jornalista, tentando descobrir uma frase interessante para escrever num pasquim de domingo. Os intelectuais nunca me perdoaram ter fechado as inúmeras e inúteis academias. Apontavam o fato como o meu erro capital em relação aos únicos cérebros que ousavam imaginar o país, a sua cultura e os desejos da população, como se de fato os conhecessem. Que queriam? Era academias para tudo e para nada, sem trabalho concreto que se visse. Uma corja de velhos saudosistas se reunindo aos sábados de manhã para discutirem coisas tão interessantes como, vinham os pássaros das lagartixas, ou o contrário? Ou se tal tipo que vendia mais livros que o sal do mar podia ser mesmo considerado escritor ou apenas um bom vendedor de ilusões (Pepetela, 2018, p. 132).

Ilustração de cultura: - Tendência de ditadores em subestimar o valor da cultura e do pensamento crítico.

No fragmento acima, Pepetela ilustra a tendência de ditadores em subestimar o valor da cultura e do pensamento crítico (Fragmento 34). Os intelectuais, que não compareceram ao velório, são descritos pelo narrador como petulantes que nunca o perdoaram por ter fechado as “inúmeras e inúteis academias” (Pepetela, 2018, p. 132). O líder torna-se uma ilustração estereotipada de líderes totalitários que, muitas vezes, desconhecem o valor da cultura e são incapazes de compreender ciências, sejam humanas: “apontavam o fato como o meu erro capital em relação aos únicos cérebros que ousavam imaginar o país, a sua cultura e os desejos da população, como se de fato os conhecessem”, sejam biológicas: “uma corja de velhos saudosistas se reunindo aos sábados de manhã para discutirem coisas tão interessantes como, vinham os pássaros das lagartixas, ou o contrário?”, ou qualquer outra área do conhecimento (Pepetela, 2018, p. 132).

Fragmento 35

Apesar de todos os ratos de igreja negarem, as noites parecem muito animadas nos cemitérios, com os espíritos a saírem das covas para dançarem movimentos macabros ao ritmo da brisa vinda de leste. Pelo menos é crença popular, e parece mundial, não só nos nossos países considerados subdesenvolvidos. O que permite a uns larápios mais arrojados e a outros desesperados aproveitarem os jazigos de portas arrombadas como refúgio, ou para se esconderem ou apenas dormirem sossegados (Pepetela, 2018, p. 192).

Ilustração de cultura: - Intersecção entre a crítica social e a mitologia.

No final da obra, observa-se que Pepetela realiza a intersecção entre a crítica social e a mitologia ao afirmar que, apesar de religiosos cristãos o negarem, as noites são muito animadas nos cemitérios (Fragmento 35), “com os espíritos a saírem das covas para dançarem movimentos macabros ao ritmo da brisa vinda de leste” (Pepetela, 2018, p. 192). Nesse cenário mágico de espíritos que saem dos jazigos para dançarem, mobilizando crenças populares, é entrelaçada a crítica social de “larápios mais arrojados e a outros desesperados aproveitarem os jazigos de portas arrombadas como refúgio, ou para se esconderem ou apenas dormirem sossegados” (Pepetela, 2018, p. 192).

Fragmentos da obra *Sua Excelência de Corpo Presente* (2018) como representações de democracia no imaginário angolano

O narrador-personagem aborda, no recorte a seguir apresentado, a manipulação de eleições em seu país (Fragmento 36).

Fragmento 36

Recordo bem esse dia das eleições. Votei muito cedo no posto perto da catedral, com a primeira-dama e os filhos mais velhos. Todos os homens de fato e gravata, as mulheres de trajas africanos compridos. Como se fôssemos para um banquete. E não o era? No entanto estávamos muito preocupados também porque, apesar de todas as calúnias lançadas pela oposição e reproduzidas por alguns jornalistas nacionais e estrangeiros,

não se sabia sequer fazer uma séria manipulação de dados. Havia uma batotita aqui ou ali, que um qualquer responsável local improvisava com pouca habilidade, logo denunciada pelos mesmos de sempre, um caso de trezentos votos a merecer destaque de milhões nalguns jornais ou rádios. Desta vez havia indícios de que a coisa estava mais apertada, podia mesmo acontecer o impensável, e ficamos de mãos amarradas para batotar (Pepetela, 2018, p. 17).

Ilustração de democracia: - Manipulação de eleições.

A personagem declara apreensão, não pela difamação realizada pela oposição e por alguns jornalistas nacionais e estrangeiros, mas sim porque sua equipe não “sabia sequer fazer uma séria manipulação de dados. Havia uma batotita aqui ou ali, que um qualquer responsável local improvisava com pouca habilidade, logo denunciada pelos mesmos de sempre” (Pepetela, 2018, p. 17).

Verifica-se que a estratégia de fantasiar uma autocracia de democracia é comum em diversos regimes totalitários, que realizam eleições, porém fraudadas. No caso de *Sua Excelência de Corpo Presente*, ressalta-se o humor e a ironia na forma como o período de eleições da ditadura no universo ficcional é narrada, uma vez que o próprio narrador-personagem reconhece a incompetência de sua equipe em disfarçar as fraudes. Concorde-se com Machado que, ao analisar um conjunto de obras de Pepetela, destacou que o discurso literário é uma forma diferenciada de abordar o real, ao escolher uma dimensão simbólica diferente para dar sentido à experiência vivida:

Construída a partir de uma visão individual, essa experiência passa a ser valorizada, dando margem às subjetividades históricas, que enriquecem o cenário historiográfico. (...) Desse modo, devemos interpretar a escrita literária como uma construção da realidade, suscetível, assim como outras formas de se representar o mundo, a disputas e conflitos inerentes à vida do escritor. Pois, a realidade é construída a partir do modo como o contexto social é aprendido (Machado, 2021, p. 162).

Fragmento 37

O meu discurso recebeu grandes elogios nos órgãos de comunicação do Estado, únicos que podem funcionar regularmente num país de democracia avançada como a nossa, pois os independentes são pasquins, todos nós sabemos. Provocou certamente despeito em algumas igrejas rivais da frequentada pelo virtuoso, mas não se pode contentar todos sempre, e eu nem me incomodava em parecer diplomata. Inventaria um modo de compensar as ofendidas, é política da boa, funciona sempre (Pepetela, 2018, p. 91).

Ilustração de democracia: - Ironia de Pepetela ou do narrador? O narrador reconhece sua democracia como avançada?

O principal recurso semântico-estilístico utilizado na narrativa é a ironia. Não é possível precisar, no entanto, se a ironia é de Pepetela, para que os leitores riam da falta de conhecimento do narrador, ou se a ironia é do próprio narrador. Ao destacar que seu discurso (Fragmento 37) recebeu grandes elogios nos órgãos de comunicação do Estado, o líder morto declara que são esses os únicos que “podem funcionar regularmente num país de democracia avançada como a nossa, pois os independentes são pasquins” (Pepetela, 2018, p. 91). Será que o narrador reconhece sua nação como uma democracia avançada, mesmo após assumir aos leitores as fraudes eleitorais e inúmeros casos de corrupção? Por meio do conjunto da obra, considerando o caráter do líder, caracterizado como um ditador que desvaloriza a ciência, a cultura e o conhecimento, pode-se supor que a ironia é de Pepetela e que o conceito de “democracia avançada” é distorcido na mente da personagem.

Fragmento 38

Agora os civis andavam muito com a mania dos direitos constitucionais e por tudo e por nada tentavam fazer uma manifestação. Abortada à partida, pois claro, para que serve a polícia? Além do mais, o que interessa o que diz uma Constituição feita por uns mabecos escolhidos em momento de aperto para se justificar qualquer coisa ou levar um partido ao poder, pretendendo ser definitivamente? Sempre se arranjam depois uns juizes do Tribunal Constitucional que interpretam os direitos como nos interessa, para isso são nomeados (Pepetela, 2018, p. 100).

Ilustração de democracia: - Questionamento dos direitos civis, da independência do poder judiciário e do valor da Constituição.

O ditador questiona direitos civis, a independência do poder judiciário e o valor da Constituição (Fragmento 38). Nota-se que a função de chefe de Estado é vista, pelo narrador, como uma forma de atingir poder ilimitado, *status* e de realizar anseios pessoais. Não há preocupação nenhuma com o bem-estar da população governada, logo, direitos civis, poder judiciário livre e Constituição são meros empecilhos ao ditador.

Fragmento 39

Eles me tinham posto lá em cima da pirâmide e portanto ganharam direitos acrescidos. Não era verdade deverem desfrutar disso, mas mudar as coisas teve de ser devagar. Pouco a pouco, aproveitando ou estimulando desavenças, fui segurando um, afastando outro, nomeando novos. A primeira-dama, que de política só sabia o pouco que ouvia no bar paterno, foi ajudando a criar a rede, chamando a família a conselhos. Infelizmente eram muito fracos, como fui constatando (Pepetela, 2018, p 171).

Ilustração de democracia: - Nepotismo.

A denúncia do nepotismo é uma das linhas de força na narrativa (Fragmento 39). Ao invés de escolher indivíduos capacitados, com perfil político ou técnico, para ocuparem cargos-chave na administração do Estado, o narrador-personagem declara que transformou as instituições públicas de seu país em cabides de empregos para familiares e amigos. Observa-se que a denúncia não tem nenhum tom de arrependimento para o narrador; quem o ajudou a atingir o topo da pirâmide merece ter direitos acrescidos, mesmo que seja por meio de recursos públicos e não pessoais: “A primeira-dama, que de política só sabia o pouco que ouvia no bar paterno, foi ajudando a criar a rede, chamando a família a conselhos. Infelizmente eram muito fracos, como fui constatando” (Pepetela, 2018, p. 171).

Fragmento 40

Alguns gritos eram perceptíveis, até eu os ouvia. Abaixo os corruptos, abaixo a ditadura, abaixo a polícia, ladrões para a cadeia, e coisas desse teor, absolutamente inaceitáveis numa democracia avançada. Já não era problema meu, mas em todo o caso compreendia que os distintos fidalgos na sala se indignassem com a falta de educação da população. Pareciam masé assustados. E me preparei para observar melhor os rostos a contarem as histórias dos seus terrores. Não tive tempo. De repente, por trás de mim, sem que eu visse, devem ter trazido a tampa do caixão, porque me taparam. Fiquei no escuro mais absoluto (Pepetela, 2018, p. 197).

Ilustração de democracia: - Conceito distorcido de democracia avançada.

Pepetela, através do excerto apresentado, demonstra mais uma vez que o narrador-personagem possui um conceito distorcido de democracia avançada (Fragmento 40). Do caixão, o líder percebe alguns gritos, como “Abaixo os corruptos, abaixo a ditadura, abaixo a polícia, ladrões para a cadeia”, palavras que, na perspectiva do falecido, eram “absolutamente inaceitáveis numa democracia avançada” (Pepetela, 2018, p. 197).

Constata-se, portanto, que as representações de democracia em *Sua Excelência de Corpo Presente* não se referem, propriamente, à democracia em si, mas à falta dela. O narrador-personagem é apresentado como um ditador que possui uma visão de mundo distorcida, logo, ele se torna um instrumento de crítica, por parte de Pepetela, aos regimes totalitários, de forma geral.

A título de síntese conclusiva, ressalta-se que a figura do governante é construída, na narrativa, por meio de sucessão excessiva de abusos de poder. A ausência de dados concretos que estabeleçam uma ligação direta entre as personagens e os lugares reais, juntamente com a falta de indicações temporais, evidenciam a intenção de denunciar não apenas uma ditadura específica, mas sim todas as formas de regime ditatorial. Além disso, a narrativa expõe de forma contundente a falta de escrúpulos, as manipulações, os ultrajes e os crimes perpetrados nesse contexto, consolidando-se como uma denúncia abrangente e contundente contra o autoritarismo em todas as suas manifestações.

Contudo, Benito (2021, pp. 147-148) observa que, apesar de não ser explícita, há uma relação entre esta estória e o contexto histórico de Angola. Ela argumenta que *Sua Excelência de Corpo Presente* pode ser interpretada como uma obra que inaugura, de maneira implícita e encoberta, o discurso sobre os últimos 38 anos de governo em Angola, mesmo que nada na novela permita identificar diretamente os fatos com este país. Normalmente, na construção do passado, a literatura dialoga com a historiografia, contribuindo para a construção do imaginário sobre determinada época ou figura histórica. Após um período tão prolongado de governo como o do presidente Dos Santos em Angola, é previsível que a historiografia revisará a fundo seu mandato. No entanto, Benito destaca que, no caso de Angola, país implícito ao qual a novela talvez remita, essa interação não é possível, pois esses discursos ainda estão por surgir, já que a revisão do mandato de Dos Santos ainda não foi realizada, e o discurso literário se antecipou a todos eles.

É, pois, possível inferir que Pepetela, com esta obra, antecipa o discurso historiográfico e qualquer outro tipo de discurso sobre a figura do governante já desaparecido. A verdadeira surpresa reside no fato de que, ao não existir distância temporal entre o momento da escrita e o da diegese, a necessidade de construir o passado desaparece. Esse fenômeno destaca a habilidade de Pepetela em usar a ficção como um meio poderoso e imediato de crítica social e política, preenchendo lacunas que a historiografia ainda não abordou.

Diante do exposto, fica evidente que a obra *Sua Excelência de Corpo Presente* apresenta uma crítica contundente aos regimes totalitários, representados pelo ditador narrador-personagem. A ausência de uma democracia efetiva é destacada através das palavras proferidas pelas personagens no funeral do líder. Essa representação distorcida de democracia revela a visão deturpada do protagonista e o torna um instrumento de crítica nas mãos do autor. Apesar de não ser explícita, a obra estabelece um diálogo implícito com o contexto histórico de Angola, inaugurando um

discurso sobre os últimos 38 anos de governo no país. Ao antecipar o discurso historiográfico e abordar o passado recente, Pepetela contribui para a compreensão desse período e para a construção de um futuro baseado na reflexão crítica e na superação dos erros do passado. Com isso, a obra encerra-se deixando uma mensagem de alerta e conscientização sobre os perigos do autoritarismo e a importância da luta pela democracia verdadeira.

Comparar, representar, refletir

No decorrer do capítulo 4, foram tecidas análises das representações culturais e de democracia, de forma individualizada, sobre as obras *A Geração da Utopia* (1992), *O Desejo de Kianda* (1995), *A Montanha da água lilás* (2000) e *Sua Excelência de Corpo Presente* (2018), de Pepetela. Nesta subseção, para melhor visualização de como essas representações se aproximam ou se distanciam nas diferentes narrativas, apresenta-se uma sistematização em dois quadros. No Quadro 01, sintetizam-se as representações culturais.

Quadro 01 – Representações de cultura nas obras de Pepetela

<i>A Geração da Utopia</i>	<i>O Desejo de Kianda</i>	<i>A Montanha da água lilás</i>	<i>Sua Excelência de Corpo Presente</i>
<ul style="list-style-type: none"> - Casa dos Estudantes do Império; - Juventude vinda da África; - Diferenças sociais e culturais entre Portugal e África; - Referências musicais - Baixo acesso de oportunidades de ascensão social; - Denúncia sobre a política de colonização portuguesa - Orgulho da descendência judia; - Perseguições religiosas em Portugal: conversão forçada ao Catolicismo; - Sem qualquer religião praticante; - Ligação com os judeus: reminiscência das perseguições durante a Segunda Guerra Mundial; 	<ul style="list-style-type: none"> - Ancestralidade mágica; - Sabedoria ligada à ancestralidade e ao maravilhoso. Crença na mitologia; - Sincretismo religioso; - Sabedoria ligada à ancestralidade e ao maravilhoso; 	<ul style="list-style-type: none"> - Tendência social de taxar como doença aqueles que são diferentes; - Estratégias de marketing para a conquista de clientes; - Início da economia de mercado à base de escambo; - Estereótipos: comerciantes são bons com vendas, advogados com a defesa de 	<ul style="list-style-type: none"> - Ligação entre as crenças relacionadas à morte e a origem das religiões; - Narrador-personagem evidencia que a narrativa não visa explorar mistérios do pós-morte; - Menospreza direitos básicos das mulheres, considerando a luta por direitos iguais de gênero e

<p>- Prática contrária ao discurso: Gritava ser contra o racismo, mas nunca um negro entrara em sua casa sem ser na condição de serviçal;</p> <p>- Dificuldade financeira dos pais, em Angola, para sustentar os estudos dos filhos em Portugal;</p> <p>- Referência à música brasileira;</p> <p>- Memórias afetivas da infância;</p> <p>- Divulgação de Kahala, importante ponto turístico de Angola;</p> <p>- Divergências e conflitos regionais;</p> <p>- Não há uniformidade de direitos: alguns são mais privilegiados;</p> <p>- Igualdade está apenas no discurso dos privilegiados;</p> <p>- Poder estabelecido pela violência física ou simbólica: assassinato de subordinados ou destruição de carreiras políticas promissoras;</p> <p>- Contrastividade de grupos, impressa pela primeira pessoa do plural: nós, o povo, abusado, maltratado, mas portadores de uma cultura superior x vocês, guerrilheiros.</p> <p>Outra forma de contrastividade: os “velhos” (europeus, imbuídos da cultura judaico-cristã) versus “nós”, crioulos híbridos de duas civilizações;</p> <p>- Crítica em relação à importação apenas da industrialização e do sistema financeiro.</p>	<p>- Identidade nacional ligada às raízes históricas e mitológicas;</p> <p>- Assimetria de poder entre o povo colonizado e o povo colonizador;</p> <p>- Resistência cultural diante da imposição;</p> <p>- Crítica à falta de fé dos angolanos;</p> <p>- Crítica à falta de valores morais e éticos dos angolanos;</p> <p>- Crítica à corrupção, na política e entre a população em geral;</p> <p>- Sobreposição do desejo da divindade em relação ao desejo humano;</p> <p>- Reconstrução da identidade nacional.</p>	<p>argumentos e poetas com escolha de palavras ideais;</p> <p>- Relativização de preceitos morais anteriores em detrimento da manutenção das relações de poder estabelecidas;</p> <p>- Vantagens comerciais diante da degradação moral de outra parcela da sociedade Lupi;</p> <p>- “sem moralismos piegas”;</p> <p>- Supridas todas as necessidades básicas da sociedade lupi, os mais abastados passaram a criar necessidades simbólicas, como adquirir adereços da moda;</p> <p>- Determinados padrões de comportamento passam a distinguir “gente de qualidade superior”;</p> <p>- Até mesmo o sábio e a professora, que antes defendiam e representavam a moral Lupi deixaram-se corromper diante da comodidade.</p>	<p>sexualidade um mal tão grande quanto a escravidão e o colonialismo europeu;</p> <p>-</p> <p>Institucionalização da corrupção: dinheiro do estado aplicado em função dos interesses pessoais do gestor, e sem responsabilidade fiscal;</p> <p>- Honestidade do artista;</p> <p>- “País onde ninguém compra arte”</p> <p>- Status ligado à exposição de obras de arte no palácio nacional;</p> <p>- Tendência de ditadores em subestimar o valor da cultura e do pensamento crítico;</p> <p>- Intersecção entre a crítica social e a mitologia</p>
---	--	---	---

Fonte: Elaboração própria.

O Quadro 01 demonstra que *A Geração da Utopia* e *O Desejo de Kianda* apresentam representações explícitas da cultura angolana. Por outro lado, *Sua Excelência de Corpo Presente* possui representações que variam da cultura universal à cultura africana, mas com algumas referências culturais a Angola (A primeira dama e a palanca negra, por ex.); enquanto *A Montanha da água lilás* trata, integralmente, de temas universais, por meio do gênero fábula. No Quadro 2, sintetizam-se as representações de democracia.

Quadro 2 – Representações de democracia nas obras de Pepetela

<i>A Geração da Utopia</i>	<i>O Desejo de Kianda</i>	<i>A Montanha da água lilás</i>	<i>Sua Excelência de Corpo Presente</i>
<ul style="list-style-type: none"> - As personagens de Angola constataam que a luta de independência das colônias não era compartilhada pelos portugueses que pediam o fim do salazarismo; - Noção seletiva de democracia: apenas para alguns; - Os manifestantes almejavam democracia para Portugal, mas não para as colônias; - Importância da imprensa na defesa da democracia; - Embate racial: surge uma ideologia, interna em Angola, de negros que rejeitam dividir a nação com brancos e mulatos, devido ao sofrimento causado pela colonização; 	<ul style="list-style-type: none"> - O recente passado colonial ainda influencia muito nas representações e nos simbolismos da população em Angola; - Há um ressentimento da assimetria de poder imposta pelos portugueses com relação à Angola; - Saudosismo em uma parcela da população com relação ao período colonial; - A personagem Carmina, por ser, ao mesmo tempo, política e empresária, teme que suas decisões enquanto empreendedora interfiram em sua carreira política; - O nacionalismo é forte em Angola; 	<ul style="list-style-type: none"> - Associação pressuposta dos jacalupis à impolidez, por não gostarem de poesia; - Tentativa de cerceamento de acesso a bens culturais devido a características singulares de uma parcela da sociedade Lupi; - Estabelecimento da ordem e garantia de direitos democráticos com base no gerenciamento das relações de poder distintas; - Três posições em relação ao 	<ul style="list-style-type: none"> - Manipulação de eleições; - Ironia de Pepetela ou do narrador? O narrador reconhece sua democracia como avançada? - Questionamento dos direitos civis, da independência do poder judiciário e do valor da Constituição; - Nepotismo; - Conceito distorcido de democracia avançada.

² A palanca negra é o ícone nacional de Angola. A seleção angolana de futebol é conhecida como os Palancas Negras.

<p>- Há a aceitação de brancos estrangeiros, mas não angolanos;</p> <p>- Noção seletiva de democracia no interior do país;</p> <p>- Duas visões distintas da construção de uma nação democrática:</p> <p>1) de forma pacífica, sem massacres; 2) com a constituição dos poderes à base de violência;</p> <p>- Na visão de alguns setores conservadores da sociedade portuguesa, os estudantes africanos eram percebidos como comunistas;</p> <p>- Um dos fatores que inviabilizava a democracia era a falta de consciência política da população. Mesmo pessoas instruídas, com acesso à escolarização formal, centravam-se seus esforços intelectuais na apreensão apenas de conhecimentos técnicos;</p> <p>- As personagens de Angola constataam que a luta de independência das - Importância da casa de estudantes africanos em Portugal</p> <p>Conflitos ideológicos regionais em Angola</p> <p>- Dúvida entre o povo de Angola: crioulo ou angolense?</p> <p>- A camada social misturada culturalmente e</p>	<p>- Ironia: muitas empresas surgem com nomes de frutas;</p> <p>- Contrastividade nacionalista por meio da primeira pessoa do plural: nós somos a metrópole e os outros é que são o ultramar</p> <p>Denúncia: hipocrisia das ditas “democracias internacionais”, desenvolvidas, que adotam posições imperialistas diante de nações em desenvolvimento;</p> <p>- Guerra motivada pelo empoderamento bélico da oposição derrotada democraticamente, uma vez que os detentores do poder não defendem os interesses de povos estrangeiros, como os americanos;</p> <p>- Duas visões de mundo sobre a polaridade cultural e política presente na guerra civil: Interculturalidade versus descaso e desumanização dos adversários;</p> <p>- Apagamento das identidades regionais versus integração e valorização das divergências culturais através da convergência;</p> <p>- Personagem dividida entre os interesses pessoais e os interesses coletivos;</p>	<p>comércio com carnívoros: os favoráveis; os contrários e os que se abstinham;</p> <p>- Prevalcimento da opinião pautada nas vantagens comerciais;</p> <p>- O surgimento de classes sociais pautadas na força e nas relações comerciais prejudica a democracia, pois necessidades simbólicas, de prestígio social, sobrepõem necessidades básicas dos menos abastados na nova hierarquia social;</p> <p>- Silêncio do lupi-sábio;</p> <p>- Transição da democracia direta para uma autocracia centrada em duas únicas figuras: o jacalupi-capitão e o lupi-comerciante;</p> <p>- Crítica do lupi-pensador à desistência da luta pelo bem coletivo.</p>	
--	---	---	--

<p>racialmente era a única capaz de unir o país, por ter uma ideia de nação, apesar de serem os intermediários da colonização;</p> <p>- Divisão de estatuto social entre os que foram donos de escravos e os descendentes de escravos;</p> <p>- Elite dividida e ressentida;</p> <p>- Crítica aos intelectuais, que não perceberam a origem dos conflitos pós-independência em Angola.</p>	<p>- Crítica à hipocrisia dos países “democráticos”, onde parlamentares mascaram suas posses e personas para se aproximarem imageticamente do povo;</p> <p>- Desapontamento de familiares ao descobrirem que um ente se tornou corrupto;</p> <p>- Síndrome de Luanda;</p> <p>- Até mesmo militantes da democracia e da tolerância passaram a praticar corrupção, diante do cenário de crise em que os salários eram engolidos pela corrupção.</p>	
--	---	--

Fonte: Elaboração própria.

Analisando o Quadro 2, observa-se que *A Geração da Utopia* e *O Desejo de Kianda* apresentam representações explícitas sobre a democracia (principalmente a sua falta) em Angola. Por outro lado, *Sua Excelência de Corpo Presente* possui representações sobre regimes totalitários, que se aplicam principalmente na África, mas que também representam críticas a autocracias no mundo todo, não sendo explícitas referências a Angola; enquanto *A Montanha da água lilás* trata, integralmente, da democracia e de aspectos que podem levá-la à extinção por meio do gênero fábula.

Sendo assim, concorda-se com Machado (2021, p. 161) quando afirma que Pepetela representa em seus romances o aspecto autoritário e patrimonial do Estado, que também é forjado internamente. A construção das personagens que dialogam com essas estruturas traz novas reflexões sobre a política do país. A figura do “novo burguês” abre espaço para a análise das estruturas políticas criadas após a independência, que permitiram o surgimento e fortalecimento desse personagem social em Angola.

Nos romances de Pepetela, os leitores são envolvidos por uma série de complexidades que refletem a relação de mão dupla entre o MPLA, partido do poder, e a sociedade angolana.

A partir da acomodação de interesses entre esses núcleos, são representados conceitos como clientelismo e patrimonialismo entre as personagens, mantendo uma relação ambígua e complexa com o Estado, formando as “franjas” do governo. Portanto, é pertinente problematizar a construção de conceitos-chave que emergem das narrativas do escritor: Estado, sociedade civil angolana e corrupção, que ganham grande destaque ao longo de seus livros.

Machado (2021) sublinha que a obra de Pepetela oferece uma visão crítica e detalhada das dinâmicas políticas de Angola, revelando como as estruturas autoritárias e patrimonialistas moldam a vida social e política do país. As personagens de Pepetela não apenas refletem essas dinâmicas, mas também as questionam e, em alguns casos, as resistem, proporcionando uma narrativa rica em complexidade e nuances. Dessa forma, Pepetela contribui significativamente para o entendimento crítico das realidades pós-coloniais em Angola, oferecendo *insights* valiosos sobre as relações de poder e os desafios da democracia no país.

Considerando tanto as representações culturais quanto as de democracia, constata-se uma escala gradativa entre as narrativas, que varia do romance histórico à narrativa completamente ficcional. A gradação observada nas obras de Pepetela ilustra um movimento dinâmico na construção do discurso literário. Iniciando-se com romances históricos, as narrativas encontram-se fortemente ancoradas em eventos reais, proporcionando aos leitores um panorama detalhado e, por vezes, didático do contexto angolano em momentos específicos. Esses romances carregam a responsabilidade de iluminar períodos históricos, garantindo que determinadas memórias não se percam no esquecimento coletivo. Eles também servem como espelhos, refletindo a realidade da sociedade de uma maneira que pode tanto celebrar suas conquistas quanto criticar suas falhas.

A gradação do Esquema 1 demonstra que evidencia-se um afastamento dos fatos históricos concretos e um mergulho em territórios mais subjetivos e introspectivos. Isso não diminui, contudo, a relevância ou a capacidade crítica das obras. Em vez disso, permite a Pepetela explorar aspectos mais profundos da psique humana, da identidade cultural e das tensões subjacentes que moldam a sociedade. A ficção, neste sentido, serve como uma lente ampliada, concentrando-se nos detalhes e nas nuances muitas vezes perdidas ou ofuscadas em relatos puramente históricos.

Essa transição da história para a ficção também representa uma evolução no modo como Pepetela se engaja com seu público. Enquanto os romances históricos podem apelar mais diretamente para aqueles interessados em uma compreensão factual de Angola, as narrativas ficcionais têm a capacidade de atrair um público mais amplo, usando a universalidade das emoções humanas, conflitos e desejos como ponto de conexão. Veja-se o Esquema 1:



Fonte: Elaboração própria.

No início da escala, *A Geração da Utopia*, representa uma obra que está profundamente enraizada no realismo histórico. Ela não apenas documenta um período específico da história angolana, mas também se engaja profundamente com os discursos políticos e culturais da época. O compromisso com eventos e figuras históricas reais dá a esta narrativa um peso especial, permitindo que os leitores se conectem diretamente com um passado palpável e reconheçam os ecos dessas narrativas em seus próprios contextos e entendimentos culturais.

Ao avançar para *O Desejo de Kianda*, a narrativa começa a assumir uma postura mais ambígua. Embora ainda haja uma forte conexão com a realidade e o contexto histórico, a inclusão de elementos ficcionais e talvez até míticos começa a surgir,

proporcionando uma abordagem mais flexível e simbólica dos temas em discussão. Este romance leva a questionar a natureza da realidade, desafiando os limites entre o que é factual e o que é representacional, e conseqüentemente provocando uma reflexão mais profunda sobre a construção da memória cultural e histórica.

Em *Sua Excelência de Corpo Presente*, a balança inclina-se ainda mais em direção à ficção. O enredo e os personagens, embora possam ter raízes ou inspirações em realidades conhecidas, são usados aqui como ferramentas para explorar temas universais, como poder, identidade e resistência. Pepetela habilmente entrelaça realidade e ficção para criar uma tapeçaria rica e complexa, em que as fronteiras entre o que é real e o que é imaginado se tornam cada vez mais tênues, permitindo uma exploração mais profunda das tensões e conflitos inerentes à condição humana.

Já *A Montanha da água lilás* representa o ponto mais ficcional da escala. Aqui, o mundo imaginado por Pepetela é expansivo e livre das amarras do contexto histórico concreto. No entanto, esta liberdade não diminui o poder crítico da obra. Pelo contrário, a ficção, neste caso, serve como uma lente amplificadora, focando em questões universais de identidade, pertencimento e transformação. Este afastamento da realidade objetiva permite a Pepetela uma criatividade sem limites na exploração de temas culturais e democráticos, ao mesmo tempo que ressalta sua habilidade inata de conectar estas narrativas fictícias a discursos e preocupações muito reais.

Apesar de constatada uma escala gradativa, que evidencia que as obras possuem diferentes níveis de comprometimento com o contexto social e histórico, ressalta-se que uma maior aproximação da narrativa ao universo ficcional não significa que a obra possui maior ou menor nível de crítica. Percebe-se, em todas as narrativas, uma coerência no posicionamento de Pepetela na valorização da cultura, da ciência, da democracia, dos direitos humanos, mas por meio de estratégias linguísticas e narrativas diferentes, que podem, conseqüentemente, atingir públicos distintos.

Inocência Mata (2008) oferece uma perspicaz reflexão sobre a intersecção entre história e ficção, bem como sobre os limites e as potencialidades da imaginação humana. A noção de que “um escravo não tem direitos, não tem nenhuma liberdade. Apenas uma coisa lhe não podem amarrar: a imaginação” é emblemática na abordagem de Pepetela sobre a narrativa histórica e a ficção. A imaginação age como uma ferramenta de resistência e reivindicação para aqueles que se encontram em posições marginalizadas, transformando a realidade objetiva em algo mais expansivo e subjetivo. Da mesma forma que o escravo imaginava para compreender, interpretar e reivindicar o mundo ao seu redor, o autor, ao oscilar entre o realismo histórico e a pura ficção, desafia as fronteiras do que pode ser conhecido e do que pode ser imaginado (2008, p. 135).

Além disso, a reflexão de Mata sobre a relação entre o real e o ficcional ressoa poderosamente na abordagem de Pepetela. Em qualquer romance histórico, e até mesmo em outras formas de narrativa, existe um contínuo jogo entre os referentes da realidade e as construções do imaginário. Esta dança entre a história e a ficção não é meramente uma questão estilística, mas uma maneira profunda de entender e interpretar o mundo. Como sugere Mata, a literatura (o discurso da imaginação) e a História (o discurso sobre o acontecido) frequentemente revelam suas afinidades naturais por meio de sua natureza narrativa. Ambos são tentativas de dar sentido, de criar ordem, de encontrar significado em um mundo que, muitas vezes, se mostra caótico e ininteligível. Em Pepetela, essa simbiose entre história e ficção permite uma profunda investigação das tensões, desejos e conflitos da condição humana, oferecendo aos leitores uma janela para o passado, o presente e, talvez, até mesmo o futuro (2008, p. 135).

V

Considerações Finais

Na obra *A Geração da Utopia* (1992), as principais representações culturais são realizadas por personagens que interagem na Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, onde reside a juventude estudantil vinda da África portuguesa. Na obra, Pepetela ilustra as diferenças sociais e culturais entre Portugal e África, fazendo com que os leitores reflitam sobre o baixo acesso de oportunidades de ascensão social aos jovens de Angola, devido à política de colonização portuguesa. Além disso, a obra evidencia uma prática contrária ao discurso anti-racista da população branca em Angola que se privilegia das discrepâncias sociais do país e se acomoda em manter a população negra ocupando empregos estigmatizados.

Ainda em relação às representações culturais, ressalta-se a dificuldade financeira dos pais, em Angola, para sustentar os estudos dos filhos em Portugal. Apesar da dificuldade, esse esforço é demonstrado por Pepetela como fundamental para a garantia de uma vida digna aos filhos enviados à metrópole, já que a então colônia portuguesa não recebia investimentos para a educação formal. A narrativa demonstra que esse contexto social imprime uma hierarquia simbólica entre as culturas, sendo a europeia vista como superior à africana e Pepetela, por meio de estratégias linguísticas, como a focalização, tenta modificar aos poucos essa percepção errônea de superioridade cultural, ao politizar e construir a criticidade entre as personagens da narrativa. Outro

ponto central da obra, em relação à cultura, é a contrastividade de grupos, dada a multiculturalidade e diversidade étnica de Angola. Por meio do livro, constata-se inúmeros ingredientes para a construção da identidade nacional de Angola, em formação, em um período recente de pós-independência.

Quanto às representações de democracia na narrativa, as personagens de Angola constatarem que a luta de independência das colônias não era compartilhada pelos portugueses que pediam o fim do salazarismo. Assim, os leitores e as personagens se deparam com uma noção seletiva de democracia, já que manifestantes portugueses almejavam democracia para Portugal, mas não para as colônias. A narrativa também evidencia a importância da imprensa na defesa da democracia e o surgimento de uma ideologia, interna em Angola, de negros que rejeitam dividir a nação com brancos e mulatos, devido ao sofrimento causado pela colonização.

Ainda em relação às representações de democracia, ressalta-se a noção seletiva de democracia no interior do país, sendo duas visões distintas da construção de uma nação democrática: 1) de forma pacífica; 2) com a constituição dos poderes à base de violência. A obra evidencia que um dos fatores que inviabilizava a democracia, tanto em Portugal quanto em Angola, era a falta de consciência política da população. Mesmo pessoas instruídas, com acesso à escolarização formal, centravam seus esforços intelectuais na apreensão apenas de conhecimentos técnicos. Pepetela demonstra, em *A Geração da Utopia*, que, diante do cenário de guerra civil, a camada social misturada culturalmente e racialmente era a única capaz de unir o país, por ter uma ideia de nação, apesar de serem os intermediários da colonização. Finalmente, é evidente que a obra tece uma crítica explícita aos intelectuais, ressentidos, que não perceberam a origem dos conflitos pós-independência em Angola.

Em *O Desejo de Kianda* (1995), as principais representações culturais são realizadas circunstancialmente à entidade Kianda e às personagens Carmina e João. Destacam-se, na obra, a ancestralidade mágica, a sabedoria ligada à ancestralidade e ao maravilhoso, a crença na mitologia, o sincretismo religioso e a

identidade nacional ligada às raízes históricas e mitológicas. As representações culturais são também associadas a críticas e denúncias, como a assimetria de poder entre o povo colonizado e o povo colonizador, a resistência cultural diante da imposição (cultural e política da força colonizadora sobre a população colonizada), a crítica à falta de fé dos angolanos, à falta de valores morais e éticos e à corrupção, na política e entre a população em geral. Tudo isso, com foco na reconstrução da identidade nacional, a partir da integração entre as raízes e africanas e portuguesas e à modernidade cosmopolita.

Quanto às representações de democracia, na narrativa, são majoritariamente negativas, devido ao contexto histórico de Angola no período de recente independência, uma vez que a prática democrática está ausente. Pepetela demonstra que o passado colonial ainda influencia muito nas representações e nos simbolismos da população em Angola, havendo um ressentimento da assimetria de poder imposta pelos portugueses com relação a Angola, além de um saudosismo em uma parcela da população com relação ao período colonial. O conflito entre a esfera pública e privada é impresso na personagem Carmina que, por ser, ao mesmo tempo, política e empresária, teme que suas decisões enquanto empreendedora interfiram em sua carreira política, uma vez que o nacionalismo é descrito como muito forte em Angola.

Ressalta-se também a denúncia à hipocrisia das ditas “democracias internacionais” desenvolvidas, que adotam posições imperialistas diante de nações em desenvolvimento. De acordo com a personagem Carmina, guerras civis no país ganham empoderamento bélico da oposição derrotada democraticamente, uma vez que os detentores do poder não defendem os interesses de povos estrangeiros, como os americanos. Há, no romance, duas visões de mundo sobre a polaridade cultural e política presente na guerra civil: interculturalidade, através da integração e da valorização das divergências culturais *versus* descaso e desumanização dos adversários, por meio do apagamento das identidades regionais. Além disso, diante de um cenário de

extremo pessimismo, impresso na “Síndrome de Luanda”, até mesmo militantes da democracia e da tolerância passaram a praticar corrupção, devido à crise em que os salários eram engolidos pela inflação.

Na obra *A Montanha da água lilás* (2000), as principais representações culturais referem-se a aspectos universais, uma vez que se trata de uma fábula com personagens estereotipados: animais comerciantes bons com vendas, animais advogados bons na defesa de argumentos e animais poetas bons na escolha de palavras ideais. Entre as representações, há a tendência social de taxar como “doença” aqueles que são diferentes e o início de uma cultura com base na economia de mercado, ainda que por meio de escambo. Na narrativa, verifica-se a relativização de preceitos morais anteriores em detrimento da manutenção das relações de poder estabelecidas, diante do novo sistema econômico, o capitalismo, e da substituição de uma democracia direta por um regime ditatorial.

Ainda em relação às representações culturais, ressaltam-se as vantagens comerciais diante da degradação moral de outra parcela da sociedade Lupi, que é naturalizada pela maior parte dos animais habitantes da montanha. Também há a crítica de que, quando foram supridas todas as necessidades básicas da sociedade Lupi, os mais abastados passaram a criar necessidades simbólicas, como adquirir adereços da moda, e passaram a adotar determinados padrões de comportamento, distinguindo “gente de qualidade superior”. Até mesmo o sábio e a professora, que antes defendiam e representavam a moral Lupi, deixaram-se corromper diante da comodidade.

Quanto às representações de democracia na narrativa, elas referem-se à decadência da sociedade Lupi. O primeiro sinal de que a democracia, na fábula, se deterioraria, é que, com a associação pressuposta dos jacalupis à impolidez, por não gostarem de poesia, há uma tentativa de cerceamento de acesso a bens culturais deles. Com o agravamento da crise democrática na montanha, há o estabelecimento da ordem e garantia de direitos democráticos com base no gerenciamento das relações de poder distintas. Mas o maior agravo se

dá a partir do período de início de comercialização da água lilás com os animais carnívoros. Neste cenário, três posições surgiram: os favoráveis; os contrários e os que se abstinham, e houve o prevalecimento da opinião pautada nas vantagens comerciais.

No novo sistema social e econômico da montanha, surgiram classes sociais pautadas na força e nas relações comerciais, prejudicando a democracia, pois necessidades simbólicas, de prestígio social, passam a sobrepor às necessidades básicas dos menos abastados na nova hierarquia social. Houve, então, uma gradual transição da democracia direta para uma ditadura centrada em duas únicas figuras: o jacalupi-capitão e o lupi-comerciante, e a crítica se estende aos sábios, que permaneceram calados e desistiram da luta pelo bem coletivo.

Já no romance *Sua Excelência de Corpo Presente* (2018), as principais representações culturais encontram-se, em um primeiro momento, na ligação entre as crenças relacionadas à morte e a origem das religiões. Na sequência, o narrador-personagem, que é falecido, evidencia que a narrativa não visa explorar os mistérios do pós-morte. As características mágicas da personagem permitem que Pepetela realize inúmeras críticas sociais, de forma irônica e humorada, protegendo-se de possíveis associações a ditadores reais.

O ditador morto imprime inúmeros padrões comportamentais compartilhados por ditadores famosos e reais, que extrapolam a narrativa, como o fato de menosprezar direitos básicos das mulheres, considerando a luta por direitos iguais de gênero e sexualidade; a institucionalização da corrupção, com dinheiro do Estado aplicado em função dos interesses pessoais do gestor, e sem responsabilidade fiscal; além da tendência de ditadores em subestimar o valor da cultura e do pensamento crítico. Nota-se, portanto, uma intersecção entre a crítica social e a mitologia e à crítica à desvalorização dos bens culturais. Quanto às representações de democracia, na narrativa, elas são majoritariamente negativas, uma vez que não há democracia no universo ficcional de *Sua Excelência de Corpo Presente*, e que os fatos são narrados por um ditador, com visão de mundo distorcida.

Verifica-se a manipulação de eleições, a percepção distorcida do narrador-personagem que classifica seu país como uma “democracia avançada”, além do questionamento dos direitos civis, da independência do poder judiciário e do valor da Constituição, e a ampla presença de nepotismo e corrupção.

No início deste estudo, apresentou-se a hipótese de que as quatro narrativas analisadas revelam a possibilidade da construção das personagens simbolizarem, alegoricamente, dois arquétipos: 1) a nova burguesia e elite do país, bem como o dilaceramento da nação, que teve a estabilidade de seus valores éticos e morais fragilizada no período histórico de pós-independência de Angola, marcado por alianças de poder que geraram corrupção com relação ao país; e 2) personagens relacionadas a um universo maravilhoso ligados à ancestralidade mágica, que ressaltam a sabedoria ancestral de Angola e a mitologia nacional.

Quanto ao arquétipo 1, as análises evidenciam que é corroborado. De forma explícita, em *A Geração da Utopia* (1992) e *O Desejo de Kianda* (1995), há críticas aos diferentes regimes totalitários e corruptos que prejudicaram Angola e às novas elites do país, desde o período de colonização até o pós-colonialismo. Já em *A Montanha da água lilás* (2000) e *Sua Excelência de Corpo Presente* (2018), apesar de não haver referências explícitas a Angola, um olhar para o contexto histórico evidencia que, nessas obras, Pepetela realiza veladamente críticas à governança de Angola e às elites de seu país, ainda que essas críticas possam se estender a outros regimes totalitários. As quatro obras evidenciam, de forma explícita ou implícita, que Angola teve a estabilidade de seus valores éticos e morais fragilizada no período histórico de pós-independência, devido à guerra civil, marcada por alianças de poder que geraram corrupção no país.

Já o arquétipo 2 é corroborado parcialmente. Em *O Desejo de Kianda* (1995), *A Montanha da água lilás* (2000), constata-se que as personagens relacionadas a um universo maravilhoso, ligadas à ancestralidade mágica, ressaltam a sabedoria às tradições culturais de Angola e da mitologia nacional. Já em *Sua Excelência de Corpo*

Presente (2018), o universo ficcional mágico é explorado por Pepetela como uma máscara, protegendo-o de críticas explícitas a um regime ditatorial específico, além de imprimir humor e ironia. Em contrapartida, na obra *A Geração da Utopia* (1992), as críticas são explícitas, configurando-se como um romance histórico.

Há que se ressaltar as limitações deste estudo, uma vez que possui um *corpus* delimitado em quatro narrativas, com universos diegéticos específicos. Além disso, optou-se pela avaliação de recortes mais recorrentes e representativos que materializam tais representações. Finalmente, considerando o contexto histórico em que foram produzidas as narrativas, as representações culturais e de democracia, muitas vezes, são embrincadas, uma vez que as concepções políticas das personagens são atravessadas por norteamentos culturais e ideológicos.

Referências

- Ablas, Maria de Nazaré Ordonez de Souza (2000). *A geração da utopia*. *Via Atlântica*, 1(4), pp. 258-262, out. <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49642>.
- Araújo, Adriana Ribeiro de, Almeida, Silvaneide Gercina de (2021). *O Desejo de Kianda*, de Pepetela: O Entre Fronteiras na Literatura Pós-colonial. *Línguas & Letras*, [S. l.], v. 22, n. 52. <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/27093/pdf>.
- Alves, Maria Theresa Abelha (1997). *O desejo de Kianda: crônica e efabulação*. *Revista Scripta*. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10160>.
- Aristóteles (2004). *Poética*. Trad. Ana Maria Valente. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Augustoni, Prisca, Viana, Anderson (2010). A identidade do sujeito na fronteira do pós-colonialismo em Angola. *Revista IPOTESI*, v.14 n.2 <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/25676>.
- Bauman, Zygmunt (2003). De peregrino a turista, o una breve historia de la identidad. In: Hall, Stuart; Gay, Paul Du. *Cuestiones de Identidad Cultural* (pp. 38-68). Amorrortu Editores.
- Benito, Ana Belén García (2021). *Sua excelência de corpo presente: novela de dictador del Pepetela más distópico*. *Archivum*, 71. (1), pp. 115-150. https://www.researchgate.net/publication/357283648_Sua_excelencia_de_corpo_presente_novela_de_dictador_de_l_Pepetela_mas_distopico.

- Bhabha, Homi. K. (2018). On Disciplines and Destinations. In Sorensen, Diana (ed.). *Territories and Trajectories: Cultures in Circulation* (pp.1-12). Duke University Press.
- Bhabha, Homi. K. (2003). El entre-medio de la cultura. Hall, Stuart; Gay, Paul Du. *Cuestiones de Identidad Cultural* (pp. 94-106). Amorrortu Editores.
- Bhabha, Homi. K. (1998). *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Editora UFMG.
- Bhabha, Homi. K. (1990). *Nation and Narration*. Routledge, Taylor & Francis Group.
- Cabral, Amílcar (1978). O papel da cultura na luta pela independência. *A Armada da Teoria – Unidade e Luta*, (pp. 234-247). *Seara Nova*.
- Carvalho, Tania Franco (1991). Literatura comparada: estratégia interdisciplinar. *Rev. Bras. de Lit. Comparada*, 112 1 - 03/91. <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/1/1>.
- Carvalho, Aníbal Ifuquieto Daniel de (2018). *A Construção Axiológica do Herói: Aníbal d'A Geração da Utopia, de Pepetela* (Dissertação de mestrado). Covilhã. Universidade da Beira Interior. https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9942/1/6312_13325.pdf.
- Castro, Fernanda Gonçalves de (2014). *Utopia e distopia: testemunhar o mundo em Pepetela (estórias de cães, montanhas e predadores)* (Dissertação de mestrado). Funchal. Universidade da Madeira. <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/1480/3/MestradoFernandaCastro.pdf>.
- Conte, Daniel (2009). *Calados por Deus ou de como Angola foi arrasada pela história: os tons do silêncio no processo de construção da identidade angolana e sua representação na ficção de Pepetela* (Tese de Doutorado). Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15895>.

- Conte, Daniel, Nassr, Paula Terra (2016). A Ficção de Pepetela e a Ressignificação do Discurso da Revolução no Pós-Independência. *Estudos Linguísticos e Literários*. <https://www.scielo.br/j/rbh/a/BYhNvhkJFZq48y9QWvtSCDk/>.
- Côrtes, Daynara Lorena Aragão (2017). Produção pós-colonial: uma análise de *a geração da utopia* de Pepetela. *Universidade Federal de Sergipe*. <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/7996/2/ProducaoPosColonialPepetela.pdf>.
- Coutinho, Eduardo (2013). *Literatura comparada. Reflexões*. Annablume.
- Eco, Umberto (2014). *Tratado geral de semiótica*. Trad. de Antônio de Pádua Danesi e Gilson Cesar Cardoso de Souza. Ed. Perspectiva.
- Espírito Santo, Paula do (2010). The 2008 Angolan parliamentary elections. *Electoral Studies*, Volume 29, Issue 4, December, pp. 746-749. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S026137941000082X>.
- Fanon, Frantz (2004). *The wretched of the Earth*. Translation Richard Philcox. Grove Press.
- Farias, Vera Elizabeth Prola (2008). Identidade e história de Angola: *A geração da utopia*. *Letras de hoje*, v. 43, n. 4, pp. 89-98, out./dez. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/5634>.
- Ferreira, Tailze Melo (2003). História e Ficção em O desejo de Kianda, de Pepetela: uma abordagem intertextual. *Cad. Cespuc de Pesq.*, n. 11, p. 179-188. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/14863/11487>.
- Frith, Simón (2003). Música e identidade. In Hall, Stuart; Gay, Paul Du. *Cuestiones de Identidad Cultural* (pp. 181-213). Amorrortu Editores.
- Hall, Stuart (2017). *The Fateful Triangle: Race, Ethnicity, Nation*. Harvard University Press.

- Hall, Stuart (2006). *A identidade cultural da pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. DP&A.
- Hall, Stuart, Gay, Paul du (2003). *Cuestiones de identidade cultural*. Traducción Horacio Pons. Amorrortu Editores.
- Hall, Stuart (2003). *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovic, Tradução Adelaide La Guardia R., Ana C. E., Cláudia A., Francisco R., Sayonara Amaral. Editora UFMG.
- Hall, Stuart (1997). *Representation: cultural representations and signifying practices*. The Open University.
- Hall, Stuart (1992). "What Is This "Black" in Black Popular Culture?." *Social Justice*, Vol. 20, pp. 104-113. <https://www.socialjusticejournal.org/wp-content/uploads/2014/02/51Hall.pdf>.
- Hall, Stuart (1989). "Ethnicity: Identity and Difference." *Radical America*, Vol. 23, no. 4, pp. 9-22. Radical America. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:653687>.
- Hall, Stuart (1986). "The Problem of Ideology-Marxism without Guarantees." *Journal of Communication Inquiry*. v.10, n.2, pp. 28-44. <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/019685998601000203?journalCode=jcia>.
- Hall, Stuart (1985). "Signification, Representation, Ideology: Althusser and the Post-Structuralist Debates." *Critical Studies in Mass Communication*, v. 2, n.2, pp. 91-114. https://pages.mtu.edu/~jdslack/readings/CSReadings/Hall_Signification_Representation_Ideology.pdf.
- Jenkins, Paul, Robson, Paul, Cain, Allan (2002). City Profile Luanda. *Pergamon*, Volume 19, Issue 2, April, Pages 139-150. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0264275102000100>.
- Jose, Joveta (2008). Angola: independência, conflito e normalização. In Macedo, José Rivair (org.). *Desvendando a história da África* (pp. 159-179). Editora da UFRGS.

- Leão, Isabel Ponce de (2021). Lupis e Jacalupis (Pepeptela em topoi agónicos). *Anthropocena, Revista De Estudos Do Antropoceno E Ecocrítica*, Vol 2. <https://revistas.uminho.pt/index.php/anthropocena/article/view/3654/3679>.
- Luís, João Baptista Gime (2021). *Elites independentistas e Nacionalismo no século XX: Angola (1956-1975)* (Tese de Doutoramento). Lisboa. Universidade de Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Instituto Universitário de Lisboa, Universidade de Évora. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/49978/1/ulfljbglu%C3%ADs_td.pdf.
- Machado, Carolina Bezerra (2021). A construção do poder em Angola nos romances de Pepetela: os novos ricos e a apropriação do Estado no pós-independência. *Revista Brasileira de História*, 41 (86). <https://www.scielo.br/j/rbh/a/BYhNvhkJFZq48y9QWvtSCDk/?format=pdf&lang=pt>.
- Marzano, Andrea (2016). Cruzes e feitiços: Identidades e trocas culturais nas práticas fúnebres em Angola. *Varia Historia*, vol. 32, n. 59, p. 471-504, mai/ago. <https://www.scielo.br/j/vh/a/NzmDx5kMgmPgQRmNdY8hD7d/?format=pdf&lang=pt>.
- Mata, Inocência (2008). *Ficção e história na literatura angolana: o caso de Pepetela*. Edições Colibri.
- Mattos, Tatiane Reghini de (2013). *As vozes narrativas de Pepetela: A geração da utopia e Predadores* (Dissertação de mestrado). São Paulo. Universidade de São Paulo. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-30062014-122910/publico/2013_TatianeReghiniDeMattos.pdf.
- Nachilala, Ambrósio Bento Calembela (2021). *Representação alegórica de Angola em Pepetela: Estudo comparativo de O Cão e os Caluandas e Sua Excelência, de Corpo Presente* (Dissertação de mestrado). Covilhã. Universidade Beira Interior. https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/11977/1/8642_18776.pdf.

- Nitrini, Sandra (1994). Teoria literária e literatura comparada. *USP*, Estud. av. vol. 8 no. 22 Sept./Dec. <https://www.scielo.br/j/ea/a/kF6PFHq6QWRLvFHkF36KFzM/?format=pdf&lang=pt>.
- Oliveira, Denise da Silva, Oliveira, Marilu Martens (2014). Memória, identidade cultural e literatura: possibilidades de diálogos. *Revista Polyphonia*, v. 25/2, jul./dez. <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/38186/19336>.
- Oliveira-Neto, João Matias de (2016). O desafio do outro africano: formação da identidade e invenção da(s) África(s) a partir do romance a geração da utopia de Pepetela. *ODEERE*. <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/1543>.
- Paradiso, Silvio Ruiz (2011). A diáspora de Maria: relações sincréticas e culturais entre Nossa Senhora, Kianda e Nzuzu em O outro pé da sereia, de Mia Couto. *Revista Uniletras*, v. 33, n. 2, p. 253-267, jul./dez. <https://revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/2384>.
- Pepetela (2020). *Sua Excelência de Corpo Presente*. Kapulana.
- Pepetela (2013). *A geração da utopia*. LeYa.
- Pepetela (2000). *A Montanha da água Lilás*. Alfragide: Publicações Dom Quixote.
- Pepetela (1995). *O desejo de Kianda*. Alfragide: Publicações Dom Quixote.
- Pessela, Jeremias Dandula (2021). Alguns aspetos da Fonologia doumbundu. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. v.1, nº 2, p.77-95, jul./dez. <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/article/view/725>.
- Ramos Filho, Ricardo (2016). *A Montanha da Água Lilás: fábulas para todas as idades*. *Literartes*, [S.l.], n.5, p.287-290. <https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/115887>
- Renan, Ernest (1990). "What is a nation?" In Bhabha, Homi. K. (ed.). *Nation and Narration* (pp. 8- 22). Routledge.

- Retamal-Sánchez, Gonzalo (2020). Los conflictos de identidad angolana en *A Geracao da Utopia* de Pepetela. *Izquierdas*, vol.49. https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-50492020000100206&lang=pt.
- Ribeiro, Orquídea; Moreira, Fernando (2023). Olhares de resistência e denúncia em Uanhenga Xitu, Pepetela e Ondjaki. *E-Revista de Estudos Interculturais do CEI-ISCAP*, N.º11, maio. https://www.iscap.pt/cei/e-rei/n11/artigos/Art_9_Orqu%C3%ADdea%20Ribeiro%20&%20Fernando%20Moreira.pdf.
- Ribeiro, Orquídea Moreira, Moreira, Fernando, Pimenta, Susana (2019). Nzinga Mbandi: From To Myth. *Revista de Ciência e Tecnologia das Artes*. 11 n.1, p. 51-59. <https://revistas.ucp.pt/index.php/jsta/issue/view/463>.
- Ribeiro, Orquídea M. Moreira, Moreira, Fernando A. T. (2018). Luanda: Dinâmicas Urbanas e Representações Culturais. *Itinerários*, n. 46, p.187-201, jan./jun. <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/12236/8001>.
- Ribant, Daniel (2019). *L'Angola de A à Z: Nouvelle édition revue et augmentée*. Publisher: L'Harmattan.
- Sarró, Ramon (2021). Angola Imaginada: Nação, Guerra e Utopia na Ficção de Pepetela, de Alexandra Santos. *Análise Social*, lvi (1.º), 2021 (n.º 238), pp. 191-193. <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/n238a09.pdf>.
- Sartre, Jean-Paul (2004). Preface. In Fanon, Frantz. *The wretched of the Earth* (pp. XLIII-LXII). Translation Richard Philcox. Grove Press.
- Secco, Carmen Lucia Tindó Ribeiro (2022). Apocalipses e catástrofes: o lugar da distopia em narrativas contemporâneas da literatura e do cinema angolanos. *literAfricas*. <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/literafricas/literatura-angolana/1519-carmen-lucia-tindo-secco-apocalipses-e-catastrofes-o-lugar-da-distopia-em-narrativas-contemporaneas-da-literatura-e-do-cinema-angolanos>.

- Silva, Cibele Verrangia Correa da (2019). A melancolia de resistência como identidade: um estudo sobre as personagens Sem Medo e Aníbal das obras *Mayombe* e *A Geração da Utopia*, de Pepetela. *Revista Contexto*, n. 35, v 1. https://redib.org/Record/oai_articulo1839093-a-melancolia-de-resist%C3%A4ncia-com-o-identidade-um-estudo-sobre-personagens-sem-medo-e-an%C3%ADbal-das-obras-mayombe-e-a-gera%C3%A7%C3%A3o-da-utopia-de-pepetela.
- Sousa, José Raul, Santos, Simone Cabral Marinho dos (2020). Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. *Revista Pesquisa e Debate em Educação*, v. 10, n. 2, p. 1396-1416. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/31559/22049>.
- Staeger, Rob (2007). *Angola*. Mason Crest Publishers.
- Teixeira, Vanessa Ribeiro (2018). *O Desejo de Kianda*, de Pepetela: da emersão do mito aos desejos do povo. *Revista Literartes*, v. 1, n. 9. P. 168-172. <https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/150227/149930>.
- União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (2017). *“Casa dos Estudantes do Império: 50 anos, Testemunhos, Vivências, Documentos”*. UCCLA.
- Vieira, Maria Agripina Ferreira Carriço Lopes (2011). *Construção da identidade na ficção de Luandino, Pepetela e Agualusa* (Tese de doutoramento). Lisboa: Universidade de Lisboa. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6336/1/ulsd062771_td_tese.pdf.
- Wellek, René (1994). A crise da Literatura Comparada. In Coutinho, Eduardo F., Carvalhal, Tania Franco (Org.). *Literatura Comparada: textos fundadores* (pp. 109-119). Rocco.
- Weintraub, Beatriz Alicia (2003). A luta de Kianda pela manutenção dos costumes ancestrais. *Revista Scripta*. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12519/9831>.

Wheeler, Douglas; Pélissier, René (2009). *História de Angola*. Tintada-China.

Wijesinghe, Sarah N.R. (2020). Researching coloniality: A reflection on identity. *Annals of Tourism Research*, Volume 82, May, 102901. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2020.102901>.

Sobre os autores

Cláudio Donizett Silva. Aluno de doutoramento e mestrado em Ciências da Cultura pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). Licenciado em História e especializou em Docência e Gestão do Ensino Superior. Tem publicação temática sobre estudos de cultura e memória.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8074-2888>

Orquídea Moreira Ribeiro. Professor catedrático em Ciências da Cultura e da Comunicação na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). Investigador Integrado do Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias (CICANT). Membro da Rede Nacional de Estudos Culturais (RNEC) e da rede internacional Memoria y Narración (Oslo). Tem publicações temáticas sobre estudos de cultura, culturas africanas de língua portuguesa, identidade e memória, colonialismo e pós-colonialismo, entre outras.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7665-9627>

Fernando Alberto Torres Moreira. Professor catedrático em Cultura Portuguesa na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). Investigador Integrado do Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias (CICANT). Membro da Rede Nacional de Estudos Culturais (RNEC) e da rede internacional Memoria y Narración (Oslo). Tem publicações temáticas sobre cultura portuguesa, identidade e memória, colonialismo e pós-colonialismo, entre outras.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3729-9387>

A literatura africana de língua portuguesa possui um tesouro de narrativas que capturam as complexidades e nuances das sociedades pós-coloniais, a luta pela independência e a busca contínua por identidade e justiça social. Autores como Pepetela, entre outros, tecem histórias que não só refletem a realidade de seus países, mas também dialogam com questões universais de humanidade. A difusão dessas obras não só enriquece o entendimento sobre a diversidade cultural e histórica, mas também fortalece os laços entre os países lusófonos, promovendo um intercâmbio cultural profundo e significativo.

